REVISTA TAMISES

VOLUME XVIII - 2020

18

Academia de Letras da Grande São Paulo

Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul

TAMISES

VOLUME XVIII - 2020

REVISTA
DA ACADEMIA
DE LETRAS
DA GRANDE
SÃO PAULO

PRO BONO
ET BELLO

mulți prinți tineri își pierduseră viața. Oricine
ceară mâna; putea fi un cerșetor sau un prinț, pen
nu conta. Îi cerea să ghicească trei lucruri la care se
dea și, dacă reușea, el se căsătorea cu ea și dever

REVISTA
TAMISES
VOLUME XVII - 2019

ACADEMIA
DE LETRAS
DA GRANDE
SÃO PAULO

Coordenação Geral
Maria Zulema Cebrian

Revisão
Maria Zulema Cebrian
Gonçalo Júnior
Roberto de Carvalho

Secretaria e Coordenação
Maria Aparecida Mancini Fedatto

Editoração
Maria Zulema Cebrian
Maria Aparecida Mancini Fedatto

Projeto Gráfico e Capista
Roberta Giotto
Impressão
Gráfica C S Eireli

Copyright@2020 – da ALGRASP

Permitida a reprodução de textos originais, mesmo parciais, e por qualquer processo, com autorização da ALGRASP

Os conceitos emitidos pelos articulistas e/ou manifestantes são de inteira responsabilidade de seus autores.

Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255
Santa Paula - CEP.: 09521-520
São Caetano do Sul – SP
Tel.(0xx) 11 4221-1643

www.algrasp.com.br
academiadeletrassp@gmail.com

Composto em sistema de editoração eletrônica
Impresso no Brasil

DIRETORIA
Presidente de Honra
José Auricchio Júnior
Presidente
Maria Zulema Cebrian
Vice-Presidente
José Roberto Espíndola Xavier
Secretário
André Aparecido Bezerra Chaves
Tesoureiro
Sebastião G. Ferreira Gomes
Coordenação da Biblioteca
Maria do Céu Formiga de Oliveira
Diretora Adjunta do Cerimonial de Solenidades
Eva Bueno Marques
Conselho Fiscal
Humberto Domingos Pastore
João Bosco
José Bueno Lima

CADEIRA
01

Patrono:
Gustavo Teixeira
Acadêmico:
SEBASTIÃO GERALDO FERREIRA GOMES

CADEIRA
02

Patrono:
Olavo Bilac
Acadêmico:
VAGA

CADEIRA
03

Patrono:
Guilherme de Almeida
Acadêmico:
MARIA ZULEMA CEBRIÁN

CADEIRA
04

Patrono:
Rui Barbosa
Acadêmico:
AGNALDO L. SACRAMENTO

CADEIRA
05

Patrono:
Lima Barreto
Acadêmico:
MILTON BIGUCCI

CADEIRA
06

Patrono:
Machado de Assis
Acadêmico:
ANDRÉ APARECIDO BEZERRA CHAVES

CADEIRA
07

Patrono:
Raul de Leoni
Acadêmico:
VAGA

CADEIRA
08

Patrono:
Monteiro Lobato
Acadêmico:
MÁRIO PORFÍRIO RODRIGUES

CADEIRA
09

Patrono:
Rinaldo Gissoni
Acadêmico:
ANA MARIA STOPPA

CADEIRA
10

Patrono:
José de Anchieta
Acadêmico:
PADRE JORDÉLIO SILES LEDO

CADEIRA
11

Patrono:
Rocha Pombo
Acadêmico:
VAGA

CADEIRA
12

Patrono:
Herculano Pires
Acadêmico:
ANA CRISTINA SILVA ABREU

CADEIRA
13

Patrono:
Alberto Torres
Acadêmico:
VAGA

CADEIRA
14

Patrono:
Álvares de Azevedo
Acadêmico:
JOSÉ BUENO LIMA

CADEIRA
15

Patrono:
Martins Fontes
Acadêmico:
VAGA

CADEIRA
16

Patrono:
Euclides da Cunha
Acadêmico:
CLÓVIS ROBERTO DOS SANTOS

CADEIRA
17

Patrono:
José de Alencar
Acadêmico:
JOSÉ CARLOS DONADÃO

CADEIRA
18

Patrono:
Judas Isgorogota
Acadêmico:
VAGA

CADEIRA
19

Patrono:
D. Aquino Correa
Acadêmico:
HUMBERTO DOMINGOS PASTORE

CADEIRA
20

Patrono:
Mário de Andrade
Acadêmico:
SÉRGIO BALLAMINUT

CADEIRA
21

Patrono:
José Lins do Rego
Acadêmico:
GONÇALO JÚNIOR

CADEIRA
22

Patrono:
Castro Alves
Acadêmico:
JOSÉ JÚLIO FERNANDES

CADEIRA
23

Patrono:
Tristão de Athayde
Acadêmico:
VAGA

CADEIRA
24

Patrono:
Alberto de Oliveira
Acadêmico:
JOSÉ ROBERTO E. XAVIER

CADEIRA
25

Patrono:
Vinicius de Morais
Acadêmico:
ALCIDÉA MIGUEL DE SOUZA

CADEIRA
26

Patrono:
Cecília Meireles
Acadêmico:
EVA BUENO MARQUES

CADEIRA
27

Patrono:
Jorge Andrade
Acadêmico:
VAGA

CADEIRA
28

Patrono:
Catulo da Paixão Cearense
Acadêmico:
JOÃO BOSCO DOS SANTOS

CADEIRA
29

Patrono:
Humberto de Campos
Acadêmico:
ROBERTO DE CARVALHO

CADEIRA
30

Patrono:
Augusto dos Anjos
Acadêmico:
VAGA

CADEIRA
31

Patrono:
Gonçalves Dias
Acadêmico:
VAGA

CADEIRA
32

Patrono:
Manuel Bandeira
Acadêmico:
CLAUDIO ROGÉRIO BRACO

CADEIRA
33

Patrono:
Amadeu Amaral
Acadêmico:
JOSÉ RAMOS VITORINO

CADEIRA
34

Patrono:
Carlos Drumond de Andrade
Acadêmico:
DANIEL BELUCCI CONTRO

CADEIRA
35

Patrono:
Plínio Salgado
Acadêmico:
VAGA

CADEIRA
36

Patrono:
Cora Coralina
Acadêmico:
SILMARA R. CASADEI

CADEIRA
37

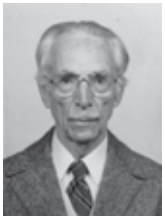
Patrono:
Afonso Schmidt
Acadêmico:
CELSO DE ALMEIDA CINI

CADEIRA
38

Patrono:
Mário Quintana
Acadêmico:
MARIA DO CÉU FORMIGA DE OLIVEIRA

CADEIRA
39

Patrono:
Casemiro de Abreu
Acadêmico:
VAGA



CADEIRA
40

Patrono:
Guimarães Rosa
Acadêmico:
PAULO DE SOUZA RAMOS

SÓCIO CORRESPONDENTE

CARMEN LÚCIA HUSSEIN

FLÁVIO MELLO

ANA LUIZA ALMEIDA FERRO

VALDÍVIA BEAUCHAMP

mulți prinți tineri își pierduseră viața. Oricine
ceară mâna; putea fi un cerșetor sau un prinț, pen
nu conta. Îi cerea să ghicească trei lucruri la care
dea și, dacă reușea, el se căsătore

mulți prinți tineri își pierduseră viața. Oricine
ceară mâna; putea fi un cerșetor sau un prinț, pen-
nu conta. Îi cerea să ghicească trei lucruri la care
dea și, dacă reușea, el se căsătore

SUMÁRIO

17 **Pronunciamento**

19 **Profissão de Fé Acadêmica**

21 **Atividades Realizadas pela Academia de Letras**

25 **Intercâmbio Revista Tamises 17**

29 Necrológio

_ NECROLÓGIO PARA GIOCONDA LABECCA

30 ***Eva Bueno Marques***

32 ***Maria Zulema Cebrian***

_ NECROLÓGIO PARA MARIO DAL'MAS

34 ***Maria Zulema Cebrian***

36 ***Eva Bueno Marques***

39 Textos

40 ***Maria Zulema Cebrian***
_VIAJANTES E MISSIONÁRIOS

47 ***Celso de Almeida Ceni***
_AFONSO SCHMIDT -
ESCRITOR DESCONHECIDO?

56 ***Ana Cristina Silva Abreu***
_O TROVADOR E A REPRESENTAÇÃO
FEMININA NA CANTIGA LÍRICA

67 ***Sérgio Ballaminut***
_MÁRIO DE ANDRADE:
A ROSA DO POVO ABERTA...

71 ***Gonçalo Júnior***
ENCONTRO MARCADO COM FERNANDO SABINO

79 ***Flávio Mello***
A CONVERSÃO E O CRISTO NA TOTALIDADE POÉTICA DE JORGE DE LIMA

92 ***José Bueno Lima***
MOACYR SCLIAR

95 ***Eva Bueno Marques***
INÊS DE CASTRO E O PRÍNCIPE PEDRO, DE PORTUGAL - LAÇOS ETERNOS DE AMOR

103 ***Maria do Céu Formiga de Oliveira***
O ISOLAMENTO SOCIAL E OS AVESSOS DA VIDA

106 ***André Chaves***
CORAÇÃO BUCÓLICO: AS RAÍZES SENTIMENTAIS DE J. R. R. TOLKIEN NA COMPOSIÇÃO DO CONDADO DOS HOBBITS

118 ***Humberto Domingos Pastore***
UM OLHAR PARA O ENSINO BRASILEIRO

124 ***Clóvis Roberto dos Santos***
SAUDADES DE MIM... E DELA...

133 ***Alcidéa Miguel de Souza***
CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: EIXO CONDUTOR PARA O CONHECIMENTO

136 ***Milton Bigucci***
O BRASIL QUE EU QUERO

138 ***João Bosco dos Santos***
OS LIVROS DA MINHA ADOLESCÊNCIA

143 Poesias

144 ***Sebastião Geraldo F. Gomes***
TEMPOS QUE NÃO SORRIRAM
MUDAR NÃO ADIANTA
MEU SENTIMENTO...
RODA DOS DESESPERADOS
BRIGAS DE NÓS DOIS
CORAÇÃO AVENTURA

148 ***Rinaldo Gissoni***
O REI SONETO
FUGA PARA O EGITO
O HOMEM DA MÃO SECA
ASHVERO

150 ***Gioconda Labecca***
OLHAI!
SEM QUEIXAS
DUALIDADE
CONFORMISMO

153 Discursos de Posse

154 ***José Roberto E. Xavier***
DISCURSO DE APRESENTAÇÃO

159 ***Sérgio Ballaminut***
PRONUNCIAMENTO DE POSSE

165 ***Gonçalo Junior***
PRONUNCIAMENTO DE POSSE

mulți prinți tineri își pierduseră viața. Oricine
ceară mâna; putea fi un cerșetor sau un prinț, pent
nu conta. Îi cerea să ghicească trei lucruri la care se
dea și, dacă reușea, el se căsătorea cu ea și deveea

mulți prinți tineri își pierduseră viața. Oricine
ceară mâna; putea fi un cerșetor sau un prinț, pe
nu conta. Îi cerea să ghicească trei lucruri la care se
dea și, dacă reușea, el se căsătorea cu ea și deve

Apresentação

Maria Zulema Cebrian

Presidente da Academia de Letras da Grande Sao Paulo

Celebramos com a costumeira euforia o romper do ano 2020. No entanto, uma notícia abalaria e transformaria a estabilidade física, mental e financeira de toda a humanidade: o novo *Covid 19*, pôs o Planeta em estado de alerta, insegurança e medo. Vimo-nos a mercê de desconhecido vírus sobre o qual nada se sabia.

Imediatamente, um mecanismo de extrema urgência precisou ser estabelecido e as diretrizes para este momento extraordinário foram decretadas. Era preciso proteger a população estabelecendo medidas restritivas para evitar que o mal se alastrasse. O Ministério da Saúde, veio a público e apresentou a única maneira de frear o contágio em massa: quarentena, isolamento social e o uso de máscara. Assim, tudo ficou estagnado.

O País parou.

A Academia de Letras da Grande São Paulo, como não poderia deixar de ser, seguiu à risca as medidas que vinham sendo aplicadas em todo o Estado e, para consegui-lo nos empenhamos em dar continuidade aos projetos literários da Casa, passando a trabalhar em home office e, procurando nos adaptar ao novo *status quo*. Foi necessário enfrentar e superar as dificuldades e buscar, durante o isolamento, a realização de nosso objetivo primeiro: o cultivo da língua pátria.

Superamos as dificuldades. Temos a satisfação do dever cumprido, um trabalho incansável que nos impediu de esmorecer diante das adversidades.

Apresentamos-lhes com orgulho e satisfação a Revista Tamises 18.

Profissão de Fé Acadêmica

POSSA A MINHA INTELIGÊNCIA
ESTAR SEMPRE
A SERVIÇO DO BEM E DO BELO

QUE O MEU TALENTO SIRVA
À PERFEIÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

QUE EU POSSA, SEMPRE, TRANSMITIR
MENSAGENS DE PAZ, AMOR E CONFIANÇA

ASSIM ESTAREI RECOMPENSADO
DOS MEUS ESFORÇOS

mulți prinți tineri își pierduseră viața. Oricine
ceară mâna; putea fi un cerșetor sau un prinț, pe
nu conta. Îi cerea să ghicească trei lucruri la care se
dea și, dacă reușea, el se căsătorea cu ea și deve

Atividades Realizadas em 2020

Devido à Pandemia que assolou o mundo as atividades presencias da Academia de Letras da Grande São Paulo, obedecendo ao Decreto Lei 11.519/20 publicado pelo Município, foram canceladas. Como não poderia deixar de ser, seguimos à risca as medidas decretadas. Superamos dificuldades e nos empenhamos na realização de obras literárias, palestras e *lives* permitindo-nos, uma vez mais, alcançar nossa meta: o cultivo da língua pátria.

As edições anuais desta Casa não deixaram de ser produzidas. A Antologia Literária em sua terceira edição, com o tema Solidão Urbana e a Revista Tamises em sua décima oitava edição foram entregues aos Acadêmicos em 10 de dezembro, na sede da Academia.

No mês de janeiro a Academia de Letras da Grande São Paulo, estava em Recesso. Em fevereiro a Academia de Letras da Grande São Paulo realizou a primeira Reunião Mensal do exercício de 2020. Foram apresentados os objetivos para o ano em curso e as providências administrativas e operacionais necessárias.

PUBLICAÇÕES E PALESTRAS ON-LINE

Cadeira 03
Maria Zulema Cebrian
Costurando Sonhos - Crônicas
Entrevista na Estação ABC

Cadeira 14
José Bueno Lima
Tempos Transcorridos! - Crônicas

Cadeira 16
Clóvis Roberto dos Santos
Educação escolar Brasileira, do sistema de ensino ao aluno

Cadeira 20
Sérgio Ballaminut
Fazendeiro do Tempo, Mensageiro do Ar - Poesia

Cadeira 21
Gonçalo Junior
Um coração que chora - Jacob do Bandolim - Biografia
Rodolfo Zalla - O sentido de Tudo - Biografia

Cadeira 25
Alcidéa Miguel
Gully o monstrinho amigo - infantil
Um amor Feito Tatuagem - Romance
Palestras on line: Contando Histórias:
Ainda há tempo para a esperança
Para deficientes visuais e auditivos
(para crianças de 03 a 14 anos)
Tradução em libras

Cadeira 28
João Bosco dos Santos
Canhotinho – Uma História Musical - Biografia

Cadeira 29
Roberto Carvalho
Resgate e Libertação - Romance

Cadeira 38
Maria do Céu Formiga
Em Lugar Dentro de Mim – Poesias e Aquarelas

Sócio Correspondente

Valdivia Beauchamp
Parnamirim - Base norte-americana nos trópicos – 1939-1944 (edição em inglês)
Uma História Inclusiva - Romance
A Napoleão a Culpa - Romance

Flávio Mello
As três fases da poesia Romântica Brasileira
Palestra on-line

Ana Luiza Almeida Ferro
Premiada pela PEN Internacional – sede Brasil, com o monólogo
" O mundo cabe no meu quarto"
Projeto – Monólogos Históricos: Confinamento e Reclusão - 2020

Maria Zulema Cebrian
Presidente da Academia de
Letras da Grande Sao Paulo

mulți prinți tineri își pierduseră viața. Oricine
ceară mâna; putea fi un cerșetor sau un prinț, pe
nu conta. Îi cerea să ghicească trei lucruri la care se
dea și, dacă reușea, el se căsătorea cu ea și deve

Intercâmbio

Revista Tamises n° 17

No ano de 2019 a **ACADEMIA DE LETRAS DA GRANDE SÃO PAULO,** através de intercâmbio cultural, divulgou sua revista ***Tamises nº 17*** com diversas Academias de Letras do Brasil, jornais, jornalistas, entidades de classe, e, visitantes.

Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, RJ;
Academia Paulista de Letras, São Paulo, SP;
Academia de Letras da Bahia, Salvador, BA;
Academia Paranaense de Letras, Curitiba, PR;
Academia de Letras do Vale do Iguaçu, União da Vitória, PR;
Academia de Letras de Rondônia, Porto Velho, RO;
ABEC-Academia Bras.Educ. Cult.Ltda., Rio de Janeiro, RJ;
Academia Amazonense Letras, Manaus, AM;
Academia Cachoeirense de Letras, Cachoeira de Itapemirim, ES;
Academia Carioca de Letras, Rio de Janeiro, RJ;
Academia Cearense de Letras, Fortaleza, CE;
Academia das Letras do Noroeste de Minas, Paracatu, MG;
Academia de Ciências e Letras de Conselho Lafaiete, MG;
Academia de Ciências e Letras de Maricá, Marica, RJ;
Academia Guanabarina de Letras, Rio de Janeiro, RJ;
Academia de Letras Ciências e Artes de Manaus, Manaus, AM;
Academia de Letras e Artes do Planalto, Luziânia, GO;
Academia Caxiense de Letras, Caxias, MA;
Academia de Letras do Brasil Mariana, Mariana, MG;
Academia Poços Caldense de Letras, Poços de Caldas, MG;
Academia Pouso-Alegrense de Letras, Pouso Alegre, MG;
Ateneu Angreense de Letras e Artes, Angra dos Reis, RJ;
Academia Fluminense de Letras, Rio de Janeiro, RJ;
Academia Santo-Angelense de Letras, Santo Ângelo, RS.

AFEMIL – Academia Feminina Mineira de Letras, MG
Associação Cultural Raul Pompeia, RJ

Nota: Recebemos de todas as Academias
agradecimentos, revistas, jornais, e livros dos mesmos.

Jornal Diário do Grande ABC, jornalista Ademir Médici;
Jornal A Tribuna do ABC jornalista Antonio Júlio P. de Moraes;
Jornal ABC News;
Rudge Ramos Jornal;
Jornal Folha de São Caetano;
Jornal ABC Repórter;
Jornal ABCD Maior;
Jornal Folha do ABC;
Jornal Politika do ABC;
Jornal de São Caetano;
Jornal Giro ABC;
Jornal Hoje Jornal;
Jornal Gazeta de São Paulo;
Jornal O Estado de São Paulo;
Jornal Folha de São Paulo;
Jornalista Arnaldo Niskier, Jornal das Letras;
Jornalista Aníbal Cavalcanti;
Jornalista Umberto Del Maestro;
Jornal Ateneu Angreense de Letras;
Jornal Tribuna de Lavras;
Jornalista Ivis Gandra Marins;
Jornalista Márcia Dutra;
Neide B. Rego, Escritora e Jornalista;
Dr. William Mofitt, Academia dos Escritores Médicos;
Vencedores do último Concurso de Contos e Dissertações, promovido pela Algrasp;
Ong Sebo Cultural de Campanha;
Vencedores do Concurso Literário Nicola Tortorelli.

---

mulți prinți tineri își pierduseră viața. Oricine
ceară mâna; putea fi un cerșetor sau un prinț, pent
nu conta. Îi cerea să ghicească trei lucruri la care se
dea și, dacă reușea, el se căsătorea cu ea și deveea

Necrológio

GIOCONDA LABECCA

Eva Bueno Marques

Há mais de três décadas, recém-empossada na Algrasp, com muita alegria, fui assistir à esperada posse da nova acadêmica, uma poetisa famosa de São Paulo, que viria enriquecer o Sodalício com suas qualidades de amante das letras. Foi uma noite festiva, na antiga sede da Academia, na Rua Bauru, em São Bernardo do Campo.

Aquela mulher elegante, logo conquistou a todos os presentes com seu porte altivo e seu brilho interior. Era a poetisa Gioconda Labecca, a quem tive a honra de conhecer naquela noite e que, desde então, me encantou. Seu discurso de posse, proferido em versos, colocou de pé todo o auditório, que a aplaudiu calorosamente.

Depois, com o passar do tempo, fomos nos aproximando e a admiração aumentava.

Autora de lindos sonetos, seus livros atraem do início ao fim. Sua sensibilidade nos comove tanto em versos como em prosa. E sua memória, então? Privilegiada! Impressionava a todos com sua dicção e interpretações perfeitas.

Parece que seus lindos versos já nasciam prontos e voando vinham pousar no papel, onde as rimas os esperavam. Com que leveza e inspiração construía a sonoridade das poesias, germinadas de seu coração de poeta para florir os jardins de tantas pessoas que a conheceram e admiram o seu contínuo trabalho de composição poética.

Querida Gioconda, você soube multiplicar muito bem os talentos que Deus lhe deu e os colocou ao deleite de seus leitores, que se sentiam em estado de graça quando ouviam ou liam os seus versos.

O que seria deste mundo sem poesia, querida? Você nos mostrou que elas são as asas que nos fazem voar, as sementes onde depositamos nossos sonhos e os sorrisos de alegria para as agruras da vida. Quanto aprendi com você! Em nossas longas conversas pude descobrir um coração altruísta, que tanto bem fez ao próximo. Minha conterrânea de Minas, como falamos de nossa gente, de nossos costumes, de nossas comidas! Não perdi a oportunidade de matar a sua vontade dos biscoitos de polvilho, que você adorava e saboreava-os como se fossem o manjar dos deuses.

Oh! Nossa poetisa maior, seus cabelos loiros combinando com a tez clara emolduraram o rosto de uma mulher grandiosa, com uma fé inabalável. E hoje, bem no dia de Nossa Senhora do Carmo, que lhe emprestou o nome, eu me encontro a lhe dedicar estas simples palavras como homenagem póstuma, bem no dia em que você chegou a este mundo. Quis Deus que você fosse comemorar com ele o seu aniversário, deixando-nos a saudade e sua lembrança inesquecível.

Será um dia de festa no Céu, quando você com sua voz impostada e trêmula de emoção, declarar, em versos, seu profundo amor a Jesus, como você dizia aqui: "Tudo devo a Deus que me criou e a Jesus que me acompanha em todos os momentos". E no final, os anjos a aplaudirão com belos cânticos, para comemorar o encontro grandioso do Criador com sua criatura recém-chegada, tão especial: a poetisa do nosso coração, Gioconda Labecca!

Siga em paz, querida, o céu lhe pertence! T

Eva Bueno Marques
Cadeira 26 – Patrono Cecília Meireles
São Caetano, 14 de julho de 2020.

GIOCONDA LABECCA

São Caetano do Sul, 14 de julho de 2020

Querida e pranteada companheira, irmã e Confreira, Acadêmica Gioconda Labecca. Nenhum temor, nenhuma angustiosa sombra, nenhum mal físico, nenhuma dor, poderá causar tristezas ou amarguras à sua alma benfazeja.

Companheira e amiga das horas agradáveis vivenciadas em nossa Academia. Nosso encontro foi repleto de grandes realizações, para você e para nós que tivemos a oportunidade bendita desse convívio.

Sua trajetória agora se deposita nas mãos de Cristo para o julgamento final. No entanto, suas qualidades, seu talento, sua fidelidade, como mulher, mãe amorosa e avó dedicada que somada ao seu talento criativo permeou e permeará esta nova trajetória. Nascemos para conhecer, amar e servir ao Pai, presente em cada um de nós.

Amiga Gioconda Labecca, sabemos que a morte não existe; ela é apenas uma porta que se abre, deixamos este vale de lágrimas para adentrarmos ao plano celestial, onde a luz a paz e a felicidade que tanto procuramos em vida nos espera. Na eternidade não há sofrimento, desamor, conflitos e todas as vaidades deixam de existir. Para além dessa porta está a luz que permeará nosso caminho junto ao Pai. Suas conversações, seus colóquios, e sua maneira de expressar encantarão as academias celestiais, onde seus versos recitados com a suavidade do gorjeio das aves serão dedilhados pela melodia da alma.

Nossa poetisa se foi para iluminar outro plano — o celestial. A literatura perde a expressão máxima do sonetista; nós os membros da Academia de Letras da Grande São Paulo, perdemos a amiga, nossa inspiração de força e coragem no árduo caminho da literatura.

Um dia voltaremos, lado a lado a desfrutar dessa glória e juntos recordaremos os grandes momentos que desfrutamos aqui, unindo-nos para sempre na Eternidade.

Até breve, confreira e amiga valorosa Gioconda Labecca. T

Maria Zulema Cebrian
Presidente
Cadeira 03 - Patrono Guilherme de Almeida

MARIO DAL'MAS

Maria Zulema Cebrian

São Caetano do Sul, 16 de outubro de 2019

Querido e pranteado companheiro, irmão e Confrade, Acadêmico Mário Dal'Mas

Nada mais o assombra neste momento! Sua alma benfazeja segue em direção à vida eterna junto ao Pai. Sua alma e seu espírito, agora estão nas mãos de Cristo

Amigo, ilustre que nos presenteou em vida com sua alegria e vontade de viver. Companheiro, amigo e ilustre colega nesta jornada literária, companheiro na exaustiva divulgação e aprimoramento da língua mãe.

Líder Autonomista que lutou com galhardia e generosidade de alma diante das dificuldades pela autonomia da cidade de São Caetano do Sul. Amigo nas agradáveis horas e em amistosas tertúlias.

Foi para isto que nascemos: para conhecer, amar e servir ao Pai Celeste, presente em cada semelhante, nossos companheiros de jornada com quem convivemos aqui na Terra.

A morte é apenas uma porta que se abre para que possamos adentrar ao mundo celestial e eterno, deixando de lado o sofrimento e este vale de lágrimas. Na casa de Meu Pai há muitas moradas – João 14, Versículo 1-23. Aí não existem dores, tristezas, desamor ou conflitos. Para além dessa porta está o mundo de reconciliação, de perdão e de amor que o Altíssimo nos concede, onde podemos frequentar academias celestes, aprendendo o despojamento das coisas materiais que nos perseguem e sobrecarregam neste mundo de sustos e atropelos, onde os vivos se agitam em busca da paz.

A morte, é, portanto, meio e não fim. Único meio de transitar em direção à beleza da eternidade divina. É nossa travessia. E ninguém e nada pode subtrair-nos a essa passagem. E sozinhos e despidos como viemos, retornaremos definitivamente à eternidade.

Confrade Mário Dal'Mas, que o Todo Poderoso o ilumine que seu espírito imortal possa caminhar pela senda da Luz Eterna.

Um dia haveremos de fruir lado a lado dessa glória e juntos, relembraremos os grandes e bons momentos que desfrutamos aqui, o que nos unirá para sempre na Eternidade. Portanto, aqui fica o nosso até breve, confrade e amigo valoroso Mário Dal'Mas, até breve!

Maria Zulema Cebrian
Presidente
Cadeira 03 - Patrono Guilherme de Almeida

MÁRIO DAL'MAS

Eva Bueno Marques

Ainda há pouco, menos de um mês, tive o prazer de conversar pessoalmente com o Senhor e lhe dizer de seu amor e importância para a cidade de São Caetano do Sul. Só não pensei que seria a última vez que nos encontrávamos.

Caro amigo, só tenho lembranças boas do senhor, a linda festa de sua posse na Academia, em que decorou o Senai com tons verdes e amarelos e seu discurso inflamado sobre Alberto Torres foi o ponto alto daquela linda festa, em 1996.

Suas palestras sobre Einstein, para as quais sempre me convidava. Os convites para jantares, que tive a honra de estar entre seus amigos convidados. Engenheiro, escritor, poeta, jornalista, teatrólogo, destacado orador com retóricas brilhantes, foi um dos fundadores do Jornal São Caetano e do Hospital São Caetano, sem esquecer que fundou a APAE de São Caetano do Sul e seu primeiro Presidente.

Na grandeza de sua mocidade, apaixonou-se pela causa regionalista, o grito de independência que agitava os meios políticos de São Caetano e, nessa luta, ao lado de companheiros de mesmo ideal, conseguiu a tão sonhada autonomia, desmembrando São Caetano do território de Santo André, em 1948.

Tão importantes foram seus feitos, que o colocamos na galeria dos mais ilustres sul sancaetanenses de sua história. Benemérito batalhador, espírito de caridade cristã, fidalgo, empreendedor, consciente de seus deveres, nos mais significativos momentos de interesse da coletividade.

"Lembrando a Autonomia", sua poesia épica que tive o prazer de fazer uma breve apresentação para publicação e depois, apresentá-la em jogral, na Academia de Letras, retrata a luta incansável dos valentes autonomistas, marco heroico na história da cidade.

E, também, um hino de amor, escrito por um idealista, que ressoará docemente aos corações das gerações futuras para aí plantar a devoção e o espírito de civismo à cidade de São Caetano. Em seus versos livres, nosso poeta Dal'Mas colocou toda a sua alma de filho valente e amoroso, exemplo de dedicação à toda a coletividade, tão bem representada por ele.

Vá em paz, amigo, pois sua missão foi cumprida com abnegação. Deus o receba de braços abertos para a Sua glória eterna. Junto com nossas saudades queremos lhe demonstrar, pela última vez, o nosso carinho, nossa amizade e admiração pelo ser humano extraordinário que tivemos o prazer de conhecer e conviver, nesta vida.

Paz e o descanso eterno, querido amigo! T

Eva Bueno Marques
Cadeira 26 – Patrono Cecília Meireles
São Caetano do Sul, 16 de outubro de 2019.

Textos

VIAJANTES E MISSIONÁRIOS

Maria Zulema Cebrian

O descobrimento do Brasil se tornou conhecido do mundo após o movimento chamado Renascimento, que coincidiu com o alvorecer do período quinhentista português, com as figuras de Luiz de Camões, Gil Vicente, Sá de Miranda e tantos outros nomes das letras.

Era evidente que a nova colônia, descoberta pelos ousados navegadores da Península, sofreria as influências literárias portuguesas. A preponderância da marcante tendência dos nossos escritores, direcionados para a crônica histórica e para o teatro popular, pode ser percebida sem dificuldade.

Por outro lado, o barroco, que trazia consigo as correntes cultista e conceptista iria, também influenciar, mais tarde, as nossas primeiras tentativas literárias; porém as grandes descobertas marítimas revelando aos olhos dos homens do mar a beleza exuberante das terras conquistadas, levaram os cronistas a testemunhar com a maior fidelidade possível, apenas o espetáculo deslumbrante das paisagens acariciadas pela "esplêndida magnificência" (1) do firmamento, que maravilhava os bravos marujos lusitanos.

Na busca por consolidar o feito do descobrimento, a Corte enviava para o Brasil-Colônia cortesãos e catequizadores. Em contrapartida os missionários visavam, tão somente, conquistar os silvícolas para a fé cristã.

Afrânio Coutinho, com muita propriedade afirma: "Nossa evolução literária permite encontrar em todas as épocas transição simultânea a carta de Pero Vaz de Caminha, que inicia entre nós a literatura do conhecimento da terra, e que é, por isso mesmo, o primeiro e eminente documento de inesgotável "brasiliana", parece ter sido o prelúdio comum a toda "coisa escrita" brasileira".

Se considerarmos a inexistência de uma literatura propriamente brasileira, poderemos observar, durante e ainda após o período colonial, a elaboração de duas formas de expressão literária: de um lado a mera continuação da literatura lusitana culta obediente aos cânones de formas clássicas, apenas modificada por fatores locais; de outro lado, a falta de contato mais profundo com essa mesma literatura erudita de quem quase nada recebia contribuindo apenas com poesia anônima, presa às tradições medievais da Península Ibérica e que caracterizava duas raças: a negra e a indígena, tidas como inferiores.

Durante o reinado de Dom Manuel, as atenções da Corte direcionavam-se para as Índias, enquanto o Brasil permanecia esquecido a oeste das Tordesilhas. Quando D. João III subiu ao trono, apesar de sua medíocre vocação intelectual, antevendo o futuro da primitiva Terra de Santa Cruz, determinou sua divisão em Capitanias Hereditárias, fato esse que favoreceria movimentos migratórios com condições para formar os primeiros núcleos sociais.

E, de fato, os portugueses aqui aportados logo se mesclaram com os aborígenes. Anos depois, os padres jesuítas desembarcavam em terras brasílicas para cumprir missão catequética. Formaram-se duas classes sociais, e surgiram inevitavelmente duas espécies de literatura: a dos viajantes e a dos missionários.

É perfeitamente compreensível que os navegantes, através de seus relatórios diários de navegação, cartas, etc., procurassem descrever seus feitos, visando o desenvolvimento econômico da colônia e do Reino. Tais documentos formaram as bases para o estudo de nossa História, de nossa Geografia e de nossa Etnografia, embora destituídos de conteúdo e valor literário.

Essa literatura tem início com a "Carta de Pero Vaz de Caminha", secundada pela "Carta de Américo Vesp**úcio"** e pelo "Diário de Navegação de Pero Lopes de Sousa", a quem "devemos tudo quando de mais averiguado sabemos dessa expedição, que a apresentou no Cabo de Santo Agostinho em janeiro de 1531, para se refazer de mantimentos, na Ribeira Grande, perto da cidade capital do arquipélago de Cabo Verde". (2)

Sem que se possa enquadrar como literatura brasileira, as obras do alemão Hans Staden, André Thevet e Jean Lery ofereceram inestimável contribuição para que o Brasil Colônia se tornasse conhecido no século XVI.

Pero Vaz de Caminha

Nasceu em meados do século XV, na cidade do Porto. Ocupou cargo de escrivão da armada de Cabral. Morreu trucidado pelos comerciantes maometanos de Calicute, em 1500. Escreveu de Porto Seguro a D. Manuel, a famosa carta datada em primeiro de maio de 1500, relatando o Descobrimento. Sua narrativa é considerada como um dos mais belos retratos do Brasil primitivo.

Esta célebre carta foi conservada na Torre do Tombo, em Portugal, até 1817, quando veio a público, pela primeira vez, na Corográfica Brasílica do Padre Manuel Aires de Casal, que recebera do rei alvará concedendo-lhe "privilégio exclusivo por tempo de catorze anos, para que nenhum livreiro, impressor, ou outra pessoa qualquer possa vender, imprimir, ou introduzir nestes Reinos seus domínios a obra intitulada Corografia Brasílica". (3).

O documento, que apresenta características de estimável valor, foi escrito em português arcaico, e, com o tempo, tornou-se objeto de estudos filológicos. Sua linguagem é pitoresca, viva, de agradável realismo. Não apresenta linguagem erudita, mas se caracteriza pela minúcia e singeleza, com que são narrados os fatos.

Caminha procura relatar, através de notória sinceridade ao Rei, a descoberta proposta, seus primeiros contatos com os habitantes da terra e a confiança que se estabelecera entre os europeus e os silvícolas.

Vejamos um trecho da carta:

"*A feição deles é serem pardos, maneira d'avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura, nem estimam nenhuma coisa cobrir, nem mostrar suas vergonhas, e estão acerca disso com tanta inocência como tem em mostrar o rosto; traziam ambos os beiços debaixo*

furado, e metido por eles senhos nossos d'osso brancos de compridão de uma mão travessa, e de grossura de um fuzo d'algodão, e agudo na ponta, como furador. Metem-nos pela parte de dentro do beiço, e o que lhe fica entre o beiço e os dentes é feito como roque d'enxadrez; e em tal maneira o trazem ali encaixado que lhes não dá paixão, nem lhes torva a fala, nem comer, nem beber. Os cabelos seus são corredios e andavam tosquiados de tosquia alta, mais que de sobrepente, de boa grandura, e rapado até por cima das orelhas. E um deles trazia por baixo de sulapa, de fonte a fonte, para detraz, uma maneira de cabeleira de penas d'ave amarelas, que seria de compridão de orelhas; a qual andava pegada nos cabelos pena e pena com uma confeição branda como cera e não no era...

"*Parece-me gente de tal inocência, que se o homem entendesse a eles a nós, que seriam logo cristãos, porque eles não têm nem entendem em nenhuma crença, segundo parece. E, portanto, se os degradados que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido, segundo a santa tenção, de Vossa Alteza fazerem-se cristãos, e crerem na nossa santa fé, a qual praza a Nosso Senhor que os traga; porque certo esta gente é boa e de boa simplicidade, e imprimir-se-á ligeiramente neles qualquer cunho que lhes quiserem dar, e logo lhes Nosso Senhor deu bons corpos e bons rostos como a bons homens e ele que nós por aqui trouxe, creio que não foi sem causa: portanto Vossa Alteza, pois tanto deseja acrescentar na Santa Fé Católica , deve entender em sua salvação e prazerá a Deus que com pouco trabalho será assim.*

Eles não lavram, nem criam, nem há aqui boi nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem outra nenhuma alimária que costumada seja ao viver dos homens nem comem senão desse inhame que aqui há muito, e dessa semente e frutos que a terra e as árvores de si lançam; e com isto andam tão e tão rijos, e tão nédios, que não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos".

Importante notar a singeleza da linguagem, que, embora se dirija ao soberano, não prejudica a beleza e elegância da narrativa. Observa-se o desejo do autor em ser sincero e imparcial em suas observações, sem deixar que o entusiasmo influencie seu importante relato.

Américo Vespúcio

Navegante florentino nascido em 1451, Vespúcio foi o primeiro europeu a percorrer a vasta extensão da orla marítima do Brasil. A princípio, serviu a nobres italianos e, posteriormente, trabalhou para Espanha e Portugal. Não existe uma data precisa de seu falecimento, mas, provavelmente, aconteceu em Sevilla, no ano de 1512.

Escreveu Cartas, nas quais relata minuciosamente o que observou na terra descoberta.

Impressão do Brasil:

"*Os ares aí são temperados e bons; e, pelo que pude deduzir de suas narrações, não há pestes, nem doenças provenientes de corrupção do ar, e, se não morrem de morte violenta, vivem larga vida; segundo reio, porque sempre aí predominam os ventos austrais, e, principalmente, o que denominamos euro ou aquilão. Deleitam-se na pesca, e o mar é ali mui próprio para ela, porque é copioso em toda a sorte de peixes.*

Não se dão à caça; penso que porque, havendo aí muitas sortes de animais, maximé, leões e ursos e muitas cobras e outros bichos horríveis e disformes, e porque os bosques são extensos e a árvores grandes, não ousam arriscar-se, nús e sem cumprimento, a tantos perigos.

A terra daquelas regiões é fértil e amena, de muitos montes e morros, e infinitos vales, e regada de grandes rios e fontes, coberta de extensos bosques, densos e apenas penetráveis e povoados copiosamente de feras de todas as castas. Nelas nascem, sem cultura, grandes árvores, as quais produzem frutos deleitosos, e de proveito ao corpo, e nada nocivos, e nenhuns frutos são parecidos com as raízes, de que fabricam pão e ótimos mingaus, além de muitos grãos ou semente não semelhantes aos nossos.

Metais nenhuns aí se encontram, expceto o ouro, do qual há abundância, se bem que desta viagem nenhum conosco trouxemos; mas deram-nos dele notícia os habitantes, afirmando que nos sertões havia muito, mas que não o estimavam nem apreciavam".

Há muita semelhança entre as cartas de Caminha e Vespúcio. À sua maneira, este aborda as características da terra

e do povo, sua flora e fauna, e ressalta na empolgação o exagero: "*leões ursos*" e dos "*bichos horrendos e disformes*".

Pedro Lopes de Sousa

Navegante português que viajou ao Brasil juntamente com seu irmão Martin Afonso de Sousa e para quem as mulheres aqui encontradas, por ocasião da expedição de Martin Afonso de Sousa, eram de rara beleza "*que não hão nenhuma inveja às da Rua Nova de Lisboa*", nasceu por volta de 1500 e morreu em 1539.

Dele, disse o Conde de Castanheira, em carta dirigida a seu irmão: *"Pero Lopes de Sousa, vosso irmão, está feito um homem muito honrado, e outra vez vos afirmo muito honrado*".

Escreveu sobre sua viagem "Roteiro de Navegação da Armada", que foi à Terra do Brasil, em 1530 ou "Diário de Navegação". (4)

Pero Lopes procura descrever, em mínimos detalhes as impressões da viagem, consignando inclusive sua reação ao avistar da Baia de Todos os Santos. Um trecho:

Página de Roteiro

"*Domingo 13 dias do mês de março (1531) pela manhã éramos de terra quatro léguas; e como nos achegamos mais a ela reconhecemos ser a Baia de Todos os Santos; e ao meio dia entramos nela. Faz a entrada norte-sul: tem três ilhas: uma ao sudeste (Itaparica), e a outra ao norte (Maré) e outra a nordeste (Frade): do vento sul-sudeste é desabrigada. Na entrada tem sete, oito braças de fundo a lugares pedra, a lugares areia; e assim tem o mesmo fundo dentro da baía, onde as naus surgem. Em terra, na ponta do padrão (Cabo de Santo Antonio da Barra), tomei o sol em treze graus e um quarto. Ao mar da ponta do padrão se faz uma restinga d'areia, e a lugares pedra; entre ela e a ponta podem entrar naus no mais baixo da dita restinga há braça e meia. Aqui estivemos tomando água e ? lenha e carregando naus, que nos tempos que nos dias passados nos deram, vinham desaparelhadas*".

Esse documento, mercê da riqueza de pormenores, sobretudo náuticos e geográficos (ventos, ilhas, acidentes geo-

gráficos, constituição geológica do terreno) etc., tem o seu título amplamente justificado uma vez que constitui autêntico e bem cuidado roteiro de viagem.

Este artigo é apresentado para relembrarmos a importância que a literatura tem para o engrandecimento de uma nação e o fascínio que exerce sobre sua população. A literatura, seja qual for o gênero que se propõe, oferece-nos conhecimento.

Maria Zulema Cebrian
Cadeira 03 – Patrono Guilherme de Almeida

1 e 2 Varnhagem -História Geral do Brasil. Tomo Primeiro. Edições Melhoramentos.
3 Corografia Brasílica — Edições Cultura -São Paulo – 1945
4 -Hélio Viana – História do Brasil, vol.I, 3ª ed.

AFONSO SCHMIDT - ESCRITOR DESCONHECIDO?

Celso de Almeida Ceni

Ao ser convidado a fazer parte da ALGRASP, pelo então presidente, o saudoso Rinaldo Gissoni, encareci à sua nobre compreensão que gostaria que o Patrono de minha Cadeira fosse, se viável, o literato paulista **Afonso Schmidt**, escritor de minha particular admiração. Gissoni, gentilmente, atendeu o meu pedido e garantiu o nome desse autor e jornalista como Patrono da Cadeira 37, onde, honrosamente, tomei posse, em 26 de maio de 1994, há exatos 26 anos!

Em meu discurso de posse, dissertei sobre sua vida e sua obra. Agora, disponho-me a trazer novos conceitos, aspectos e fatos, atualizando sua biografia. Afonso Schmidt foi um escritor pobre. Homem simples, despretensioso e sem ambições de ordem material. Fez poesia, jornalismo, literatura de ficção: romances, contos, peças teatrais, novelas e ensaios. Foi um idealista de caráter popular. Privilegiou figuras do povo como personagens de suas obras e escreveu para o povo.

Nascido sob o signo fascinante das letras, Schmidt se revelou como um talento novo, extraordinário, ousado, muito humano, sedutor e criativo. Hábil fixador de tipos humanos, legou-nos obras realistas, românticas, de memórias e várias de fundo histórico, todas de real e inestimável valor artístico por seu conteúdo.

Em razão desse juízo de valor, é de se lamentar o fato de sua produção literária jamais ter sido devidamente considerada pelos responsáveis do ofício de destacar os valores de nossa literatura – a crítica. Suas obras nunca figuraram nos compêndios de literatura brasileira, como as dos escritores ligados ao Movimento Modernista de 1922 — a escola literária da época —, mesclados do regionalismo, onde caberiam bem suas obras.

Essas obras revelam virtudes humanas, populares, nacionalistas e saudosistas que, seu estilo vibrante, criativo, e seu reconhecido talento, comunicam de modo engenhoso e comovente. Os enredos, cujo conteúdo é dedicado à vida, à saga, às vitórias e frustrações dos humildes e sofredores, gente do povo. Por vezes, a narrativa de Schimdt contém muito de justiça ou saudosismo e é vazada em tom de reportagem (presente aí o jornalista nato) e, assim, deve ser lida e assimilada. É o que se conclui da obra *A Dactilógrafa*, de 1958, produção que relembra o período do pós guerra, vivido a partir de maio de 1945, término da Segunda Guerra Mundial na Europa.

Com sua notável habilidade para conduzir o enredo, o autor deixa transparecer onde se encontra a felicidade de seus personagens, figuras de nítidos contornos, desenhados pela arte de sua apaixonada técnica de fixar tipos humanos. Seu estilo, límpido e claro, impressiona tão bem o leitor que é, como diz Raimundo de Menezes, no prefácio do último livro de Schmidt, *Tempo das Águas,* de 1962, "um convite obrigatório à leitura. Quem começa a lê-lo tem, fatalmente, que ir até o fim".

Do mesmo modo, quando escolhe criar romances de fundo histórico – comuns em sua larga produção literária – o autor de *A Marcha* (1945) e *A Locomotiva* (1959), ambas de cunho histórico –, trata corajosamente o tema e demonstra aprimoradas qualidades de abordagem para alcançar o clímax de sua arte, que confere veracidade ao cenário e à história, sem deixar de conduzir os leitores às regiões de sonhos e deixar neles profundas impressões e lembranças.

Entretanto, falar de Afonso Schmidt é revelar um escritor quase desconhecido das gerações atuais de estudantes, conduzidos pelo currículo escolar ao mundo escolástico dos Vanguardistas de 1922*,* ali exigidos. Tudo em razão da vazia e descabida acusação de ser um *escritor menor (!)*, distante dos acontecimentos de seu tempo. Uma grande injustiça contra o autor de *A Sombra de Julio Frank (1950*), outra obra de fundo histórico, ambientado no Largo de São Francisco, no interior da velha Academia de Direito.

Machado de Assis também foi injustamente acusado de haver ignorado os problemas de seu tempo. Da Abolição e do fim da Monarquia. Em 1888, dois anos antes do nascimento de Afonso Schmidt, Machado publicava *Memórias Póstumas de Brás Cubas,* em fascículos.

Quatro anos depois, quando Schmidt tinha dois anos de idade, Machado lançava uma obra sequencial ao precitado Brás Cubas, isto é, o romance *Quincas Borba*, de 1892, no qual ironicamente, discute pontos de vista das teorias filosóficas: do *Positivismo*, de Augusto Comte, e da *Origem das espécies*, de Charles Darwin e cria, também a "*sua teoria*", o *Humanitismo* com o hilariante refrão final*: "Ao vencedor, as batatas!"* Um humor contido à inglesa.

Em 1908, quando Machado de Assis faleceu, Afonso Schmidt contava dezoito anos de idade e fazia poesia desde os quinze. Indagamos se episódios tão próximos do grande "Mestre das letras brasileiras" puderam influenciar a prosa de Afonso Schmidt, a partir dos anos 1913, quando ele aos 23 anos, já vivera cinco anos de jornalismo (crônicas) e de ficção, em seus primeiros contos? Não, claro que não.

Por isso mesmo, quando Schmidt se afastou dos *Vanguardistas de 1922*, que escreviam para o "sorriso da sociedade… de elite", teria se postado alheio aos problemas e acontecimentos de seu tempo? Não. Muito ao contrário! Schmidt, sem ambições à riqueza da elite, escolhera motivos nacionais.

Primeiro, a abolição em São Paulo, lançando o romance *A Marcha*, e a Revolução Constitucionalista de 1932, sobre a qual escreveu o romance *A Locomotiva*, além dos dramas vividos pelo povo de São Paulo e da vida da gente humilde, como ele próprio. Ali estão os artistas de circo, conteúdo de *Saltimbancos (1950)*, obra que revive o saudoso *Eduardo das Neves*, autor da *Manolita!* Isso implicava afastar-se dos acontecimentos cotidianos? Jamais!

Por fim, pelas várias premiações de caráter literário que recebeu da Academia Brasileira de Letras, por ter sido eleito membro da respeitável Academia Paulista de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Afonso Schmidt teve assegurado seu valor como literato e intelectual brasilei-

ro, o que por si só, já refuta os injustos juízos críticos que lhe atribuíram alguns estudiosos da Literatura Brasileira.

Além disso, justifica que seu nome e seu talento de escritor consagrado, merecem reconhecimento e inclusão entre os demais escritores brasileiros nos compêndios escolares de nossa história literária. Continuar ignorando-o depõe contra a verdade cultural brasileira e priva nossa juventude de estudar, conhecer e cultivar um importante escritor nacional de valor incontestável!

Quem foi nosso Patrono e como ganhou notoriedade

Afonso Schmidt, é natural da cidade de Cubatão, próxima de Santos. Nasceu em 29 de junho de 1890, (dia e mês que nos lembram dois notáveis comunicadores: São Pedro e São Paulo). Seu bisavô era um soldado – de origem alemã – de D. Pedro I. Sua bisavó era uma senhora vicentina, descendente do nobre português Antônio Vaz de Gusmão, juiz de órfãos e ausentes.

Seus pais se chamavam João Afonso Schmidt e Odila Brunckenn Schmidt e descendiam de germânicos. Em 1903, o casal, preocupado com a educação do filho, já adolescente, trouxeram-no para a capital paulista, onde ele foi morar no bairro do Brás. Aos doze anos, passou a frequentar o quarto ano do Grupo Escolar do Oriente. Na classe, mostrava-se distante, sempre pensativo… Por isso, recebeu do professor, o apelido de*: "*o sonhador do quarto ano"!

Schmidt fez duas viagens à Europa, ainda jovem. A primeira, aos 16 anos, para Lisboa e Paris, onde permaneceu um ano, como curioso literário, e à procura das imagens que lera nos folhetins românticos. A segunda, seis anos depois, aos 22 anos, para o norte da Itália, Milão, onde permaneceu até março de 1914, viajando para Marselha, na França. Retornou ao Brasil com o Vapor Pampa, com passagens de favor da Legação Brasileira para repatriação. O incidente de Sarajevo que provocou a Primeira. Guerra Mundial, o livro desse obcecado desejo de viajar. Em 1920, Schmidt voltou par ao Rio de Janeiro, onde assumiu a direção do diário trabalhista, *A Voz do Povo*. Foi lá que escreveu a peça *As Levianas*, encenada em São Paulo,

Porto Alegre e Buenos Aires e também no Rio de Janeiro. Foi ainda adaptada para o Rádio, como novela. Nessa época, tinha 34 anos de idade.

Corria o ano de 1924**,** época da Revolução Tenentista, comandada pelo General Isidoro Dias Lopes, em julho daquele ano, em São Paulo. Nessa ocasião trabalhava como jornalista na *Folha da Noite*, em sua fase inicial. Em seguida, foi Redator do jornal *O Estado de São Paulo*, em cinco de julho de 1924.

Foi nesse periódico que publicou, em folhetins, *A Sombra de Júlio Frank, A Marcha e Zanzalá.* Sua obra *Menino Felipe* foi vitoriosa num concurso da revista O Cruzeiro, enfrentando 417 concorrentes. Assim, ia se arranjando, sustentando dois irmãos e uma irmã, menores, além dos pais, já idosos e doentes.

Dois casamentos, filhos, produção literária e fim

Schmidt se casou, pela primeira vez, bem próximo dos quarenta anos de idade, com *Adélia Leone Schmidt* e com ela gerou quatro filhos: Bruno, Aldo, Vera e Sérgio. Ficou viúvo na década de 1940, aos 50 anos, assim permanecendo por anos.

Tornou a casar-se em 1950, quando já contava 60 anos de idade, com *Maria José da Silva Schmidt*, de 26 anos, uma alagoana, nascida em Pão de Açúcar (AL), em 30 de junho de 1924, com quem teve uma filha, a Dra. Rosana Schmidt Faustino, nascida em 1960 e formada em Direito (Ambas, mãe e filha, prestigiaram pessoalmente minha posse na Academia de Letras da Grande São Paulo, em 26 de maio de 1994, sendo que, Maria José já estava viúva de Afonso Schmidt, havia 30 anos desde abril de 1964.

Afonso Schmidt foi membro da Academia Paulista de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e da União Brasileira de Escritores. Foi sócio fundador do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo. Foi eleito o Intelectual do Ano, em 1963. Faleceu em sua residência, em três de abril de 1964, às vésperas de completar 74 anos.

Seu cansado coração não suportou conviver com o regime militar iniciado três dias antes. Em sua homenagem, a Assembleia Legislativa de São Paulo instituiu o Dia do Escritor Paulista, comemorado em 29 de junho, data de seu nascimento.

Esse, o homem. Agora, o escritor Afonso Schmidt e sua obra

Na verdade, nosso Patrono deixou uma vasta e variada obra e nunca foi lido, debatido, discutido, segundo a importância que sua arte literária merece. E fizera por merecer premiações da ABL. Naturalmente, fiel a seus princípios e propósitos, e por suas origens, humildes, Afonso Schmidt não se curvou a alinhar-se ao Modernismo de 1922, os *Vanguardistas,* defensores da ideia — sem fundamento —, de que a literatura devia ser *"o sorriso da sociedade"*, um sentimento pouco simpático da elite, criticado também por Monteiro Lobato, figura de maior projeção do que Afonso Schmidt.

De privilegiada inteligência e raciocínio prático, Schmidt foi sempre autodidata muito dedicado, além de demonstrar facilidade para assimilar novos idiomas. Nunca frequentou uma universidade, como ele próprio assevera no prólogo de sua obra, *A Sombra de Julio Frank(1950).*

Consideramos lamentável que o escritor não tenha passado pelos bancos universitários. Mas, devemos lembrar que também Machado de Assis não teve o privilégio de frequentar escolas e possuir um currículo superior. A origem pobre e humilde de ambos foi responsável pela falta, naturalmente involuntária.

Entretanto, o fato de serem ávidos leitores, junto ao dom que possuíam os conduziu ao autodidatismo que lhes revelaria o talento de possuir clara e escorreita redação, ao lado de um estilo admirável, pontilhado de finíssima ironia.

E ambos pontificaram igualmente no jornalismo, degrau onde as crônicas lhes deram asas para alçar voo à literatura que os consagraria. Igualmente, não podemos nos esquecer da vida e obra de nossa notável e inesquecível Raquel de Queiroz, que seguiu em sua vida, trilhas semelhantes a

Afonso Schmidt. Finalmente, A.S. também se dedicou às crônicas, até hoje não pesquisadas por críticos literários, nos periódicos, onde ele trabalhou e deixou suas ideias, juízos e observações. Ai está! Seu destino estava mesmo na literatura: nos contos, nas novelas, nos romances e até no teatro e nas crônicas. São obras de vigorosa ficção, especialmente de caráter paulistano ou com as cores singelas da periferia da Capital ou de seus bairros adjacentes: o Brás e a Moóca de sua mocidade. A região metropolitana da Grande São Paulo, Mogi das Cruzes, Suzano e o litoral sul, Cubatão, Santos, Cananéia, Iguape e adjacências.

Ao passar do texto jornalístico para a prosa pura, Schmidt transferiu para seus trabalhos, carregados de emoções, uma fina, agradável e íntima ironia e um humor sábio e paciente com as adversidades da vida. Seu estilo é fluente, direto, sem entrelinhas, com soberba precisão de linguagem, sempre acrescida de imagens de bom gosto.

A paixão pela vida social do povo

É inegável seu particular interesse pelas figuras do povo; o povo ao qual dedicou compaixão e seu amor incondicional. E é imensa a galeria de tipos humanos populares que representam a vertente sociológica de sua ficção. Personagens aos quais o autor deu vida e imortalizou, movimentando-os, sempre às voltas com seus anseios, paixões, suas lutas, suas frustrações, utopias ousadas e suas aventuras, carregadas de emoções.

Publicação de suas obras pela Editora Clube do Livro Ltda.

Schmidt fez parte do Conselho de Seleção do famoso **Clube do Livro.** Na verdade, Editora Clube do Livro, organização cultural fundada em primeiro de julho de 1943. A partir de 1957, os livros, por ela publicados, passaram a trazer o nome de Afonso Schmidt, ao lado de Nuto Sant´Ana, Silveira Bueno e Raul de Polillo, como integrantes do grupo que escolhia os livros que seriam publicados. E, como membros da Diretoria: Mario Graciotti, Luiz L. Reid e Waldemar Luiz Rocha.

Esse Clube, do qual fui associado entre 1951 e 1957, entregava mensalmente o Livro do mês, de literatura universal, mediante o pagamento de módica importância. Invariavelmente, no mês de janeiro de cada ano, a partir de 1945, passou a ser publicada uma obra de Afonso Schmidt, como se pode constatar da relação mensal, indicada no interior da capa de cada obra.

A Marcha foi a primeira publicada por essa editora. Outras casas editoriais que o publicaram foram a Star, de Santos, a Zumbi Editora, a Livraria Saraiva, de São Paulo e a Editora Brasiliense, que lançou uma edição especial em 12 Volumes: Coleção Afonso Schmidt.

Existe, por fim, na Publicação Cultural da Imprensa Oficial do Estado, IMESP, na edição de 10 de outubro de 1991, um ótimo trabalho do crítico, escrito por Clóvis Moura. Trata-se de um alentado estudo sobre sua obra, trazendo importante contribuição para o conhecimento e a divulgação de sua vida e obra cujo nome lembramos como importante literato paulista, para Patrono de uma das Cadeiras de nossa Academia de Letras da Grande São Paulo.

Na novela *A Dactilógrafa,* publicada pela Editora do Clube do Livro em 1958, há, na página dois, uma relação, que reproduzimos a seguir, sob o título de:

Obras principais de Afonso Schmidt

Poesia: Lírios Roxos; Miniaturas (1905); Janelas Abertas (1911, aos 21 anos); Mocidade (1921), Garoa (1929), Coletânea de Poesias (1934) e Poesias Completas (1945).

Romances: A Sombra de Júlio Frank (1936); A Vida de Paulo Eiró (1940); A Marcha (1941 e, enriquecida pelo autor em 2ª. Edição de 1945); Lua Nova; O Assalto – (1948); Menino Felipe (1949 – 1º. Prêmio do Concurso O Cruzeiro); Saltimbancos [Edição Saraiva], (1950); Aventuras de Indalécio (1951); Mistérios de São Paulo (1955); A Dactilógrafa (1958); Tempo das Águas (1962, última obra).

Memorias: a Primeira Viagem (1947); Zamir (1948?); Bom Tempo e Lembranças (1956).

Novelas: No Tempo do Protocolo (1925 –n´ O Estado

SP); O Dragão e as Virgens (1926); Zanzalá (1936); Reino do Céu (1941); Colônia Cecília (1943); O Retrato de Valentina (1948) Mirita e o Ladrão (1960);

Contos: Brutalidade (1920); Os Impunes (1923); O Tesouro de Cananeia – Edição da Livraria Anchieta (1941 – obra premiada pela ABL); Pirapora (1931); O Desconhecido: Curiango (1935); Os Boêmios – (No centenário de Henri Murger - 1952); Dedos nos Lábios (1953).

Teatro: As Levianas – Peça em três atos (1923); Carne para Canhão (1934 – Peça em três atos, também traduzida para o espanhol e para o lituano); Histórias de Fadas); Cesta de hortaliças (1950).

Crônicas: Somos Todos Irmãos (1949); São Paulo de meus Amores (1954); Vademecum Sentimental da Cidade de São Paulo (Inédito).

Edições Estrangeiras: Os Melhores Contos de Afonso Schmidt (Editora Hélio – Lisboa (1946);" Marsz" - Tradução polonesa de A Marcha – Ed. Malgorzata Holynska - Czytelenik – Varsóvia (1956); Carne para Canhão – Peça traduzida para o Castelhano por G. Soler. E também para o lituano); Conto Os Impunes – Publicado (1º. Prêmio) na Argentina, no "Concurso La Novela semanal" em 1922).

Celso de Almeida Cini
Cadeira 37 – Patrono Afonso Schmidt

O TROVADOR E A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA CANTIGA LÍRICA

Ana Cristina Silva Abreu

A mulher foi uma constante na produção literária do Trovadorismo, embora nunca ocupasse, ao que se tem notícia, o papel de autora, sendo apenas representada. Ainda assim, sua presença na cantiga de amor difere daquela da cantiga de amigo, e cria, supostamente, uma relação de antítese ente o amor cortês expresso pelo trovador enamorado de uma musa fora do seu alcance, apresentado pela primeira, e o sofrimento mais próximo da realidade de uma mulher de carne e osso, não idealizada (ao menos aparentemente) na segunda.

O Mundo do Trovador

Antes que se possa analisar o papel da mulher na obra lírica trovadoresca de língua galego-portuguesa, é necessário compreender o contexto em que tais obras se inserem. De acordo com Nicola (1997, p. 21-22), a cultura trovadoresca reflete a Europa cristã, a organização das Cruzadas e, na Península Ibérica, a luta contra os Mouros. Ou seja, o momento histórico vivido, então. Uma característica de tal período é a existência do contrato feudo-vassálico, que vai se refletir na vassalagem amorosa entre o trovador e a mulher amada na cantiga de amor.

É preciso atentar, ainda, que o modelo trovadoresco se origina na Provença, no sul da França, com o desenvolvimento do chamado "amor cortês". E vai chegar a Portugal, na forma destas cantigas de amor.

Entretanto, é importante observar que os trovadores portugueses (e demais ibéricos) não se limitaram a reproduzir o modelo provençal. Aprimoraram suas cantigas, es-

pecialmente no quesito formal, aprofundaram seus temas e, sob esta mesma influência, passaram a redigir as cantigas de amigo, que, cronologicamente, parecem ser mais antigas que as de amor, porém eram antes apenas transmitidas de forma oral.

Saraiva e Lopes (2010, p. 50) atentam para o fato de que não apenas pode ser considerada a origem provençal das cantigas, mas que teria ocorrido nas cortes feudais occitânicas o surgimento da primeira grande escola da poesia românica.

O trabalho quase simultâneo com estes dois modelos líricos denota dois pontos de vista distintos sobre a vida e a sociedade, bem como a relação homem-mulher à época. Pontos de vista que, no entanto, caminhavam lado a lado e desenvolviam-se sem que um subjugasse o outro. Esta é a base para a análise das duas obras escolhidas para este trabalho.

A Cantiga de Amor

A primeira cantiga a ser analisada, do cancioneiro de Nuno Fernandes Torneol, traz a temática do amor:

Quando mi agora for e mi alongar
de vós, senhor, e nom poder veer
esse vosso fremoso parecer,
quero-vos ora por Deus preguntar:
senhor fremosa, que farei entom?
Dized', ai coita do meu coraçom!

E dizede-m': em que vos fiz pesar,
por que mi assi mandades ir morrer?
Ca me mandades ir alhur viver!
E, pois, m'eu for e me sem vós achar,
senhor fremosa, que farei entom?
Dized', ai coita do meu coraçom!

E nom sei eu como possa morar
u nom vir vós, que me fez Deus querer
bem, por meu mal; por en quero saber:
[e] quando vos nom vir, nem vos falar,
senhor fremosa, que farei entom?
Dized', ai coita do meu coraçom!
Que coita tamanha hei a sofrer,
por amar amig'e non'o veer,
e pousarei sô lo avelanal.

Na leitura acima, fica claro que "o trovador imaginava a dama como um suserano a quem servia numa atitude submissa de vassalo" (SARAIVA; LOPES, 2010, P. 52). Mas que mulher é essa que deveria ser servida de tal forma?

Primeiramente, é preciso compreender que, no caso das cantigas líricas de amor, além da autoria masculina, o sentimento apresentado era também masculino. Tratava-se de um homem cantando sobre a mulher amada e inacessível. O desenrolar deste amor se dava no ambiente palaciano, atmosfera do desenvolvimento do chamado amor cortês, que ditava uma forma, podemos considerar até inovadora para a época, de comportamento que deveria ser assumida pelo cavalheiro medieval.

Assim, o homem poetizava uma mulher idealizada, de alta posição social, sempre referida como "senhor", para nós, senhora. Inalcançável, geralmente casada, era objeto de um amor platônico e, justamente por isso, tão envolto em encantamento e distante da realidade da maior parte da sociedade da época.

Podemos traçar um paralelo entre esta visão do amor e aquela dos primeiros românticos, jovens sonhadores com suas musas virginais cujo amor jamais seria consumado.

A cantiga referida acima evidencia a característica marcante da *coita d'amor*. Significa o sofrimento pelo amor, a dor o trovador que se contenta apenas em observar e ouvir sua amada e sofre com a perspectiva de não mais poder estar perto dela.

É importante notar que a mulher apresentada não ganha vida nas obras, nem parece ter vontade ou fazer escolhas. Não se trata uma experiência sentimental a dois. Ela é o objeto de admiração do homem que deve sofrer, enfrentar provações, antes de chegar à recompensa máxima de seus esforços (ainda que tal recompensa jamais chegue).

Daí Saraiva e Lopes (2010, p. 52-53) afirmarem que a um amor idealizado corresponde uma mulher idealizada. Ou seja, na visão dos autores, a noção idealizada do amor expresso pelo trovador criou a mulher idealizada à qual ele serve com tanto fervor. O cantar deste poeta é sobre o amor em si, e sua postura diante dele, mais que sobre uma dama real.

A Cantiga de Amigo

Na sequência, apresentaremos uma obra, do mesmo cancioneiro, classificada como cantiga de amigo:

Que coita tamanha hei a sofrer,
por amar amig'e non'o veer,
e pousarei sô lo avelanal.

Que coita tamanha hei endurar,
por amar amig'e nom lhi falar,
e pousarei sô lo avelanal.

Por amar amig'e nom lhi falar,
nem lh'ousar a coita que hei mostrar,
e pousarei sô lo avelanal.

Por amar amig'e o nom veer,
nem lh'ousar a coita que hei dizer,
e pousarei sô lo avelanal.
Nom lhe ousar a coita que hei dizer,

e nom mi dam seus amores lezer,

e pousarei sô lo avelanal.

Nom lhe ousar a coita que hei mostrar,

e nom mi dam seus amores vagar,

e pousarei sô lo avelanal.

Para iniciarmos a análise das cantigas de amigo, com base no texto acima, devemos primeiro atentar para o que ensinam Saraiva e Lopes (2010, p. 56-57). Eles afirmam que os cantares de amigo não se distinguem dos de amor apenas por estes apresentarem "eles" e aqueles apresentarem "elas" a falar, sendo possível notar diferenças de forma e intensão.

O poema citado demonstra uma característica predominante nas cantigas de amigo, com estrutura rítmica e versificação própria, segundo o esquema de dois versos e um refrão, representado por "e pousarei sô lo avelanal". O refrão, ainda segundo os autores, sugere a existência de um coro.

É importante salientar, mais uma vez, que a característica principal das cantigas de amigo é a expressão do sentimento feminino. Quando dizemos expressão, é porque "há uma voz do feminino que se mostra por meio de um eu lírico que canta sua tristeza (...). Entretanto, a voz autoral pertence ao trovador" (ARAÚJO; FONSECA, 2012, p. 38). Agora é a mulher quem sofre por se ver separada do amigo (amante ou namorado) e demonstra que vive angustiada por não saber se ele voltará ou não.

O ambiente descrito deixa de ser palaciano, a corte é posta de lado e descreve-se a zona rural, o ambiente doméstico, sendo a mulher sempre uma camponesa. Ou seja, é um ambiente mais popular e a mulher nele representada é um ser mais real e concreto, não a mulher idealizada das cantigas e amor.

A mulher que sente a ausência do amigo não é perfeita e não inspira a vassalagem amorosa do trovador. Portanto, não é a fonte das tormentas dele. Agora, ele apenas observa o cantar sofrido dela e descreve seu lamento.

Para Nicola (1997, p. 25), outro aspecto importante a se analisar é que, à parte a mulher que sofre, estas cantigas normalmente apresentam outros personagens que assumem papel de confidentes, apresentando a estrutura de um diálogo. Na obra acima, apesar de não se notar outro personagem com quem a mulher conversa, é evidente o tom de "desabafo".

Entretanto, pode-se notar nos versos em análise, que "há, portanto, uma ação da personagem, não apenas o desabafo intimista" (ARAÚJO; FONSECA, 2012, p. 40). Mais uma prova de que a mulher das cantigas de amigo é mais concreta. Ela não está num pedestal. Ela vive, interage com o meio enquanto lamenta. A camponesa não se pode dar ao luxo de deixar o cotidiano de lado enquanto sente saudades do amigo.

O Feminino nos Cantares de Amor e de Amigo

Por falar, inicialmente, em semelhanças, podemos notar que tanto as cantigas de amor quanto as de amigo compartilham o mesmo tempo-espaço, os mesmos autores e, em uma análise mais superficial, o mesmo tema: o sofrimento por amor, a coita d'amor.

Dizemos, em uma análise superficial, pois, ao atentarmos para a leitura das cantigas escolhidas para este trabalho, que poderemos perceber uma enorme diferença entre como a "dor de amor" e o amor em si são representados nos dois textos. Comecemos nossa análise, portanto, atentos a esta questão.

A cantiga de amor, como já visto, traz o sofrimento do trovador-vassalo ao sonhar com o amor e os favores de sua senhora. Ela está acima dele. Por isso, tem a oferecê-lo algo que outras mulheres não teriam. Idealizada, é reflexo mais do sonho daquele que canta do que uma dama real (por mais cheia de qualidades e virtudes que pudesse ser a nobre em questão, jamais teria a perfeição indicada pelo trovador apaixonado).

A beleza e a perfeição que o trovador enxerga em sua senhora são justamente fruto do distanciamento entre os

dois. O amor nunca consumado é que alimenta o sonhar deste homem, em moldes que serão vistos, futuramente, nos poemas dos primeiros autores românticos. Esta idealização de uma mulher amada irreal (ainda que se dê a ela um nome real) demonstra que o objeto da atenção do autor é, antes de tudo, o amor em si.

Como ensinam Saraiva e Lopes (2010, p. 52), "quanto aos temas, elaboraram os Proveinçais o ideal do amor cortês, muito diferente do idílio rudimentar nas margens dos rios ou à beira das fontes que os cantares de amigo nos deixam entrever". Continuam, ainda, explicando que não se trata de uma experiência sentimental compartilhada pelos dois, mas, sim, de uma correspondência, um estado de tensão que deve permanecer e jamais chegar ao fim do desejo.

Já na cantiga de amigo, tendo em vista que o trovador não possui foco no objeto do amor (o amigo) e, sim, no sofrimento da amiga que chora o afastamento de seu amado, é possível notar que a forma como se aborda tal sofrimento diferencia-se.

O foco do trovador é a ação da mulher que lamenta. É seu sofrimento envolto pelas obrigações do dia a dia ou por seu momento de descanso e reflexão. O trovador torna-se observador que traduz em cantares o lamento do eu-lírico feminino, demonstrando uma mulher já não idealizada, visto que sofre, e um amor mais real, palpável.

O amor do cantar de amigo não é um sonho emoldurado pela nobreza da vida palaciana, é o infortúnio do dia a dia da camponesa, da trabalhadora comum do povo, como mostra a cantiga de amigo analisada, cujo refrão remete ao *avelanal,* onde se plantam as *aveleiras*, as avelãs.

Por percebermos que as cantigas de amor focam mais no amor em si e as de amigo mais na figura da mulher apaixonada, podemos afirmar que há duas mulheres completamente diferentes – e até opostas uma à outra – retratadas nas cantigas líricas medievais. Tal antítese é de fácil compreensão quando consideramos estarem justamente estas duas visões de mulher presentes na cultura medieval.

Uma é a mulher idealizada, aquela assemelhada à Virgem Maria, cheia de virtudes e pureza, intocável, inalcançável. É o ideal da mulher como redentora dos pecados do homem

através de sua dedicação e amor. Desta concepção, podemos derivar a ideia, ainda em muitas situações aceita hoje, da mulher cujo amor é capaz de transformar o homem, fazê-lo mudar suas atitudes transformando-se em alguém melhor.

Por outro lado, aparece aquela que se assemelha a Eva, responsável pela perdição do homem. Uma mulher mais concreta, que não sublima o homem e tem a mesma característica mundana dele. Ela é sensualizada, alcançável e nada tem a oferecer de distinto ao homem, não é senhora de ninguém e ninguém se torna seu vassalo. Tanto que, em muitas cantigas, foi abandonada ou trocada por outra.

É nesta esteia que Araújo e Fonseca (2012, p. 39) afirmam que "é de se cogitar que as idealizações das cantigas de amor tendem para um retrato virginal e mariano da mulher. Ao passo que as cantigas de amigo, ainda seguindo o rescaldo negativo do platonismo, tendem a retratá-la mais realisticamente". Assim, os autores aludem que, dadas as características culturais e religiosas da época, com base na moral cristã, o trovador faz uso da voz feminina para cantar o amor proibido, do mundo sensorial.

Ou seja, o amor cantado pelo eu-lírico masculino é o amor puro e verdadeiro, pelo qual, ainda que sem explicitar os motivos, o homem deveria sofrer e humilhar-se em busca de uma recompensa que jamais viria (afinal, o amor ideal não pertence a este mundo). Já o amor cantado pelo eu-lírico feminino, e justamente com a desculpa de por tal eu-lírico ser cantado, é o amor carnal, humano em sua essência orgânica.

Assim, a mulher que na cantiga de amor é uma obra de arte intocável, na cantiga de amigo é uma vizinha, uma pessoa comum, que age, sente, pensa e deseja. E, exatamente por isso, sofre. É interessante, entretanto, notar que o sofrimento, nos dois casos, está condicionado à ação.

Tanto o vassalo quanto a amiga que sofrem são apresentados como ativos, vivem, fazem escolhas, ao contrário da senhora desejada. A amiga da cantiga por ora analisada, como pode-se perceber, utiliza afirmativas, enumera suas atitudes diante do pesar que carrega (*hei dizer, hei mostrar*). Ainda que prevaleça, neste caso, sua penúria, ela demonstra

como consegue ou conseguirá lidar com tais sentimentos.

Assim, os poetas conseguiram dar à mulher apresentada nas cantigas de amigo uma vivacidade em seus diversos estados no decorrer das intrigas sentimentais que vive. Desvendam a saudade, os ciúmes, o ressentimento, a ansiedade, suas reivindicações etc. Tais mulheres demonstram-se ora piedosas, ora calculistas, ora indiferentes (SARAIVA; LOPES, 2010, p. 64).

Importante ressaltar, uma vez mais, que a mulher presente em ambos os tipos de cantigas, ainda que com origens e características diferentes, é aquela sob o ponto de vista do trovador.

Da bibliografia analisada, parece-nos importante pontuar que, para Araújo e Fonseca (2012, p.46), "a mulher é concebida como uma ideia e não como um ser humano e, desta forma, empurrada para as margens da sua própria história". Já sob o ponto de vista de Saraiva e Lopes (2010, p. 64), deve-se notar a simpatia com que alguns poetas conseguem se colocar sob o ponto de vista da mulher e apresentar os interesses femininos à época, inclusive com certa candura.

Independente da postura pessoal de cada leitor em relação a tal posição feminina dentro do texto, há de se ponderar estes dois pontos de vista com o fim de enriquecer a experiência pessoal com a poesia galego-portuguesa.

Considerações Finais

Da leitura das cantigas de Nuno Fernandes Torneol escolhidas, bem como da revisão bibliográfica mencionada, foi possível estabelecer os conceitos que permeavam o momento histórico em que tais cantigas foram compostas para que se pudesse compreender a visão de mundo do trovador ao compor cantigas líricas, tanto de amor quanto de amigo.

As duas modalidades de composição comunicam-se em alguns pontos, como a época, a localização e a autoria, mas diferem em diversos outros, a iniciar pela estrutura versificatória, culminando no foco de nossos estudos, a presença e a representação da mulher nos versos.

Ao defrontar os dois modelos de composição, percebemos uma inversão dos papéis dados à mulher medieval, fruto de seu tempo. Ou seja, misto da fé cristã representada por uma igreja de rígida moral e de uma época de invasões e batalhas por soberania territorial que modelaria as nações ibéricas como hoje as conhecemos.

Nesse contexto, segundo nossos estudos, a mulher é representada de forma dual, ora expressão mariana de pureza e virtudes ora segundo a natureza de Eva e responsável pela perdição do homem. Tal dualística é incorporada de forma que a primeira seja representada pela visão idealizada na cantiga de amor e a segunda, mais mundana, pela cantiga de amigo.

Assim, o trovador é capaz de expressar-se artisticamente considerando os dois aspectos antagônicos da vida na sociedade medieval, ainda que use uma voz masculina para exprimir o amor romântico (amor cortês, à época) ideal e uma voz feminina para exprimir o amor palpável, físico.

Importante salientar que as cantigas de amigo foram as que primeiro surgiram no contexto linguístico galego-português. Assim, podem ser consideradas uma expressão mais genuína da cultura local que, em seguida, irá influenciar as novas ideias provençais e occitânicas que ali desembarcaram.

É notável, ainda, que a mulher tem forte participação nas temáticas abordadas, apesar de ora ser apenas a personificação do amor ideal – na verdade escreve-se sobre o amor em si – e ora assumir postura ativa diante do próprio sofrimento.

Não é concedido à mulher tomar o papel do trovador, mas ela ganha voz nas cantigas de amigo. Essa voz é filtrada segundo o entendimento do poeta, segundo a visão patriarcal que possui, mas é também sinal da concepção de uma mulher ativa, que vive e tem desejos.

Ação e sofrimento parecem caminhar juntos nas composições. Assim, o trovador que ama e deseja a dama ideal, seu "senhor", sofre por ela. A moça camponesa, que se indaga sobre o futuro longe do amigo, sofre também. Já a "senhor" adorada pelo trovador vassalo parece não sofrer, mas, também, não é apresenta como ativa, não possui desejos,

passando a mero objeto do desejo de outrem. Onde não há sofrimento também não há atitude, vontade.

Devemos atentar para a riqueza dessas primeiras composições que lançaram as bases para o desenvolvimento da literatura de língua portuguesa, tão lírica como é de fácil percepção. Desde questões estruturais até a temática que consegue ser variável e antagônica ainda que se mantendo conceitualmente simples e voltada para o indivíduo.

Não se faz questionamentos sociais ou culturas, não há barreiras rompidas por ora. Mas é, evidentemente, um questionamento interior sobre os papéis sociais dos envolvidos, sobre os rumos das vidas dos diferentes estratos sociais da época exprimidos através dos quereres das personagens.

O movimento pendular que faz do homem ora herói ora vilão, e da mulher ora santa ora perdição, que nos irá acompanhar até os dias de hoje, começa a ser descrito em palavras por estes primeiros artistas letrados para, um dia, desaguar nas discussões e indagações sociais que tanto nos preenchem, agora, a vida cultural e acadêmica. T

Ana Cristina Silva Abreu
Cadeira 12 – Patrono Herculano Pires

Bibliografia
Cantigas Medievais Galego-Portuguesas. Disponível em: <http://cantigas.fcsh.unl.pt/autor.asp?cdaut=107>. Acesso em: 10 out. 2015.
ARAÚJO, Márcia Maria de Melo; FONSECA, Pedro Carlos Louzada. **A poesia trovadoresca e a imagem da mulher na cantiga de amigo.** Uniletras, Ponta Grossa, v. 34, n. 1, p. 37-47, jan./jun. 2012 Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras>. NICOLA, José de. **Literatura Portuguesa: da Idade Média a Fernando Pessoa**. 6 ed. São Paulo: Scipione, 1997. SARAIVA, A. J.; LOPES, Óscar. **História da Literatura Portuguesa.** 17 ed. Porto: Porto Editora, 2010.

MÁRIO DE ANDRADE: A ROSA DO POVO ABERTA...

Sérgio Ballaminut

O meu amigo era tão
de tal modo extraordinário,
cabia numa só carta,
esperava-me na esquina,
e já um poste depois
ia descendo o Amazonas,
tinha coletes de música,
entre cantares de amigo
pairava na renda fina
dos Sete Saltos,
na serrania mineira,
no mangue, no seringal,
nos mais diversos brasis,
e para além dos brasis,
nas regiões inventadas,
países a que aspiramos,
fantásticos,
mas certos, inelutáveis,
terra de João invencível,
a rosa do povo aberta…

(Carlos Drummond de Andrade)

Entre outros motes de Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade também é "rosa do povo". Muito possivelmente das principais para o amigo mineiro e das mais positivas e relevantes para o povo brasileiro, pela ampla atuação cultural do grande poeta e escritor da vanguarda modernista, que, *descendo o Amazonas, pairando na serrania mineira, no mangue, no seringal, nos mais diversos brasis e para além dos brasis*, realizou, entre 1927 e 1929, suas famosas "viagens etnográficas", uma de suas maiores contribuições à cultura nacional.

Tais viagens são ditas "etnográficas" porque representam o desejo de Mário de conhecer o Brasil por meio de seu povo, oportunidade preciosa de pesquisar usos e costumes, danças dramáticas e coletar melodias populares.

A primeira viagem, que ocorreu de 13 de maio a 15 de agosto de 1927, originou-se do desejo comum de um grupo de paulistas vinculados ao Modernismo de conhecer seu país. Foi ao Norte (Amazonas e Pará), estendendo-se até o Peru e a Bolívia. Por sua vez, a segunda viagem, que se deu de sete de dezembro de 1928 até fins de fevereiro de

1929, foi ao Nordeste e, diferentemente da primeira, feita somente por Mário, a convite de amigos de Pernambuco, Rio Grande do Norte e Paraíba.

Nas palavras de Luiz Philippe Peres Torelly, *"O contato ora com a floresta ora com o sertão, e seus diversos tipos humanos e manifestações culturais, religiosidade, folguedos, danças, músicas, quase sempre impregnados de sincretismo e superstição, causa grande impacto em nosso "turista", consolidando uma visão de nacionalidade abrangente em oposição aos valores regionais até então majoritários"*. Na verdade, *"desde a famosa visita dos paulistas a Minas, em 1924, denominada por Oswald de Andrade de "a viagem de descoberta do Brasil", (...) Mário vinha recolhendo farto material para a análise dos elementos constitutivos de nossa nacionalidade (...)"*.

Os registros fotográficos feitos ao longo das viagens de Mário possibilitaram a oportuna reconstrução de seus itinerários e deram origem ao seu "O Turista Aprendiz", segundo Torelly *"um dos mais importantes livros de "descobrimento" do Brasil, (...) escrito em forma de diário, com informalidade, humor e elevada percepção para o prosaico e o inusitado (...)"*, concluído em 1943, mas só editado pela primeira vez em 1976, postumamente. Como escreveu o próprio Mário, *"Agora reúno aqui tudo, como estava nos cadernos e papéis soltos, ora mais, ora menos escrito. Fiz apenas alguma correção que se impôs, na cópia. O conjunto cheira a modernismo e envelheceu bem. Mas pro antiviajante que sou, viajando sempre machucado, alarmado, incompleto, sempre se inventando malquisto do ambiente estranho que percorre, a releitura destas notas abre sensações tão próximas e intensas que não consigo destruir o que preservo aqui (...)"*.

Como pontuou José Tavares Correia de Lira, "*(...) a experiência para ele parecia reiterar uma posição específica quanto ao sentido mesmo da viagem: Não censuro o brasileiro que quer ver Paris, desejaria apenas que ele visse a Bahia, o Rio das vielas estranguladas que ladeiam a Avenida Central e principalmente abrisse o Sésamo acolhedor e encantado de Minas"*. (Mário de Andrade)

Ainda nas palavras de José Tavares Correia de Lira, *"as viagens do Turista Aprendiz (...) são um capítulo inevitável da história da cultura patrimonial entre nós. Não apenas em função do protagonismo que Mário de Andrade exerceu diretamente na formação de paradigmas, instituições, agendas, equipes e acervos patrimoniais no país nos anos seguintes. Mas também porque tais entradas em campo do escritor antecipam muito do que doravante viria a abastecê-los em termos de pesquisa etnográfica, arqueologia colonial e história das artes no Brasil".*

Pois é, como escreveu Octavio Ianni, *"toda viagem se destina a ultrapassar fronteiras, tanto dissolvendo-as como recriando-as"*, e a isso se propôs e fez Mário de Andrade.

E PARA ALÉM DOS BRASIS, REMATE DE MALES

Nas palavras de Mário em referência à sua estada na Paraíba, *"cidade de Catolé do Rocha... E são numerosos os nomes evocativos assim. Brejo das Almas, Palmeira dos Índios, Três Corações e, como coroamento dessas denominações maravilhosas de cidades, lá para os limites do Peru, a trágica cidadinha de Remate de Males"*, que de tão trágica acabou por ironicamente inspirar o nome do livro onde reuniu a produção poética de 1924 a 1929, escrita durante quase todo o período em que esteve em viagem.

No poema "Eu sou trezentos...", com que abre "Remate de Males", Mário demonstra a motivação e o ímpeto com que abraçou a proposta das viagens:

Ôh espelhos, ôh! Pirineus! ôh caiçaras!

Si um deus morrer, irei no Piauí buscar outro!

Eu piso a terra como quem descobre a furto

Nas esquinas, nos táxis, nas camarinhas seus próprios beijos!

Já em "Improviso do mal da América", Mário mostra um poeta entediado e necessitado da experiência que só as viagens poderiam lhe proporcionar:

Êh coisas de minha terra, passados e formas de agora,

Êh ritmos de síncopa e cheiros lentos de sertão,

Varando contracorrente o mato impenetrável do meu ser...

Me sinto branco, fatalizadamente um ser de mundos que nunca vi.

Campeio na vida a jacumã que mude a direção destas igaras fatigadas...

Não acho nada, quase nada, e meus ouvidos vão escutar amorosos

Outras vozes de outras falas de outras raças, mais formação, mais forçura.

Me sinto branco na curiosidade imperiosa de ser.

E foi. Foi "desbravar" regiões remotas do Brasil. Foi fazer a "descoberta" do Norte e do Nordeste, seus habitantes, suas manifestações culturais e religiosas. Rosa do povo, fez um "remate de males", tornando mais pura e completa a cultura de seu país. T

Sérgio Ballaminut
Cadeira 20 – Patrono Mário de Andrade

O ENCONTRO MARCADO COM FERNANDO SABINO

Gonçalo Júnior

Romance de formação escrito aos 33 anos se tornou a obra-prima do autor mineiro pela maturidade temática e pela profundidade narrativa, que emocionaram gerações

No último dia de aula do colegial, três amigos adolescentes combinam se encontrar na porta da escola quinze anos depois. O tempo era mais ou menos o mesmo da idade de cada um, e o prazo estabelecido correspondia ao período em que a maioria das pessoas vive as descobertas da vida, busca uma profissão, um amor, casa-se, tem filhos e pode conferir se a vida valeu mesmo a pena ou foi marcada por frustrações e decepções profissionais e pessoais.

Quando escreveu *O encontro marcado*, o escritor mineiro Fernando Sabino (1923-2004) estava ainda na fase inicial dessa caminhada, em 1956. Assumidamente autobiográfico, o romance explora a vida de um garoto arrogante com pretensões de ser escritor, que vai aprender com seus erros, até se decidir pela procura por um sentido para a vida, como qualquer mortal, nas muitas encruzilhadas que a vida traz no dia a dia.

Sutil sem deixar de ser profundo e intensamente psicológico, *O encontro marcado* foi estruturado com situações de humor, desespero, desencanto, egoísmo, arrogância, cinismo, valores moralistas, prazeres, voyeurismo, melancolia e esperança. Por tudo isso, toca fundo nas emoções mais íntimas do leitor. Não por acaso, tornou-se para muitos críticos e biógrafos de Sabino o romance de toda uma geração de brasileiros do pós-guerra, quando o Rio de Janeiro ainda era a cidade maravilhosa, mas o país estava mais perdido politicamente que nunca. Poucas obras da literatura brasileira — e até universal — têm a inten-

sidade desse livro de gente grande escrito por alguém que ainda começava no ofício.

O autor exercita a literatura como terapia de autoconhecimento, de repensar a própria vida e definir um caminho a seguir. Em meio a confusões e inseguranças da vida, quando a pouca idade está mais contra que a favor, ele biografa o jovem escritor Eduardo Marciano e exterioriza suas angústias, em meio à existência boêmia e intelectual intensa. Ele está perdido em relação à própria vocação da escrita e sua afirmação como homem das letras.

Tudo isso se passa numa época de incertezas e medos, de um mundo fragilizado pela possibilidade de uma guerra final, por causa da bomba atômica, e de um país instável, há pouco abalado pelo suicídio do presidente Getúlio Vargas (1882-1954) e pelas tentativas golpistas de impedir a posse do presidente Juscelino Kubitschek (1902-1976).

A saga de Marciano é contada por um narrador muito próximo do personagem, que o apresenta como um filho único mimado que parecia ter toda a liberdade para ser feliz e, no entanto, não conseguia por ser inquieto demais. Com humor, o narrador explica que a primeira derrota do moleque foi ver sua galinha de estimação, Eduarda, virar o almoço de domingo da família.

Criado por pais complacentes, cheio de vontades e de atrevimentos, Marciano gostava de testar a paciência das pessoas, como qualquer garoto de sua idade. Vivia atrás de um desafio para atingir alguma conquista e mostrar que era o melhor. A paixão por uma colega da escola — ótima aluna — levou-o a tentar ultrapassar seus limites. Ou seja, ocupar o primeiro lugar na sala e ganhar a admiração da garota. Conseguiu, mas logo perdeu o interesse por ela. Viu que podia ir longe.

Menino precoce, Marciano descobriu o sexo quase ainda criança e também seu talento para a escrita, que lhe rendeu o segundo lugar num concurso literário. Ao buscar o dinheiro do prêmio no Rio de Janeiro, torrou tudo e passou privações. "Saiu pela rua, mão no bolso, sentindo que naquele momento começava a viver. Pobreza, fome, miséria foram experiências vivenciadas intensamente e se tornaria matéria-prima para se tornar escritor.

Ele voltou para sua cidade e escreveu um conto em que dizia isso e o mandou para um concurso de ficção. Levou uns trocados e aprendeu que 'na vida tudo seria assim, a solução se apresentando imediatamente, mal começasse a buscá-la, gozando assim as dificuldades do problema?' Não demorou a quebrar a cara de novo por apostar nessa ideia. Marcou-o profundamente o suicídio de um amigo, Jadir, filho de pai alcoólatra, mãe desregrada e irmã saliente. Os dois tiveram, no dia anterior, uma bizarra conversa sobre tirar a própria vida. Jadir, horas depois, deu um tiro no peito."

Fernando Sabino, com uma visão aguçada para tudo à sua volta, transforma costumes ruins de uma época em matéria-prima de sua história, como os preconceitos comuns que regiam a vida numa cidade provinciana do interior, com ênfase no comportamento íntimo ou social. E essa discussão aparece nas entrelinhas.

O ambicioso Marciano segue em sua busca para ser o melhor em tudo, até mesmo na natação, o que deixa o pai preocupado quanto aos estudos, pois quer vê-lo formado. Essa expectativa seria frustrada. Até decidir que seria escritor e, com a orientação de um amigo do pai, especialista na escrita, iniciar a leitura de grandes escritores como base para se formar.

Quando tenta, porém, não consegue escrever o romance que tanto quer. No dia da formatura do colégio, quando terá de encarar a vida para valer a partir do dia seguinte, na despedida, Eduardo, Mauro e Eugênio decidem marcar um encontro naquele mesmo lugar, quinze anos no futuro. Até lá, cada um seguirá seu destino.

A esperança da reunião tanto tempo depois vai alimentar uma expectativa intensa até o fim do livro. Marciano direciona sua vida para a boêmia, quase nenhum estudo, pouco trabalho e muitas aventuras. E o resto é um romance inesquecível, com uma daquelas histórias em que, ao final, a trama nunca mais sairá da cabeça e a vida de quem lê não será a mesma. Uma sensação excepcional que só os grandes clássicos causam em todos nós. T

Gonçalo Júnior
Cadeira 21 – Patrono José Lins do Rego

LITERATURA E MEDIUNIDADE

Roberto de Carvalho

"A alma é essa coisa que nos pergunta se a alma existe"
Mário Quintana.

Apesar de muitos considerarem a comunicação entre os dois planos da vida como um fenômeno sobrenatural, trata-se de um acontecimento espontâneo e bastante comum, possibilitado pela combinação da sensibilidade mediúnica do ser encarnado e a afinidade de ideias entre este e o Espírito que, temporariamente desprovido de um corpo físico, habita o plano espiritual sem haver perdido os caracteres de sua personalidade intelectual e, consequentemente, de sua capacidade criativa, considerando que o pensamento é atributo da alma imortal e não da estrutura perecível da carne.

Esse intercâmbio sempre existiu na história da humanidade e pode ser comprovado em várias passagens da Bíblia, tanto no velho como no novo testamento, e tem uma atuação especialmente eficaz no campo da cultura. Em termos de manifestação artística, podemos dizer que a literatura ocupa papel de destaque nas comunicações espirituais, justamente por proporcionar uma comunicação mais direta entre os dois planos da vida.

Segundo Allan Kardec, em *O livro dos médiuns*, a comunicação pela escrita é, na maioria das vezes tão sutil, que não há como afirmar sem sombra de dúvidas o que é criação intelectual de autores encarnados e o que é psicografia. Muitos autores, naturalmente auxiliados pela espiritualidade em seus trabalhos, deixam de reconhecer esse auxílio, por desconhecimento ou descrença nesse intercâmbio; pela vaidade de não admitirem que haja inter-

ferência em sua "criação intelectual", ou até mesmo, em alguns casos, por não se julgarem merecedores do benefício de uma parceria considerada "sagrada" e acima de suas possibilidades morais.

O único método que não deixa qualquer dúvida sobre a participação de autor ou autores desencarnados na elaboração da mensagem é na psicografia mecânica. Pois, nesta, o Espírito atua diretamente sobre a mão do encarnado, fazendo com que a mão escreva sem a menor participação intelectual do médium/escritor. Tanto é que, se ele não puder ler o que escreveu, não saberá o conteúdo da mensagem, pois esta não lhe passou pelo crivo de seu pensamento.

A psicografia semimecânica já suscita alguma dúvida porque a mão do escritor é impulsionada (como na escrita mecânica), mas ao mesmo tempo ele tem consciência do que escreve. Ou seja, pode haver aí, ainda que minimamente, a participação intelectual do escritor, portador de faculdades mediúnicas, na comunicação.

Na psicografia intuitiva, o Espírito comunicante não atua sobre a mão do escritor para fazê-la escrever mecanicamente, ele atua sobre a alma deste, com o qual se identifica. Nesta situação, a pessoa tem consciência do que escreve, embora não exprima o seu próprio pensamento, mas apenas aquilo que lhe é sugerido pelo autor espiritual.

Na psicografia de inspiração, a percepção da parceria com um desencarnado é ainda mais sutil, porque a mediunidade inspirada é uma variedade da mediunidade intuitiva, com a diferença de que a intervenção de uma força oculta nesse caso é bem menos sensível. É por isso que ao escritor inspirado é ainda mais difícil distinguir o pensamento próprio do que lhe é sugerido.

Desse modo, afirmamos que é impossível mensurar o quanto há de participação de autores espirituais no contexto da literatura universal de todos os tempos. Os livros que atravessam séculos e milênios, reinventando-se a cada geração, mudando hábitos e costumes, não seriam obras psicografadas de Espíritos que sabem da importância dessas mensagens como norma de conduta para os habitantes

de um plano de expiações e provas? Esses Espíritos, hoje evoluídos, habitando um mundo mais elevado, já superaram os vícios morais e podem, por meio da literatura, ajudar-nos a chegar ao mesmo patamar em que se encontram.

Sugerimos uma reflexão à cerca dos Dez Mandamentos. Não teria o médium Moisés recebido, pela comunicação com um Espírito superior, e transcrito em tábuas de pedra o conjunto de leis que, em boa parte, até hoje serve de base para o comportamento do homem em sua relação com Deus e com o próximo?

Da mesma forma, os apóstolos que deram relevante contribuição para a divulgação do cristianismo, por meio dos evangelhos, não teriam também sido instrumentos mediúnicos inspirados por Jesus e demais Espíritos iluminados para transmitirem as mensagens que servem de base para todas as religiões cristãs?

No contexto da escrita psicografada encontram-se nomes de grande expressão universal. Para citar um exemplo bem próximo a nós, lembramos o médium mineiro Chico Xavier, que não se dizia autor intelectual de nenhuma das mais de quatrocentas obras que deixou publicadas.

E poderíamos aqui elencar um número imenso de escritores – de diferentes épocas e nacionalidades – que trouxeram e continuam trazendo relevantes mensagens atemporais que nos servem como um verdadeiro "manual do bem viver". Alguns, inclusive, que escreviam enquanto encarnados e que claramente mantiveram essa atividade depois de "mortos", sem abandonarem a marca registrada de seus estilos de linguagem, como podemos ver no livro *Parnaso de além-túmulo* psicografado por Chico Xavier, com a participação de dezenas de ilustríssimos "poetas mortos"; cada qual com o seu estilo e seu linguajar próprios.

Em um contexto mais abrangente, podemos falar ainda sobre o escritor francês Victor Hugo, que foi contemporâneo de Kardec. Ele se aproximou dos estudos espíritas, especialmente depois de ter contato com o fenômeno das mesas girantes. Victor Hugo participava de sessões mediúnicas e em uma delas recebeu informações incontestáveis sobre a filha que havia morrido em um naufrágio.

Após essa experiência, ele continuou recebendo recados da menina e, a partir daí, passou a desenvolver ideias sobre imortalidade da alma, intercâmbio entre "vivos e mortos" e reencarnação.

Desencarnado, Victor Hugo continuou escrevendo e nos trouxe obras de imensurável valor. Principalmente por meio da psicografia de Zilda Gama, escritora de extrema sensibilidade mediúnica.

Fernando Pessoa utilizava de heterônimos para assinar a sua literatura. Ricardo Reis, Alberto Caeiro e Álvaro Campos eram supostamente invenções "fictícias" do poeta português e apontados como autores intelectuais dessas obras de estilos bem diferenciados entre si.

O que pouca gente sabe é que familiares de Fernando Pessoa realizavam sessões mediúnicas em casa e que ele participava ativamente dessas reuniões. Em uma carta redigida em Lisboa, no dia 24 de junho de 1916, e dirigida a uma tia chamada Anica, ele admite a condição de médium e afirma ter recebido uma comunicação psicografada.

Vejamos o que Fernando Pessoa diz à sua tia:

O facto é o seguinte. Aí por fins de março (se não me engano) comecei a ser médium. Imagine! Eu, que (como deve recordar-se) era um elemento atrasador nas sessões semiespíritas que fazíamos, comecei, de repente, com a escrita automática. Estava uma vez em casa, de noite, (...) quando senti a vontade de, literalmente, pegar numa caneta e pô-la sobre o papel. É claro que depois é que dei pelo fato de haver tido esse impulso. No momento, não reparei, tomei-o como o fato natural em quem está distraído, de pegar numa pena para fazer rabiscos. Nessa primeira sessão comecei por a assinatura (bem conhecida de mim) 'Manuel Gualdino da Cunha'. Eu nem de longe estava pensando no tio Cunha. Depois escrevi mais umas coisas, sem relevo, nem interesse, nem importância.

E a extensa carta, que pode ser encontrada em vários endereços da internet, traz revelações interessantíssimas sobre a mediunidade de Fernando Pessoa, que vale a pena ser conhecida.

Mas qual era a visão de Pessoa a respeito da vida espiritual? O que ele pensava sobre os dogmas religiosos, que no início do século 20 eram bem mais austeros do que hoje? E sobre a condição antropomórfica de Deus, como aquele velhinho de barbas brancas, oferecendo aos escolhidos um céu tão ocioso quanto improdutivo? E sobre a invenção da chamada Santíssima Trindade? E sobre a fenomênica paternidade "sem pecado original" de Jesus. Ou seja, sem a conjunção carnal entre José e Maria?

No poema VIII do livro *O guardador de rebanhos* (também disponível em vários sites da internet), atribuído ao heterônimo Alberto Caeiro, fica clara essa visão de Fernando Pessoa, porque, por mais que atribuísse tais escritos a um fictício coautor, ele não daria publicação a um pensamento que contrariasse as suas convicções.

Apesar do tom crítico do poema aos conceitos "irracionais" criados pela igreja, trata-se de emocionante descrição de um Jesus "menino e humano", bem mais acessível a nós e muito mais atraente e sensato do que o ensanguentado, derrotado, desfigurado e aflito mártir pregado na cruz do calvário.

O Cristo que Pessoa nos apresenta é o menino risonho e feliz que se submeteu e venceu a crucificação justamente para nos mostrar que a morte – como as convenções dogmáticas de finitude equivocadamente apresentam – não existe.

Daí a afirmativa de que também – e principalmente – no universo da literatura cabe uma profunda reflexão sobre a célebre frase de William Shakespeare: "Há mais coisas entre o céu e a terra do que sonha a nossa vã filosofia".

Roberto de Carvalho
Cadeira 29 - Patrono Humberto de Campos

A CONVERSÃO E O CRISTO NA TOTALIDADE POÉTICA DE JORGE DE LIMA

Flávio Mello

Tocando o santo manto que envolve a poesia

Para podermos adentrar com mais profundidade na fase religiosa, ou na Terceira Fase poética de Jorge de Lima, e consequentemente entender qual o papel da religiosidade na poesia desse autor, precisamos compreender o título que mapeia o livro que aqui apresentamos. *A Túnica Inconsútil* "que não é outro senão a túnica de Cristo, a única que não se pode dividir" (LIMA, 1997, P. 46), assim como a descreveu o próprio autor.

E a Palavra nos apresenta,

A partilha das vestes – Os soldados, quando crucificaram Jesus, tomaram suas roupas e repartiram em quatro partes, uma para cada soldado, e a túnica. Ora, a túnica era sem costura[1], tecida como uma só peça, de alto a baixo. Disseram entre si: "Não a rasguemos, mas tiremos a sorte, para ver com quem ficará". Isso a fim de cumprir a Escritura que diz:

> *Repartiram entre si minhas roupas*
> *e sortearam minha veste.*
> (2Jo, 19 – 23, 24)

A túnica a qual se refere o poeta é o objeto sagrado em forma de tecido que envolveu o corpo de Jesus, claro que no plano poético, assim como o fez em Mira-Celi, Jorge de Lima poetiza o substantivo *túnica*, dando-o uma adjetivação lírica incrível. A túnica em Jorge passa a ser o próprio Cristo, sua pele, o ser que o abraça e a abraça toda sua obra, o manto que não pode ser partido, assim como a fé, o amor e a própria poesia.

[1] Possível alusão ao sacerdócio de Cristo na cruz: a túnica do sumo sacerdote devia ser sem costura.

Essa aproximação intencional do autor foi, ou ainda é, muito mal interpretada por alguns críticos, mesmo havendo poucos críticos que se debruçam sobre sua obra, isso por que se atribuiu ao poeta a ideia de que sua poesia é uma paráfrase de versículos bíblicos, ideia essa infundada e ao nosso ver muito distante da proposta do poeta. Acreditamos que o profundo conhecimento bíblico que Jorge tinha o levou a preencher as lacunas da poesia com a plenitude de passagens advindas das Escrituras Sagradas.

Jorge de Lima e o eu profano

"Um dos maiores poetas brasileiros de todos os tempos, enriquece o brasileiro das áreas menos coloridas pela influência africana, com a expressão poética de sua experiência de nordestino. "Gilberto Freyre *(Jorge de Lima e os seus Poemas Negros, O Jornal, Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1953).*

É muito difícil e, sobretudo delicado, para não dizer arriscado, falar da obra de Jorge de Lima sem antes falarmos sobre quem foi Jorge de Lima, e de como seu trabalho intelectual se fundamentou, isso por que seu eu artístico é parte intrínseca de sua verve criadora, pois suas raízes, credos, posicionamento político, e questionamentos que fomentam e dão intensidade a sua obra dando-a cor e forma, arquitetam os sentimentos que se delineiam na construção de suas metáforas, figuras religiosas e surrealistas, misturando-se assim num jogo místico e transcendentemente poético.

A história de Jorge de Lima se confunde com o artista Jorge de Lima, e ao passo que o lemos nos deparamos com sua história e a história de nosso país.

Jorge nasce no final do século XIX, em 23 de abril de 1893, em Alagoas. Seu pai era um forte negociante e senhor de engenho[2] de família tradicional. Com isso, o poeta teve forte convívio com a casa-grande do engenho, além da criação no sobradinho da praça Matriz de sua cidade. Sua infância foi se moldando com esses elementos, somados a figura do negro e o folclore,

[2] Povina Cavalcanti, crítico e amigo do poeta, em seu livro *Vida e Obra de Jorge de Lima*, assegura que o escritor não era filho de um Senhor de Engenho, o que vai contra as informações expostas na obra completa de Jorge, fonte integral de nossas pesquisas.

Por trás do sobrado em que veio ao mundo e a poucos quilômetros de distância, fica a serra da Barriga, onde Zumbi fundou seu famoso quilombo. Em frente há uma praça bem vasta e no extremo dessa praça a igreja de Santa Maria Madalena. A beleza da serra da Barriga, que ele, em menino, não cansava de admirar, embora tremesse, tantas eram as lendas, as assombrações, as histórias terrificantes que a seu respeito contavam, atuou fortemente em toda sua infância.

(LIMA, Jorge de, 1997, p. 23) Esses elementos podem ser vistos com mais clareza em inúmeros poemas,

[...]

Serra da Barriga, buchuda, redonda,
de jeito de mama, de anca, de ventre de negra!
Mundaú te lambeu! Mundaú te lambeu!
Cadê teus bumbuns, teus sambas, teus jongos?
Serra da Barriga,
Serra da Barriga, as tuas noites de mandinga,
cheirando a maconha, cheirando a liamba?
Os teus meios-dias: tibum nos peraus!
Tibum nas lagoas!

[...]

(LIMA, Jorge de, 1997, págs. 127 e 128)

O poema que aqui apresentamos é *Serra da Barriga*, do livro *Novos Poemas* de 1928, que num contexto mais histórico/poético Povina declara "a magia da Tróia Negra, a epopeia dos Quilombos dos Palmares na serra da Barriga." (CAVALCANTI, 1969 p. 26), onde podemos observar a presente figura do negro na poesia jorgeana, além do elemento religioso, nessa fase há uma forte presença do profano em sua obra, que se perde dando lugar ao cristianismo mais intenso de sua terceira fase.

Jorge de Lima atribuiu à Serra da Barriga o seu primeiro contato, de fato, com a poesia. Assim, nasce a partir dessa relação todo um universo particular do artista que culmina com inúmeros trabalhos (livros) sobre o tema.

A temática ainda é religiosa, mas completamente diferente daquela encontrada em Poemas, Novos Poemas e Poemas Escolhidos. Nesses livros havia uma espirituali-

dade católica popular e um indisfarçável sincretismo religioso.[3] O livro *Novos Poemas,* está inserido na segunda fase do poeta[4], a de adesão ao Movimento Modernista, assim como os livros *O Mundo do Menino Impossível (1925)*[5]; *Poemas (1927); Poemas Escolhidos (1932),* obras importantíssimas de Jorge de Lima, por que é justamente nessa fase que ele narra profundamente sua infância, suas experiências religiosas, o contato com os escravos e com a casa-grande, modelando seu pensamento religioso/profano que o investirá *à* Restauração.

Contudo, esse período da poesia jorgeana não nos cabe tratar aqui, neste momento, já que nos propomos a falar da fase cristã e não a fase moderna/folclórica que se emoldura com religiões africanas, deixemos esse assunto para mais tarde. Jorge de Lima é um poeta que migrou por diferentes veredas em sua vida artística, o que nos possibilita transitar e nos aprofundar em inúmeros braços da Arte. Com isso, faz-se necessário um enorme mergulho na história de nosso país, pois sua vida se confunde com diferentes momentos dessa história, conflui com fatos, ápice e declínios em sua mais profusa essência. Mas, por precaução, e em se tratando de Jorge de Lima devemos tê-la em demasia, não nos aprofundaremos nesse artigo as concepções de historicidade jorgeana.

A túnica inconsútil: poesia da submissão

A Túnica Inconsútil não é outra senão a túnica de Cristo, a única que não se pode dividir.

(Jorge de Lima, revista de O Jornal, RJ, 29 de julho de 1945)

O poeta alagoano disse em inúmeras entrevistas que estava insatisfeito com sua poesia, e foi por esse motivo que criou ao lado de Murilo Mendes a *Restauração da Poe-*

[3] Edição comemorativa dos 80 anos de nascimento de Jorge de Lima, União dos Palmares, Alagoas, 23 de abril de 1893 e dos 20 anos de sua morte Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1953.

[4] São elas, 1ª Fase: poesia Parnasiana, ortodoxa; 2ª Fase de cunho modernista, folclórica e social; 3ª Fase a religiosa (a da Restauração) e a 4ª fase o Barroquismo Intertextual que culmina em Invenção de Orfeu.

[5] *O Mundo do Menino Impossível é o livro/poema que insere Jorge de Lima de vez no movimento Moderno.*

sia em Cristo, que é inaugurada pelo volume de poemas *Tempo e Eternidade*, 1935.

A insatisfação de Jorge com a poesia é bem assimilada quando acompanhamos as transcendências e passagens de fase para fase em sua obra completa, há em sua carreira literária um mapa imaginário que nos guia por seu universo lírico geográfico. "Depois de Poemas Escolhidos, passei a inclinar-me, não mais pelo gênero de poemas que fazia, mas por outro de fundo místico". (Jorge de Lima, revista de O Jornal, RJ, 29 de julho de 1945).45).

Jorge de Lima ansiava pelo eterno, pela essência da poesia, o sumo sacro do verso, clamava pelo universal, e é em sua poesia (e não podemos esquecer de sua prosa surrealista/cristã) da restauração que consegue esse (e)feito.

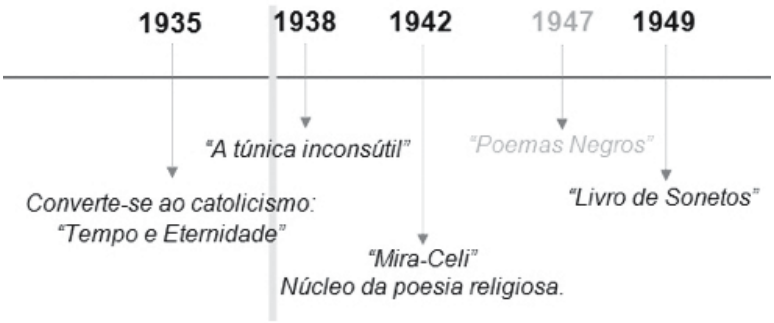
O poeta escrevia como quem queria encontrar a Deus, disse Povina, e não é difícil, ou impossível, concordarmos com tal afirmação, assim vemos a construção da *Restauração da poesia em Cristo*, em que podemos encontrar paráfrases bíblicas e a multiplicação de Cristo em todas as coisas,

Dividamos Cristo:

todos ressuscitarão iguais.

(LIMA, 1997, p. 336)

Deparamos agora com a túnica, a grande e sagrada túnica que revestiu o corpo santo de Jesus, e que agora envolve os poemas de Lima. Assim, "*A Túnica Inconsútil*, vinda após o dilúculo de *Tempo e Eternidade*, conduz o poeta para mais longe de nós, isto é, para mais alto, acima da atmosfera, além do nosso cotidiano, da nossa rotina, da nossa limitada filosofia". (CAVALCANTI, 1969, p.150).



O volume de poemas, e que dá seguimento a essa *Restauração* é dedicado, e não à toa, ao poeta surrealista Murilo Mendes, "o grande poeta meu amigo", assim descrito no livro. Contudo, é Murilo também seu irmão de armas espirituais, e a *eternidade*; e Jorge o *tempo*, ou lhe coube esse *tempo*, o encontro desses dois artistas gerou uma nova galáxia, um universo de palavras e imagens sensuais, sacras e apocalípticas.

Foste Tu que a criaste
e só Tu a poderás adormecer
com o narcótico da morte.
(LIMA, Jorge, 1997, p. 342)

O livro é aberto com o *Poema ao Cristão* e setenta e dois poemas. Depois, termina com a *Ode da Comunhão dos Santos,* dedicado a Alceu Amoroso Lima, conhecido pelo pseudônimo de Tristão de Ataíde, escritor e crítico acadêmico brasileiro[6].

Os versos que abrem a túnica de Jorge demandam o poder que Cristo tem sobre a poesia do poeta, e de como sua presença se estende em sua obra, o autor de Mira-Celi sai de um universo comprometido pela escuridão, pela ausência de Deus e passa a compreender de forma diferente o mundo que o cerca,

Porque o sangue de Cristo
jorrou sobre os meus olhos,
a minha visão é universal
e tem dimensões que ninguém sabe.
[...]
(LIMA, 1997, P. 351)

[6] ABL - Quarto ocupante da Cadeira 40, eleito em 29 de agosto de 1935, na sucessão de Miguel Couto e recebido em 14 de dezembro de 1935, nasceu na cidade de Petrópolis, a 11 de dezembro de 1893 e faleceu na mesma cidade a 14 de agosto de 1983. Foi considerado o crítico do modernismo. Convertido ao catolicismo por influência de Jackson de Figueiredo, Alceu tornou-se um dos mais respeitados paladinos da Igreja Católica no Brasil. Assumiu a direção do Centro Dom Vital, que congregava os líderes do catolicismo no Rio de Janeiro. Um dos fundadores, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, professor e escritor. (Fonte ABL)

É interessante a visão de mundo revelada por Jorge de Lima em seus poemas, pois "Nessa perspectiva, O Ressuscitado é mais bem entendido como o salvador do mundo inteiro, matéria e espírito. Ele o é verdadeiramente, por sua humanidade glorificada". (MALDAMÉ, 2005, p. 155).

Claro que essa visão se faz presente por que Jorge tem Cristo como ponto de partida para a formação de seu novo eu, de seu novo eu poético, atraindo para si os fatores divinos de Cristo e restabelecendo como homem que fora, "pois, nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade [...] (CL 2-9)", com isso

[...]
Tenho os movimentos alargados.
[...]
Sou ubíquo: estou em Deus e na matéria;
sou velhíssimo e apenas nasci ontem,
estou molhado dos limos primitivos,
e ao mesmo tempo ressoo as trombetas finais,
compreendo todas as línguas, todos os gestos, todos os signos,
tenho glóbulos de sangue das raças mais opostas.
[...]
(LIMA, 1997, P. 351)

E essa divindade é dissipada por todas as coisas, fazendo com que o espaço físico, o palco da poesia jorgeana se encha dessa divindade e, assim, o eu lírico compreende que

Não há escuridão mais para mim.
Opero transfusões de luz nos seres opacos,
posso mutilar-me e reproduzir meus membros como as estrelas-do-mar,
porque creio na ressurreição da carne e creio em Cristo,
e creio na vida eterna, amém.
[...]
(LIMA, 1997, P. 351)

Sua poesia vai aos poucos se tornando preces, cânticos, salmos, esse recurso (que injustamente foi muito mal interpretado) é, na verdade, uma grande inovação dentro da composição poética, uma amalgama lírica.

[...]
tenho os braços abertos como a sua Cruz despedaçada e refeita,
[...]
e sobre os ombros A conduzo
através de toda a escuridão do mundo, porque tenho a luz eterna nos olhos.
[...]
(LIMA, 1997, P. 351)

E, assim, descreve seu amor pelo Deus criador:

> A minha memória sobrenatural de poeta e de cristão se recorda dos grandes dias dos princípios, quando eu existia apenas no Teu Verbo que já derramava sobre as águas primevas, a voz imortal que pronunciaste pela boca dos Teus patriarcas, pelas bocas dos Teus profetas, pela Voz de Teu Filho Unigênito. Depois a Tua voz se calou para renascer na minha boca e nos grandes silêncios de Tua solidão que é mais sonora que as trombetas da Terra.
>
> (CAVALCANTI, 1969, p.155)

Acreditamos que tudo que fora criado por Jorge de Lima tenha sido intencional, não podemos crer que o poeta tenha galgado por espinhos e terra estéreis compondo sua obra, contanto com a sorte.

Estamos certos de que o poeta, ao longo de sua vasta produção, tenha criado um enorme laboratório, ou seja, fazendo vários estudos, escritos e pensamentos que culminariam na criação de seu último livro *Invenção de Orfeu*, 1952.

O que queremos dizer, na verdade, é que Jorge desde muito cedo já visualizara, como um profeta, o caminho que sua poesia iria tomar, como um *start epifânico*, prova disso são as marcas da fé e religiosidade ao longo dos poemas que antecedem a *Restauração.* Assim,

> Estou cada vez mais convencido de que, na origem profunda das múltiplas correntes e conflitos que neste momento agitam a massa humana, convém situar o gradual despertar de nossa geração para a consciência de um movimento de amplitude e organicidade cósmicas, movimento esse que, queiramos ou não, arrebata-nos, atra-

vés da inestancável edificação mental de uma Weltanschauung7 comum, em direção a algum "ultra-humano", adiante no Tempo.

(CHARDIN, 1986, p. 98)

A *Restauração da Poesia em Cristo* é esse despertar de Murilo Mendes e Jorge de Lima.

O poeta, romancista, historiador e intelectual brasileiro Mário de Andrade, uma dos fortes representantes da Semana de 22 em São Paulo ao lado de Oswald de Andrade e outros nomes de nosso cenário artístico[8], escreveu um belo prefácio para o volume *Poemas Negros*, na realidade, esse prefácio revela muito mais do que a apresentação do volume em questão, o texto foi publicado na *Revista Acadêmica*, Rio de Janeiro, em 1947 e nele encontramos reflexões interessantes sobre o poeta alagoano.

Mário define Jorge de Lima como um grande ser "Misterioso"[9] e essa visão do autor de *Macunaíma* se consolida justamente com o volume *A Túnica Inconsútil*. Esse mistério ao qual se refere o grande modernista se dá justamente pela complexidade dos *eus* de Jorge de Lima, pois, como sabemos, Jorge singrou por quase todos os ramos artísticos ao longo de sua vida.

E sobre a lírica de Lima "No momento, ela será talvez a poesia mais clássica do Brasil contemporâneo". (LIMA, 1997, p. 88) como afirmou Mário de Andrade.

Ao longo do texto de Mário encontramos adjetivos que bem descrevem o poeta alagoano, que além de importantíssimos para uma definição estrutural, compreendemos melhor o que já defendemos aqui.

Mário se refere a Jorge como um poeta de sutilezas e prudências, e é justamente essa prudência que o torna único em nosso rico panorama poético. E é com *Tempo e Eternidade* que a originalidade de sua obra floresce, mas é em sua Túnica que ela se firma e vai se alargando por toda

---

7 Segundo nota do próprio autor: palavra alemã (visão do mundo) que designa uma concepção do Universo e da Vida.

8 Jorge de Lima também foi um forte representante dos Modernistas em seu estado.

9 Escrevi mais a respeito no artigo intitulado *Jorge de Lima: Restauremos a Poesia em Cristo*, apresentado no congresso SOTER em Mina Gerais.

sua *geografia lírica religiosa* até os confins de Orfeu.

O crítico Fausto Cunha disse que ao ler *A Túnica Inconsútil* que foi invadido por "uma onda de misticismo bíblico", o que não obteve ao ler *Tempo e Eternidade* e com o *Livro de Sonetos* de 1949. E somos obrigados a repetir aqui a reflexão de Dutra sobre a poesia religiosa de Jorge de Lima, que é dividida em dois momentos:

1) Religioso:

- Volta-se para Deus o poeta com humildade e contribuição, num depreciatório submisso;
- O religioso é litúrgico por excelência, compreende o significado temporal das cerimônias, das preces, é objetivo;
- O religioso jamais seria capaz de alterar uma letra no missal, de transcender do ritualismo.
- O santo é ingênuo.

2) Místico:

- O místico requer certa ingenuidade ou, antes, uma ingenuidade total, um estado de inocência comparável ao da infância.
- O místico passa depressa da ortodoxia à heresia, sem sair de seu êxtase perante Deus. (LIMA, 1997, p. 97)

A partir desses dois pontos, compreendemos que:

- Senhor! Senhor! Ao domine, non sum dignus.

"[...] Jorge de Lima, místico, revive na linguagem a matéria amada e, possuído pelo objeto, chama a pura presentificação, o transe. [...]" (Bosi, 2000, p.177)

Como vimos ao longo deste texto, Jorge de Lima nunca deixou de ser um poeta religioso, pois a religiosidade está presente desde o início de sua obra, como vemos em seus poemas infantis. No livro *Tempo e Eternidade* encon-

tramos a redenção e entrega, ou o batismo desses poetas da Restauração, ao longo dos poemas vamos sentindo a presença de Cristo na formação estrutural da obra, em a *Túnica*, após Murilo e Jorge se separarem (na concepção criativa) o poeta de *Poemas Negros* cria a poesia da submissão ao vestir sua túnica.

E abaixo da túnica, havia a pele abrigando
o sexo em todos os poros;
mas um manto de pequenas chamas
tornava-o sem mácula
como um santo dentro da Graça.
E abaixo da pele existia vinho e pão
da eterna Trasubstanciação.
(LIMA, 1997, p. 354)

A presença da túnica sagrada reforça o paralelo bíblico, como vemos no poema *O Manto do Poeta*, em que seus tecidos são guarnecidos delicadamente ao corpo do poeta, como se Deus o estivesse modelando novamente seu primeiro ser, só que agora além do pó, do barro, surgem cordas de arpas, onde as cordas do instrumento abrigam outros universos simbólicos.

E Deus vendo que o manto se ajustava à sua criatura,
achou tudo muito bom e soprou-lhe de novo nos olhos
e lhe prometeu sua túnica inconsútil.
(LIMA, 1997, p. 354)

O homem, ou o corpo do homem, que agora se torna a matéria que dá forma a esse eu lírico (que peregrina em busca de salvação), é agora (re)criado pelo Deus Vivo e presente, como Adão e o sopro divino "Então Iahweh Deus modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou ser vivente." (Gênese: 2-7), essa persona que é moldada na palma da grande Mão é afinado e coberto pelos fios que formam a grande túnica, dando forma a um ser transcendente.

O poeta se torna metafisico, ultrapassa o senso huma-

no, pois esse sopro o revigora, torna-o essencial e parte de sua obra, parte intrínseca de sua poesia. E, mais que isso, ele não está mais sozinho em um quarto escuro, ou perdido em noite tempestuosa como disse em outros momentos, agora Jorge, ou o Eu lírico, está ao lado de Cristo, que o faz compreender o poder e o novo universo ao qual o poeta se entregou,

Alta noite, quando escreveis um poema qualquer
sem sentirdes o que escreveis,
olhai vossa mão — que vossa mão não vos pertence mais;
olhai como parece uma asa que viesse de longe.
Olhai a luz que de momento a momento
sai entre os seus dedos recurvos.
Olhai a Grande Mão que sobre ela se abate
e a faz deslizar sobre o papel estreito,
com o clamor silencioso da sabedoria,
com a suavidade do Céu
ou com a dureza do Inferno!
Se não credes, tocai com a outra mão inativa
as chagas da Mão que escreve.
(LIMA, 1997, p. 393, 394)

Jorge de Lima se encontrou em sua poesia por ver que não estava sozinho, eis ai o verdadeiro sentido da *Restauração da poesia em Cristo*, e um dos fortes motivos de sua criação. Esse trabalho de "restaurar" começou no momento em que os poetas Murilo e Jorge compreenderam que havia a necessidade de se restaurarem, de aprenderem a domar as inquietudes de suas almas.

O início se deu com *Tempo e Eternidade*, o divisor de águas, continuou com *A Túnica Inconsútil*, centralizou-se com *Anunciação e Encontro com Mira-Celi*, ganhou intensidade e espessura no *Livro de sonetos*, porta para o grande final, e cessou com a *Invenção de Orfeu*. Seu lado místico é dissipado ao longo de seu epopeico barroquismo intertextual, o livro *Invenção de Orfeu*, onde nos deparamos com a morte do poeta um ano depois de sua publicação, depois de ter vestido a túnica tecida por

Deus e a maculando com as falhas humanas, passado pela constelação de Mira-Celi e de se ver ingênuo diante ao seu Criador. Pois o poeta é antes de tudo um orador, um filho que percorre a terra enigmática e surreal da poesia restaurada propagando os feitos de seu Pai. T

Flávio Mello
Sócio Correspondente

BIBLIOGRAFIA
_____. *Bíblia de Jerusalém*, São Paulo: Editora Paulus, 6ª impressão, 2010.
ANDRADE, Fábio de Souza. *O engenheiro noturno: A lírica final de Jorge de Lima*. São Paulo: EDUSP, 1997.
BUENO, Alexei, *Jorge de Lima: poesia completa*; textos críticos, Marco Lucchesi... [ET al.]. – Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
CARPEAUX, Otto Maria. Organização e Introdução a *Obra Poética - Jorge de Lima*. Editora Getúlio Costa: Rio de Janeiro, 1949.
CAVALCANTI, Povina. *Vida e Obra de Jorge de Lima*. Rio de Janeiro: Edições Correio da Manhã, 1969.

MOACYR SCLIAR

José Bueno Lima

Moacyr Jaime Scliar, médico, gaúcho de Porto Alegre, descendente de judeus, escritor, nascido em 23 de março de 1937, foi um dos grandes cultores da língua portuguesa durante o século XX e começo do século XXI.

Devido à sua formação profissional, exerceu atividades como especialista em saúde pública. Escrevia na Folha de S. Paulo crônicas, contos e artigos diversos. Aqui seria crônica - certo? (ele já cita crônicas) baseados em notícias publicadas no citado jornal, transformando-as em interessantes histórias, dada sua enorme capacidade criativa.

Desde tenra idade, Scliar demonstrou tendência pela escrita, o que tornou sua obra numericamente ponderável. Seu livro mais famoso foi *Max e os felinos* Yann Martel, escritor americano, escreveu um romance que também ficou muito famoso, *As Aventuras de Phi,* que foi transformado em filme de sucesso. No meio literário, houve quem levantasse a celeuma, entendendo a obra como plágio da obra de Moacyr Scliar.

Em um artigo publicado no jornal Zero Hora, de Porto Alegre, demonstrando a simplicidade que lhe era peculiar, Scliar rebateu essa pecha. Afirmou "não conhecer exatamente o significado de plágio, nem haver uma definição clara do vocábulo. Como também, Yann Martel declarou ao mesmo jornal Zero Hora, que tomou conhecimento de meu livro, no The New York Times, através de uma

resenha feita por Herbert Mitgang. Esclareço, outrossim, que Martel colocou um agradecimento à minha pessoa, no prefácio do seu livro. Por fim, espero que todas estas coisas se esclareçam e que cheguemos a um desfecho justo e consensual. É possível que esta situação, que já ocorreu no passado, ocorra no futuro e será bom, portanto, que tenhamos regras claras de relacionamento entre escritores e entre as obras. Para que possamos, nós, os autores, escrever nossas obras e para que possa o público lê-las com prazer e com emoção".

Como contista, escreveu mais de dez livros, entre os quais *Histórias de Um Médico em Formação, Contos Reunidos, Pai e Filho e Filho e Pai*. Seus romances principais foram *A Guerra do Bom Fim, O Exército de Um Homem Só, Uma história Farroupilha,* entre mais de 20 outros. Na ficção juvenil, escreveu *Cavalos e Obeliscos, O Tio Que Flutuava,* e diversos outros, assim como muitas crônicas e ensaios.

De suas mais de 70 obras, várias foram traduzidas para o inglês, francês, italiano, espanhol, russo, alemão, hebraico, tcheco, assim como teve muitos contos e romances, editados em Portugal.

Moacyr Scliar recebeu diversos prêmios: três Jabuti nas categorias romance, contos, novelas e crônicas; um prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), categoria literatura e, outro nesta categoria da *Casa de Las Americas*, ambos em 1989.

Em 31 de julho de 2003 foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras; tomou posse em 22 de outubro do mesmo ano, e passou a ocupar a Cadeira 31, cujo patrono é Pedro Luís, substituindo Geraldo França de Lima. É considerado por muitos o escritor mais representativo da literatura contemporânea brasileira.

Tive oportunidade de ler alguns textos de sua extensa obra. Principalmente, como disse, na Folha de S. Paulo, no Caderno Cotidiano, e que me influenciaram em muitas de minhas produções literárias.

Li seu romance *O Exército de um Homem Só,* em que conta a história de Meyer, um judeu, cidadão russo que veio para o Brasil, marxista, e sonhava em fundar uma nova Bi-

robidjan, colônia onde nasceu, e, por isso, ficou conhecido como Capitão Birobidjan. Daí se tornou um fanático guerreiro, com uma vida tumultuada, de lutas, culminando a ser conhecido como o Don Quixote do bairro Bonfim, em Porto Alegre. Um livro muito interessante de se ler.

Em janeiro de 2011, lamentavelmente, Moacyr Scliar sofreu um acidente vascular-cerebral e faleceu quase um mês depois, aos 74 anos, em Porto Alegre, em 27 de fevereiro do mesmo ano. T

José Bueno Lima
Cadeira 14 – Patrono Álvares de Azevedo

INÊS DE CASTRO E O PRÍNCIPE PEDRO, DE PORTUGAL LAÇOS ETERNOS DE AMOR

Eva Bueno Marques

Era uma vez... Não. Esse é o início para histórias dos contos de fadas ou das Mil e uma noites cujos personagens terminam juntos, felizes para sempre. Infelizmente, não é o caso desta história verdadeira que vamos relembrar.

Voltemos ao século XIV, para falarmos da mais famosa, comovente e trágica história de amor vivida em Portugal: Pedro e Inês. Triste episódio repleto de conflitos familiares, revoltas, conspirações, traições, ódios, ciúmes e disputas para as sucessões ao trono, que levavam a doloroso derramamento de sangue.

Até hoje, historiadores, poetas, romancistas se debruçam sobre essa inesquecível história em busca de força romântica e de inspiração, que possam enriquecer a sua arte poética ou literária para recontá-la nos dias atuais. Camões a eternizou no Cântico III, de 118 a 135, de sua notável obra "Os Lusíadas":

"...Aconteceu da mísera e mesquinha/ Que depois de ser morta foi rainha.../ ... E, por memória eterna, em fonte pura/ As lágrimas choradas transformaram. / O nome lhe pôs, que inda dura, / Dos amores de Inês, que ali passaram. / Vede que fresca fonte rega as flores, / Que lágrimas são a água e o nome Amores..."

Pedro nasceu em Coimbra, no ano de 1320. Era filho de Dom Afonso IV e de Dona. Beatriz de Castela, sendo Pedro o primogênito e herdeiro da coroa portuguesa. Era neto da Rainha santa Dona Isabel de Aragão, mãe de Dom Afonso IV e esposa de Dom Diniz, fundador da Universidade de Coimbra.

Até os 16 anos, Pedro conviveu com a avó e dela recebeu ensinamentos e exemplos que muito o ajudaram em sua formação educacional e moral. Isabel procurou incutir no neto o amor à paz, à justiça e aos mais necessitados. Por seus atos de caridade, milagres e curas Isabel foi canonizada pela santa Igreja de Roma em 1625.

Inês Pires de Castro nasceu em 1325, em Castela, reino próximo a Portugal. Era filha ilegítima de um fidalgo poderoso da corte Castelã, Pedro Fernandez de Castro, e de uma dama portuguesa, Aldonça Soares de Valadares. Fora criada pela tia Tereza, no solar dos Albuquerque, para receber uma educação primorosa, o que lhe proporcionou notável cultura.

Sua formação foi complementada na casa do nobre João Manoel e de sua filha Constança, de quem mais tarde, Inês foi dama de companhia, quando da viagem dela a Portugal para as núpcias com o príncipe Dom Pedro, para cumprir o acordo firmado anteriormente pelos pais de ambos, como era o costume na época.

Inês, a linda galega, então com quinze anos, tinha atributos que a faziam muito notada, dada a beleza do porte com sua cabeleira loira e tez clara, olhos amendoados, que de tão linda era chamada de "colo de garça". Aliada à sua beleza física, Inês era dona de uma alma bondosa e predicados que lhe definiam amável caráter, rico em gentileza e simplicidade com que cativava a todos.

A vinda de Dona Constança a Portugal em 1340, destinada a casar-se com o Príncipe Pedro, trazia com ela uma obscura e dolorosa tragédia que iria escandalizar, em pouco tempo, a corte e todo o povo de Portugal.

Pedro, ao ver a jovem Inês, no séquito de Dona Constança, imediatamente se encantou com sua beleza e não desviou mais os olhos dela. A aproximação de ambos acabou por tornar visível uma forte atração mútua e a

centelha do amor nascente desfechou repentina seta que atingiu seus corações. Pedro declarou à jovem, de forma incontrolável, sua intensa paixão, no que foi inteiramente correspondido. Enquanto Inês tentava conter os seus sentimentos, movidos pela lealdade de não trair sua benfeitora e amiga, por outro lado, não conseguia controlar sua arrebatadora paixão pelo príncipe.

Cada palavra dele ao seu coração reprimido era um peso a mais para sua culpa, mas, ao mesmo tempo, não conseguia tirá-lo de seus doces sonhos e esse idílio revelou-se por toda a Corte e acabou sendo comentado por todos. Dona Constança na tentativa de superar o escândalo, convidou Inês para madrinha de seu primeiro filho, uma vez que, na época, esse parentesco moral consistia num fato que proibia relações amorosas íntimas, pois seria visto como um incesto. Mas parece que o destino favorecia a paixão de Inês e o afilhado veio a falecer. Como não conseguissem dominar aquela ilícita paixão, o rei Dom Afonso IV, pai de Pedro, determinou que Inês fosse exilada: viveria no Castelo de Albuquerque, na Espanha. Mas nem o exílio conseguiu esfriar o romance. As cartas amorosas iam e vinham com juras eternas.

E cada vez mais o destino se posicionava favorecendo a continuação do romance. Eis que, em 1345, Dona Constança Manoel veio a falecer, ao dar à luz seu filho Fernando. Pedro, então, livre das amarras do casamento de conveniência, busca Inês no Castelo de Albuquerque e a instala em Coimbra, num palácio, próximo ao Mosteiro de Santa Clara, onde os encontros se davam e a fonte dos amores que ainda lá existe, era o lugar ideal para as juras de amor eterno. Hoje, ali funciona o hotel "Quinta das Lágrimas". Nesse período, viveram os anos mais felizes de suas vidas e Inês concebeu e deu à luz quatro filhos de Pedro: Afonso que morreu criança; Beatriz, princesa de Portugal; João, príncipe de Portugal; e Dinis, infante de Portugal. Indiferentes aos comentários maldosos do povo e convivendo com a peste negra, endemia que assolava o país, Inês e Pedro viviam o seu mais profundo amor.

Com aquele relacionamento amoroso, Pedro tornou-se amigo dos irmãos de Inês, Álvaro e Fernando de Castro,

fato que contrariou bastante seu pai, Dom Afonso IV. O rei temia que, além de aborrecer Castela, ameaçando a independência de Portugal, os irmãos de Inês pudessem agir contra o herdeiro legítimo do trono, seu neto, Dom Fernando, filho de Pedro com Dona Constança, para introduzir ao trono um dos bastardos, filhos de Inês.

Por isso, os conselheiros de Dom Afonso IV, Pedro Coelho, Álvaro Gonçalves e Diogo Pacheco o convenceram de que só a morte de Inês poderia pôr fim aos riscos políticos do país e ao romance dela com Pedro. E assim, em 7 de janeiro de 1355, partiram para Coimbra. Inteiraram-se que Pedro iria caçar e Inês estaria sozinha com os filhos.

O premeditado assassinato aconteceu com frieza e crueldade. Por mais que ela lhes implorasse, apelando para o grande amor que nutria por Pedro e para que seus filhos, tão pequenos ainda, não ficassem órfãos, os carrascos desalmados, sem nenhuma piedade, cumpriram seu intento. E Inês se despediu deste mundo, na flor de seus trinta anos. A Fonte dos Amores continua até hoje,, jorrando suas águas, que, pela presença de algas que lá surgiram, passaram a ter a coloração avermelhada, para realçar, ainda mais a poética da história, a imaginação popular atribuiu o fato ao sangue inocente de Inês, derramado por ocasião de seu assassinato.

Quando Pedro soube da tamanha maldade, por um mensageiro, voltou da caçada, às pressas, com o coração despedaçado, sem acreditar que tinha perdido para sempre a sua amada. Ficou meio louco, fora de si e só pensava em vingar-se. Não se conformava com a tragédia a mando de seu pai. Iniciou, contra ele, uma guerra que durou meses e só foi cessada com os conselhos e interferências de sua mãe, Dona Beatriz, embora permanecesse inconsolável.

Dois anos depois dessa tragédia, morre Dom Afonso IV e Pedro sobe ao trono, em 1357, sucedendo ao pai e tornando-se o oitavo rei de Portugal, com o nome de Dom Pedro I. (Para esclarecer, Dom Pedro I que foi imperador do Brasil, era Dom Pedro IV, em Portugal).

Três anos depois, em 1360, Dom Pedro I fez a declaração de Cantanhede, jurando ter-se casado com Inês se-

cretamente, em Bragança, não se lembrando o dia e tendo como testemunhas apenas o Bispo da Guarda. Mas o motivo principal da declaração de Cantanhede foi legitimar os filhos nascidos do relacionamento dele com Inês, os infantes Beatriz, João e Dinis. Há historiadores que afirmam que não houve esse casamento secreto, declarado por Pedro.

No poder, pôs em prática a vingança que trazia latente em seu íntimo, pela morte de Inês, mandando que trouxessem à sua presença os três assassinos. Apenas dois foram encontrados, pois o terceiro conseguiu fugir. Ordenou, que lhes fosse tirado o coração, um pelo peito e outro pelas costas. Mas dizem, em Portugal, que essa vingança com requintes de crueldade foi fruto da imaginação popular.

Dom Pedro I mandou construir dois majestosos túmulos, uma obra-prima da escultura gótica de Portugal, no Mosteiro de Alcobaça: um, no braço norte do transepto, para Inês, e o outro no braço sul para ele, de maneira que ficassem ambos de frente um para o outro, para que no juízo final, ao se levantarem, com olhos deslumbrados, que um veja o outro em primeiro lugar, e naquele momento duas palavras ecoarão dentro do enorme mosteiro: "Pedro"!, "Inês"!

Em 1360, Dom Pedro I mandou desenterrar Inês, colocou uma coroa em sua cabeça, sentou-a no trono, declarando-a rainha de Portugal e ordenou que todos os presentes na coroação, lhe beijassem amão. Daí a expressão: "agora Inês é morta". Depois, ela foi transladada de Coimbra para Alcobaça, para o imponente Mausoléu, onde se encontra até hoje. Em todo o trajeto do cortejo dos seus restos mortais até o suntuoso túmulo, os camponeses com archotes iluminaram as estradas, naquela noite.

O rei Dom Pedro I faleceu em 1367, pouco antes de completar 47 anos. E foi sepultado em seu túmulo em Alcobaça, em frente à sua amada, como era a sua vontade. Em seu túmulo, há umas letras enigmáticas, que, segundo historiadores, significam: "Até ao fim do mundo", confirmando que aquele imenso amor durará por toda a eternidade.

Quem lhe sucedeu ao trono foi o seu filho com Dona Constança, Dom Fernando. Os filhos de Inês se espalha-

ram pela realeza e o pesquisador Jorge de Sena afirmou que, na virada do século XV para XVI, a maior parte da Europa coroada descendia de Inês.

Acerca da vida de Inês de Castro, várias óperas foram cantadas. Entre elas; a bonita ópera do compositor italiano Giuseppe Persiani, intitulada "Inês de Castro". Vários quadros foram pintados, vários filmes foram realizados e várias obras literárias escritas. Na literatura brasileira, foi motivo de criação poética por Jorge de Lima, Ivan Junqueira e Tatiana Alves. Todos eles cantaram a "Musa Inês".

Afonso Lopes Vieira, poeta português (1878-1946), foi o que mais cantou Inês. Destacamos o último terceto de um de seus sonetos – "Formosa Inês" – do livro de versos Ilhas de Bruma (1917):

Dorme, sombra de graça e de saudade, / Colo de Garça, amor, moça menina, / Bem-amada por toda a Eternidade!

Miguel Torga, poeta português (1907-1995), publicou em 1992,

"*E que não sou Constança ou Mariana, / Porque o meu nome verdadeiro é Inês, / Que sou a Julieta castelhana/ Do Romeu português."*

Outros sonetos de Virgínia Vitorino, poetisa portuguesa (1895-1967), valorizam o amor que persiste, o amor saudade, terno de sentimentos, que permanece após a morte:

"Eterno Amor", de Virgínia Vitorino:

"Pedro, o grande amoroso, o eterno amante, /Aos pés d'Inês, sozinho e triste diz:/ Fez-me Cruel o muito que te quis, /e acho ainda que não te quis bastante.

Não me viste morrer. Partiste adiante /nem me viste chorar; foste feliz. / Subiste ao céu – formosa flor de lis, /sempre tão perto, embora tão distante!

O leito que te dei não te merece. /Devia tê-lo feito de uma prece, /De saudades, de rendas, ou luar...

Vai-me esperando. – A expiação redime. –/tenho na vida a expiação dum crime. /– O Santíssimo crime de te amar."

Ainda de Virginia Vitorino: **Soneto**

Repousaram enfim. Sonham agora/Aquele grande sonho interrompido. /– O maior sonho que se tem vivido, /Sonho que julga – em cada nova aurora! –

Beijam-se os dois amantes hora a hora. /E no grande sossego apetecido, /Murmuram ambos eles num gemido;/ "Só é perfeito, imenso, o amor que chora!"

Inês, oh! linda Inês! "garça real", /Que para um bem sofreste tanto mal! /Dorme, dorme o teu sono tão profundo.

O teu Pedro te embala, nesse Amor/Que há-de ter sempre o nome de maior! /Que há-de ser novo – "Até ao fim do mundo" ... –

Tatiana Alves, poetisa carioca, afirma: Inês é mais que mito, é revelação poética. É dela o soneto abaixo:

No rastro de Inês II

Em seu colo de alabastro/Não há quem não se conforte/ Esta foi Inês de Castro/Do amor fez seu suporte.

Pelas armas de Cupido/Pedro a ela se transporta/Ao amor já convertido/Nada mais já lhe importa.

Quis Fortuna que a cilada/Levasse Pedro em seu rastro/ Descuidando da amada/Não há mais Inês de Castro.

Pedro volta da jornada/E chora por sua rainha/A bela, de joias ornada, /Rege o tom da ladainha.

Coroada após a morte/Num futuro que se aborta/Uma póstuma consorte/Já é tarde: Inês é morta! /

Essa história me marcou muito em abril de 2018, quando tive a oportunidade de conhecer pessoalmente esses lugares que guardam a energia desse amor que, permeando os séculos, jamais findará ou cairá no esquecimento, porque, antes mesmo da forte e doce união dos corpos, suas almas se encontraram para juntas irem "até ao fim do mundo".

Eva Bueno Marques
Cadeira 26 - Patrona Cecília Meireles

O ISOLAMENTO SOCIAL E OS AVESSOS DA VIDA

Maria do Céu Formiga de Oliveira

A sociedade em que vivemos não privilegia a contemplação, mas sim, a euforia, o ruído, a fluidez cujas ações empreendidas mudam antes mesmo de se consolidarem no dia a dia.

Transitamos embebidos em ambiguidades que infernizam nossa alma, como o desejo de liberdade e da busca da individualização, que promove relações inconsistentes e absurda produção de vontades. Parece que nada mais é feito para durar.

Um ser humano sem vínculos, inseguro, tomado pela natureza liquefeita dos laços sociais, é o que de fato é produzido neste tempo pós-moderno. Assim, tem que ficar correndo o tempo todo para não se ouvir, não se ver, não sentir que está sendo reconfigurado sob os princípios do consumismo, pelo uso e pelo desuso.

Contradições

São infinitas as contradições, como o desejo de apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos, desejo de relacionar-se e, contraditoriamente desconfiado, de que estar anexado pode ser perigoso. O exercício do amor, pelo visto, tornou-se uma benção claramente ambígua.

Relações periféricas são desfeitas quando o interesse que as mantinha, desvanece como pólen pelo ar... Compromissos e vínculos são interpretados como sinal de perigo. Vive-se com o desejo oculto da permanência, mas... monitorado pela ausência.

E por ironia do destino, nessa cultura midiática, onde o sossego e o silêncio se mostram como algo proscrito, se instala uma pandemia assombrosa.

O medo que nos acompanha

O medo, companhia indissociável do homem deste tempo, agora além dos seus velhos conhecidos como a violência urbana, a perda de recursos, o medo da exclusão, de ficar para trás... tem que ser acrescido ao medo de ser contaminado, adoecer e morrer por Covid-19.

Empurrado para "dentro", lugar onde pouco se fica, é levado a essa difícil estadia: a interioridade.

Estamos acostumados a encher todos os minutos, porque o tempo precisa ser ocupado, não importando, inclusive, o conteúdo. Simplesmente preenchê-lo.

Confinamento e a ocupação do tempo

Confinado em casa, ou se estabelece um isolamento com característica fascista, regido por uma rotina exacerbada por novas empreitadas rígidas, cheias de horários, numa "produção de coisas" do acordar até a hora de dormir, afastando o vazio existencial e seus ruídos internos ou, se disponibiliza a ficar consigo, permitindo períodos de contemplação que poderão levar a uma consciência mais ampliada e mudança de direção.

Que sentido estou dando à minha vida? Essa é uma questão que não quer calar.

Essa cultura do palavreado, do falar constante sem nada dizer, uma espécie de ontologia do "ruído sem fim", bem que poderia ser neutralizada nesse confinamento involuntário e gerar o oposto disso que seria estar verdadeiramente consigo e com o outro, uma ontologia da "escuta", fruto da virtude do acolhimento e reconhecimento pessoal, dos que estão à minha volta e do mundo que se vive.

Desfrute o silêncio

Eu opto por desfrutar o silêncio e sentir minha sensibilidade redimida, porque vejo que tudo o que planto em mim, através de um tanto de quietude, floresce em verdade.

Ouvir o silêncio e sair mansamente da inexpressividade oportuna das superfícies e mergulhar na infinitude do profundo, é o que eu desejo a todos... de todo coração. T

Maria do Céu Formiga de Oliveira
Cadeira 38 – Patrono Mário Quintana

CORAÇÃO BUCÓLICO: AS RAÍZES SENTIMENTAIS DE J. R. R. TOLKIEN NA COMPOSIÇÃO DO CONDADO DOS HOBBITS

André Chaves

Verão nascente na Europa. Na latitude em que se encontra o Rio Somme, o 1º de julho de 1916 foi um dia longo não apenas pelas horas lentas e tensas. Os primeiros raios do Sol cortavam, feito lâminas, fumaças negras emanadas de pontos fortuitos, capazes de resistir ao atoleiro de lama e poças d'água barrentas, surgidas das tempestades intermitentes, características da estação. O campo de batalha era charco fétido, corpos em decomposição jaziam em todas as direções, ignorados pelas vistas das sentinelas que espreitavam os inimigos ainda vivos atrás de periscópios de campanha.

Sinistro o silêncio do lugar, contrastava com barulho ensurdecedor – senão enlouquecedor – dos bombardeios, granadas e tiros entre os exércitos da coligação militar bretã e belga contra os opoentes teutônicos, cessados horas antes. Faziam parte de uma estratégia terrível. Os oficiais continuavam a utilizar voz autocrata e bestial para insuflar ódio nos corações dos soldados, pessoas simples transformavam em autômatos assassinos; recebiam ordens incontestáveis de alvejar o que se movesse nas linhas inimigas; descumpri-las representava traição, cabível prisão e processo no Tribunal Marcial.

Desmoronaram arrimos em muitos pontos das trincheiras, entulhos que dificultavam – embora não impedissem – o trânsito de soldados para ocupar posições de

ataque. A concentração exigida pela situação impedia que os jovens pensassem nos prazeres da vida; quando um chorava, no momento que outro vomitava, no desmaio de terceiro, um cabo ou algum oficial de baixa patente o retirava aos safanões, não era conveniente a propagação do medo.

Baioneta afiada encaixada na ponta do fuzil carregado, a segurava firme como única esperança de sobrevivência o recém-casado John, com apenas vinte e quatro anos de idade. Às seis horas e trinta minutos exatamente, ergueu-se, seguiu sorrateiro seu batalhão, determinado a garantir segurança à retaguarda da infantaria, que avançou contra as posições rivais. Assim que perceberam as movimentações, os alemães apoiaram metralhadoras potentes e espalhavam projéteis a esmo. Poucos chegaram ao enfrentamento direto; arames farpados e lança-chamas reproduziram o inferno.

Foram mínimas as conquistas da Entente Cordiale à extensão do custo humano: das cinquenta e sete mil baixas, ao menos dezenove mil mortos. Até então, foi a batalha mais sangrenta que o exército da Inglaterra havia participado. Depois de lutar, matar e acudir concidadãos e aliados, John foi tomado pela exaustão, lembrou-se de comer e beber. Encostou-se próximo à entrada de um túnel, abriu uma lata de feijão com pedaços de carne. Mastigava e engolia seco enquanto observava a cena e registrava na memória em que o ser humano havia se tornado: artigos de ódio produzidos em série, linha de montagem atroz, ensinados a não pensar, apenas acatar as ordens dos comandantes e agir por instintos de sobrevivência e assassínio a fim de cumpri-las.

Em meio à presença da morte em múltiplas faces, era saudade de casa que tornava possível sua existência em buracos sujos, húmidos e frios (1).

John Ronald Reuel Tolkien – J. R. R. Tolkien, como assinou seus livros – (1892 – 1973) serviu ao Exército Britânico não apenas nessa Batalha do Somme, mas também participou de outros movimentos militares que deixaram cicatrizes latejantes em seu coração.

Desmedido fascínio à crença de que a razão levaria a humanidade à harmonia derradeira foi abandonado perante a realidade demoníaca.

Quadro de uma arte facínora, o campo de batalha contrastava com outra lembrança, marcante por toda sua existência (2): recordação afetiva de outra paisagem, os campos bonançosos e produtivos de Sarehole, pouco mais de dois quilômetros ao sul de Birminghan, coração do território inglês, onde passou parte da infância, imigrado ainda pequeno de sua terra natal, Bloemfontein, África do Sul.

Chegou ao lugarejo em 1896 junto ao irmão (Hilary Arthur Reuel Tolkien, 1894 - 1976) e à mãe (Mabel Suffield Tolkien, 1870 - 1904), desejavam melhores condições de vida após a morte do pai (Arthur Reuel Tolkien, 1857 - 1896). A casa onde morou, em estilo normando, singela, suficiente para abrigar a família, situava-se nas proximidades da paróquia local. Campos férteis de vários cereais – veio econômico favorecido graças à proximidade do Rio Cole – cercavam o povoado. Esse curso d'água também proporcionou a construção do moinho movido à força hidráulica, obra do século XVI, restaurada dois séculos depois; construção humana que lhe era tão natural que, aos seus olhos, se misturava à paisagem.

Nela existia também um forno à lenha de uso coletivo, que o fez bem servir à comunidade até a primeira metade do século XX, quando foi preparado para se tornar o Sarehole Mill Museum no Shire Country Park, um patrimônio histórico capaz de receber turistas de todas as idades.

Mesmo existindo relações socioeconômicas entre diferentes faixas de renda e hierarquias políticas, os moradores da localidade se conheciam e havia zelo entre si, conviviam de maneira cortês e amável. Os desafios eram mais naturais que humanos: o frio rigoroso no inverno, chuvas constantes na primavera, calor acentuado no verão, as brumas cortantes do outono. Quaisquer intempéries seriam contornadas mais pela ação acurada da comunidade que se prezava diante da presença impassível do Estado.

A memória afetiva dessa referência bucólica encorajou J. R. R. Tolkien a formular o Condado (*Shire* no original

inglês), espaço geográfico onde vivem os Hobbits. No livro *A Estética da Criação Verbal*, Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895 – 1975) esclareceu que essa é uma característica da criação artística porque o autor, as personagens e seu texto estão integralmente ligados visto que o fato, tempo, causas e consequências, modos, principalmente lugares e personagens (elementos fundamentais da narrativa) são composições estéticas que transcendem a psique do criador e tomam forma exterior, a percepção do mundo do sujeito sobre o objeto, carregado este de valores intrínsecos ao que sofre e responde aos desafios da existência (3).

O Condado a ser analisado é uma das regiões que compõem a *Terra Média* em sua *Terceira Era*. Foi nesse espaço fictício onde se desenvolveram os povos que participaram dos acontecimentos em várias obras literárias do autor, neste artigo observadas *The Hobbit or There and Back Again* (1936), *The Lord of de Rings – The Fellowship of the Ring* (1954), *The Lord of de Ring – The Two Towers* (1954), *The Lord of The Rings – The Return of the King* (1955).

Além dos Hobbits, outros povos teriam vivido na Terra Média: homens, elfos, anões, orcs, gobelins, trolls, cada qual subdividido em grupos socioculturais independentes; todos eram espécies humanoides com características biológicas diferentes. Os próprios Hobbits do Condado descenderiam dos Pés Peludos, mas antes de se fixarem a Noroeste do Velho Mundo, a leste do Mar, existiam também Hobbits Grados e Hobbits Cascalvas, que acabaram por se agregar aos descendentes dos Pés Peludos. Além disso, espíritos vagavam por esse mundo dos vivos.

Opção por uma construção fabulosa dessas duas naturezas – biológica e espiritual - aponta para discussões no ambiente intelectual à época na Europa. O ponto biológico se relacionou à teoria pseudocientífica racial, de forte repercussão entre a segunda metade do século XIX e primeira do XX, segundo a qual existiriam raças diferentes da espécie Homo, umas mais "desenvolvidas" que outras; obra exemplar desse modelo de abordagem social foi *Essai sur l'inegalité des races humanines* de Joseph Arthur de Gobineau (1816 – 1882) publicada em 1855. A teoria racista fortaleceu o sentimento nacionalista do momento histori-

co no qual as obras ficcionais foram elaboradas; algumas vezes essa teoria foi marcada pelo isolacionismo, outras, pelo etnocentrismo. Tolkien parece não enveredar por essa falácia, visto que os variados grupos humanoides presentes nos livros têm suas diferenças marcadas pela cultura esquadrinhada no tempo, assim como pela personalidade e caráter de seus membros, sobretudo na inconciliabilidade entre humanitarismo e ganância.

Acerca do ponto espiritual, percebe-se a presença do misticismo frequente na literatura inglesa – principalmente no momento do Romantismo – com a presença de espíritos e outros seres etéreos transitando, agindo e exercendo interação com os humanos vivos (4). Todavia, é relevante mencionar que, no início do século XX, os fenômenos ditos "mediúnicos" ou anímicos atraíam tanto curiosos quanto estudiosos; na Inglaterra, foi organizada a London Dialectical Society em 1867, composta por cientistas de diversas áreas, que selecionou esses fenômenos como objeto de investigação e apresentou, quatro anos depois, detalhado parecer – *Report on Spiritualism of the Committee of the London Dialectical Sociey together with the Evidence, Oral and Written, and a Selection from the Correspondence*, editado pela *Longmans, Green, Reader and Dyer* de Londres – que atribuiu veracidade aos fenômenos, embora não pudessem constatar empiricamente suas causas, tais suas naturezas metafísicas.

Adiciona-se a isso o entendimento da construção desse espaço imaginário a partir do próprio conceito de Geografia. Não se restringe apenas à pura descrição da superfície do Globo Terrestre a partir de seus agentes naturais (vento, água, tectonismo, etc.), mas também a ação humana, consciente e quase sempre racional, para atingir seus objetivos, sejam eles construtivos ou destrutivos, corrigíveis ou irreparáveis, distribuída pelos espaços do planeta (5). Dessa maneira, seria necessário observar a interação da paisagem fictícia com as personagens Hobbits na vivência do Condado a partir das concepções racionais e habilidades físicas dessas personagens, sob os valores e experiências de J. R. R. Tolkien.

Isso demanda conhecer alguns de seus traços físicos e psicológicos, bem como suas habilidades, obtidos a partir

da leitura atenta dos livros, tentando identificar a maneira como J. R. R. Tolkien os apresenta à época dos acontecimentos dos livros, hermético em suas intenções e emoções.

Os Hobbits eram humanoides mais baixos que os humanos: em fase adulta, poderiam atingir um metro e vinte centímetros, alguns, porém, passariam dessa altura e chegariam a um metro e meio. Eram mortais, embora mais longevos que os seres humanos. Falavam o Westron, Língua Geral da Terceira Era da Terra Média, o que possibilitava interação verbal imediata com os outros grupos étnicos presentes na região.

Cabelos normalmente castanhos e encaracolados – penteá-los era dispensável – caíam sobre ouvidos agudos e salientavam rostos mais simpáticos que bonitos: largos, olhos brilhantes e perspicazes; completava a face bochechas rosadas e lábios sempre prontos para felicidade e gentileza.

A pele da sola dos pés era grossa – o que os fazia transitar entre as texturas dos variados terrenos sem a necessidade de calçado – enquanto o dorso, peludo.

Ostentar silhuetas que traçavam peso um pouco acima do ideal era comum entre os Hobbits; todavia, mostravam-se hábeis ao ponto de serem ligeiros em seus movimentos – quando queriam ser percebidos ou desejavam desaparecer rápida e silenciosamente – e fortes, pois demonstravam destreza na luta – valentes em apuros, sabiam manusear armas, embora preferissem evitá-las (muitas delas permaneciam sobre lareiras, singelos objetos de decoração).

Sempre divertidos e brincalhões, seriam comuns encontros para comer, beber, rir, foliar; festas eram eventos para todos, entusiasmados por quaisquer motivos, adoravam oferecer e receber presentes.

As famílias Hobbits possuíam grande conhecimento e habilidade no trabalho camponês – fosse agricultura, fosse pecuária – deixando transparecer que haviam aprimorado técnicas de plantio, cultivo e colheita, do preparo das glebas na estação correta até o cuidado com pestes que atacavam vegetais e animais. Orgulhavam-se de terras bem organizadas e lavradas, sempre com instrumentos manuais,

adubos e defensivos orgânicos. Trigo, milho, vinhedos, e outras plantações, em safras robustas demonstravam a fartura da terra decorrente do conhecimento desenvolvido no tempo e habilidades aperfeiçoadas.

Artesãos talentosos com variados os tipos de matérias-primas – couro, tecido, palha, madeira, barro, vidro, metal, entre os principais – faziam uso constante de ferramentas. Portanto, existia divisão social do trabalho: mineiros, ferreiros, cordeiros, tecelões, carreteiros, bolseiros, camponeses agricultores e/ou pastores, que ocupavam oficinas, barracões, vendas e áreas verdes e/ou cultiváveis.

Colhiam da natureza, pescavam e caçavam o que precisavam para comer, nunca por esporte.

Os Hobbits desenvolveram próprio calendário ao longo de muitos anos, o *Registro do Condado*, parecido com o calendário juliano-gregoriano solar, possuindo dias da semana, meses e estações do ano semelhantes aos utilizados pela civilização ocidental. Porém, o ano de referência para o início do calendário não poderia ser encontrado na data Ab Urbe Condita (ano de surgimento da cidade de Roma) ou no nascimento de Jesus Cristo, porque são fatos muito importantes e utilizados como referências pelo Império Romano da Antiguidade e pelos povos ocidentais respectivamente, para iniciar seu calendário. Para os Hobbits, momento marcante para abrir seu calendário era a travessia o Rio Brandevim, marco histórico para o instante no qual se estabeleceram na região; esse teria sido o Ano Um do Condado.

Dominavam noções de valor de uso e de troca, bem como a importância de uma moeda como instrumento eficiente nas transações econômicas. Todavia, não tinham pretensões de acumular riqueza infinda. Não eram gananciosos, não atribuíam valor ao ouro, ao dinheiro ou outra forma de ostentação de riqueza, o importante era uma vida pacífica, boa e serena.

Amavam a paz e a tranquilidade, não se apressavam desnecessariamente, prezavam um ritmo saudável em suas atividades cotidianas – isso explica porque não se preocupavam em entender ou manusear máquinas complexas, que poderiam lhe imprimir produtividade.

O Condado era reservado porque os Hobbits tinham receio do contato com humanoides maiores, desconhecidos. Todavia, gostavam de visitas de amigos, fossem outros Hobbits, homens, anões ou elfos, entre os próximos, que os entendiam completamente.

Não por outro motivo, o Condado era uma área existente no Noroeste do continente, região de Eriador e Reino de Arnor. Estendia-se por cento e vinte milhas desde as Colinas Distantes a Leste, até a ponte do Rio Brandevin a Oeste; por cento e cinquenta milhas dos pântanos do Norte aos charcos do Sul. Dividiam-no em Quartas (Norte, Sul, Leste e Oeste), subdivididas em vários povoados com os nomes das famílias mais prestigiadas.

Após atravessar a ponde sobre o rio batizado simplesmente de O Água, havia um moinho hidráulico; seguia uma rua com casas construídas com madeiras, tijolos ou pedras. Em A Colina adiante, outro tipo de residência: as tocas (*hole in the ground*). Não eram abrigos temporários ou trincheiras *nasty, dirty, wet hole, filled with the ends of worms and an oozy smell, nor yet a dry, bare, sandy hole with nothing in it to sit down on or to eat* (6), mas traduziam conforto. Uma porta de entrada redonda levava a um túnel com paredes bem rebocadas, forradas com madeira, piso com cerâmica. Em ambos os lados, portas para a sala de estar, com lareira e lamparinas, para os quartos, banheiros, cozinha, armário, adega, sala de jantar; os cômodos que ficavam em um dos lados possuíam janelas redondas para entrada de luz natural (tais janelas demonstram a existência de alguma diferenciação socioeconômica, presente nas casas subterrâneas dos mais afortunados) e que tornavam essas residências bem arejadas. Móveis (poltronas, cadeiras, mesas, cabideiros para chapéus e casacos, camas entre outros), em madeira, couro, metais e outras matérias primas, tornavam-nos resistentes e belos.

Com exceções, moravam em família e valorizavam seus antepassados.

Todas as residências (supra e subterrâneas) eram construídas para se harmonizarem aos prados e gramas vivas e verdes que se limitavam a bosques ou extensas plantações.

Em suas casas, chaleiras para chá estavam sempre nas lareiras, à espera de uma vontade ou de uma visita. Faziam cinco refeições ao dia com fartura. Apreciavam das *folhas de fumo* em charutos para as horas de contemplação.

Quanto à organização política, os Hobbits pareciam viver em um pacto social baseado em um proto-Estado. As leis que seguiam eram oriundas do livre-arbítrio, não de um órgão legislativo propriamente dito. O Poder Executivo não era centralizado, mas havia um coordenador, o Thainu; a ele subordinavam-se os poucos funcionários do Condado: o Agente Postal (responsável pelos serviços de mensagens) e o Primeiro Condestável, responsável pelo policiamento com a Patrulha composta por 12 Hobbits, sem uniforme oficial, mas com uma pena no chapéu para serem identificados. As instituições judiciárias pareciam se basear nas leis costumeiras e se relacionar a júri popular. Exemplo é na volta de Bilbo Bolseiro das aventuras em *The Hobbit or There and Back Again*: por estar treze meses fora e sem notícias, teve morte presumida pelos pares e seus pertences foram leiloados por um Hobbit escolhido pela comunidade para ter autoridade e comandar o processo de venda dos objetos sob pregão.

É possível observar vários pontos de convergência entre o ideal de vida bucólico de Tolkien e o dos Hobbits. Ponto substancial é o distanciamento da cidade industrial inglesa em seu apogeu. Dividida em zonas de incumbência, nas produtivas se concentravam grande parte das indústrias. Colossais edificações, suplantavam templos, universidades, lojas e outros criações das mãos humanas. Gritavam agudamente as mudanças de turnos, nas mesmas chaminés que expeliam resíduos negros finos, capazes de flutuar por muitas horas. O trabalho não passava de um "recurso humano", uma peça de carne e osso que maneja ferramentas e botões como extensão do braço e completava a maquinaria; sem identidade com o produto ou serviço oferecido, não há com que o trabalhador se orgulhar, nada próprio de seu íntimo está impregnado no que será vendido, está alienado da própria realização, bem como da riqueza que cria (7).

Áreas habitacionais para altas, médias e baixas rendas. De um lado, residências amplas, com variados espaços oportunizavam prazeres constantes e infindos aos seus proprietários; o que desejavam além, mandam buscar, perto ou longe. Do outro, amontoados humanos em mínimos espaços, apenas abrigos (muitas vezes alugados) para recompor energias para o trabalho, com poucas escolhas para suprir suas necessidades e muita solidariedade entre os pares. Entre os extremos, uma faixa absorta: residências intermediárias dividem o lugar com serviços e produtos de qualidade para famílias que disfarçavam suas condições: salvo exceções, sonhavam em ser abonadas, temiam mortalmente a pobreza.

Veias de ligação (ruas, avenidas, trilhos, rios onde passam carros, ônibus, bondes, metrôs, trens, balsas, barcos) conduzem pessoas e produtos. A ganância formou a cidade industrial, e as formas urbanas, por sua parte, condicionam de tal forma a mente humana que são incapazes de perceber outros estilos de vida, nos quais o medo da fome, da solidão, da violência não assombram, e as relações entre as pessoas não se baseiam em concorrência ou extorsão, mas em partilha e solidariedade (8).

Dessa cidade industrial brotou a concorrência com as indústrias de outros países, o nacionalismo exacerbado e o ódio cego ao estrangeiro nos corações dos desavisados. A escala industrial não se restringia a produtos e serviços que favoreciam a sobrevivência nas cidades, o treinamento para a transformação de homens em máquinas de combate, as armas, as munições, outros insumos que promoveram a transformação do campo dos sonhos em campos de batalha, a presença constante da vida em perda inumerável de ideais para a morte. Tolkien não se curvou a essas insanidades, foi convocado e obrigado a participar da Primeira Guerra Mundial, seu testemunho o perseguiu em pensamentos e, em uma obra ficcional, ficou inclinado a mostrar a contradição entre os desatinos da razão relativa à Revolução Industrial e a sensatez da vida bucólica.

Daí a defesa à vida bucólica no interior das obras literárias. O ar não é carregado de fuligem, mas o puro aroma da água e da terra; não existe agressão aos olhos e aos ou-

vidos. Mais próximo dos locais de cultivo, a alimentação não passa por processos químicos de tempero e conservação, são mais saborosos, nutritivos. A água sempre atinge o brilho do cristal nas gotas da chuva, nos riachos onde se movem alegres os peixes e os pescadores em suas pequenas embarcações; dá para beber dela, cozinhar, e assim límpida e corrediça, faz mover as engrenagens de madeira dos moinhos, transforma grãos em farinha, matéria do pão, a base alimentar mais presente no prato do ser humano.

A agitação não é dos contingentes humanos em trânsito neurótico, mas da natureza no farfalhar das copas das árvores junto ao vento e dos animais ladinos. Sem estresse durante o dia, o silêncio da noite é quem mais aquece e embala os sonhos.

O respeito à paisagem faz com que as casas com ela se harmonizarem, como se pertencessem naturalmente a um conjunto vivo e verde. O ecossistema local interage com as cores das estações. Também os campos férteis são conciliados aos prados e aos bosques. Muitas árvores nas ruas do esquecido vilarejo e nos quintais, animais de estimação soltos fazem parte da família, também os vizinhos e os demais conhecidos. Parentes não oficiais por documento, mas laços de ternura do coração, todos se importam, cuidam e, por que não, dão palpites na vida de todos, que recebem mais como presente e gratidão que por intromissão.

Não é importante a terra natal do outro (o próprio Tolkien um estrangeiro na ilha Bretã), sua posição socioeconômica, engajamento político ou orientação cultural, a aparência do outro, mas a humanidade que possui, o convívio capaz de construir e compartilhar alegrias em festas, brincadeiras, conversas informais, entre outras interações que criam vínculos emocionais e oferecem momentos registrados pela memória, a sensação do prazer da vida.

O trabalho, seja intelectual, seja braçal, inicia-se pela concepção mental e termina em seu produto ou serviço, com as características próprias da habilidade da pessoa que o produziu: belo e engenhoso, um orgulho. Assim, a mão de cada pessoa, um pouco de cada família, está em cada plantação, artesanato, escrito, música, comida, bebida, en-

fim, tudo que é feito pelas mãos, com maestria e carinho, é parte do amor compartilhado. O trabalho social, por sua vez, é a solidificação da cooperação. Quando a força humana não é capaz de executar uma atividade, mecanismos simples – como a roda d'água, o moinho e as ferramentas leves – são suficientes.

Maior lição do testemunho de Tolkien foi transferir como mensagem nas entrelinhas de suas mais famosas obras a moral e o amor como principais preceitos da vida coletiva. O Estado e sua autoridade tornam-se formalidades. A razão ausente de ética que cria a destruição e a morte de modo algum pode substituir o sentimento de bem-estar da vida bucólica que desenvolve a longevidade saudável.

Tolkien não voltou a morar em Sarehole, mas ele nunca deixou o Condado dos Hobbits, lá ele permaneceu para escrever *O Hobbit ou Lá e De Volta Outra Vez* e a trilogia *O Senhor dos Anéis* pelas mãos dos Bolseiros, o tio e o sobrinho. T

André Chaves
Cadeira 06 - Patrono Machado de Assis

Notas

(1) CARPENTER, Humphrey. **J. R. R. Tolkien – A Biography**, London, George Allen & Unwin Ltd, 1977, p. 66. SHEFFIELD, Gary. **Primeira Guerra Mundial Volume 5 – A Guerra Total: a mobilização da sociedade civil no esforço de guerra**, São Paulo, Folha de São Paulo, 2014, pp. 26 – 55.(2) FREUD, Sigmund Recordar, Repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II) in **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume XII**, Rio de Janeiro, Editora Imago, 1996, pp 159 – 171.(3) BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **A Estética da Criação Verbal**, São Paulo, Editora Martins Fontes, 1997, pp. 115 – 126. (4) CEVASCO, Maria Elisa & SIQUEIRA, Valter Lelliz. **Rumos da Literatura Inglesa**, São Paulo, Editora Ática, Série Princípios, 1985, 2ª Edição, pp. 47 – 81. (5) SORRE, Max. **El Hombre En La Tierra**, Barcelona, Editorial Labor, 1967, p. 4 – 6.,(6) TOLKIEN, John Roland Reuel. **The Hobbit or There and Back Again**, New York, HapperCollins Publishers, 2016, p. 27 .(7) MARX, Karl Heinrich & ENGELS, Friedrich. **La Ideologia Alemana**, Montevideo/Barcelona, Ediciones Pueblos Unidos/Ediciones Grijalbo, 1974, pp. 55 – 70 .(8) MUNFORD, Lewis. **A Cultura das Cidades**, Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1961, pp. 234 – 315.

UM OLHAR PARA O ENSINO BRASILEIRO

Humberto Domingos Pastore

A história da Educação no Brasil não tem apresentado mudanças significativas ao longo de sua história. O fim do Império, a chegada da República e os vários governos que se alternaram não conseguiram modificar o quadro principal que sempre foi de elitismo e exclusão. Mesmo recordando que as medidas são sempre norteadas pelo princípio de quem governa, a verdade é que o "funil" que leva ao ensino superior sempre privilegiou a casta mais abastada.

Todavia, existiram iniciativas a serem destacadas, como a gratuidade e da obrigatoriedade do ensino de base para a todos. Assim como as determinações para que grupos industriais – detentores da riqueza –, se preocupassem, também, com ensino dos filhos de seus empregados.

O surgimento de escolas de nível superior federativas, ou seja, comandadas pelo governo, através do Ministério da Educação, foi um alento, mas não o suficiente para poder abrigar "todos" os alunos, já que, por sua natureza, continua elitizado, mais acessível a quem pode pagar boas escolas.

Por outro lado, a LDB ou LDBEN. (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), não foi capaz de alterar significativamente o quadro vivido pela educação no país. Até a autonomia das Universidades sempre foi limitada. Para complicar ainda mais, os nomes de educadores que vinham se despontando e apontando caminhos foram calados pelo golpe militar de 1964, como Anísio Teixeira e Paulo Freire, e novamente a reforma do ensino foi relegada a um plano inferior.

Os vinte e um anos da ditadura militar brasileira foram marcados pela repressão, privatização do ensino, exclusão dos setores mais pobres do ensino elementar de boa qualidade e a institucionalização do ensino profissionalizante na rede pública regular.

Pode se dizer que os governos militares permitiram a aber-

tura de grande número de faculdades, possibilitando que a juventude pudesse ostentar um diploma, sem que, o ensino aplicado nestas escolas, contudo, fosse de primeira qualidade. Uma verdadeira maquiagem para tornar imperceptível a forte desigualdade social.

Uma lei significativa na educação foi a de nº 5.692/71, também conhecida como "Reforma Passarinho", vista como a segunda LDB do Brasil, que veio regulamentar o ensino de primeiro e segundo graus, que, entre outras determinações, ampliava a obrigatoriedade escolar de quatro para oito anos, aglutinava o antigo primário com o ginasial, suprimiu o exame de admissão e criou a escola profissionalizante.

Merece destaque a Constituição de 1988, promulgada no dia cinco de outubro, que assegurou, entre outras garantias sociais, a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber, a valorização do ensino e a garantia do padrão de qualidade.

O Ensino no Brasil viveu outra mudança significativa em 1996, quando foram implantados os ajustes propostos pela LDB, agora sob o comando do Ministro da Educação Paulo Renato de Souza, no governo de Fernando Henrique Cardoso. Essas medidas de reforma universitária se basearam em três pilares recomandados pelo Banco Mundial: 1) Avaliação Institucional e Exame Nacional de Cursos (Provão); 2) Autonomia Universitária; e 3) Melhoria do Ensino, por meio do Programa de Gratificação e estímulo à Docência/GED), que tornaram o ensino superior mais acessível à população e amenizando a elitização sempre vivenciada no país.

Ao nosso ver, a democratização do acesso ao ensino superior está ainda longe de atingir um patamar satisfatório. As medidas tomadas até agora são paliativas e de pouco alcance social. Negar que houve um avanço também seria injustiça com todos aqueles que lutaram para melhorar a situação. Comparando as décadas passadas com a realidade de hoje é visível que mais pessoas, em especial a juventude tem ingressado no ensino superior.

Aplausos maiores podem ser dirigidos à abertura para que jovens, de ambos os sexos, possam escolher, segundo seus crité-

rios, o curso que pretende estudar. Antes, havia uma pré-determinação, até involuntária, que fechava as possibilidades.

Se por um lado, o governo federal não consegue atender a toda demanda estudantil no nível superior, tivemos a ousadia da iniciativa privada, que soube aproveitar as brechas e abriu instituições escolares com oferecimento de mensalidades que cabiam nos diversos "bolsos".

Vale recordar, ao menos em uma frase, que a chegada das universidades federais, em regiões onde não existia esta oferta, como é o caso da região do Grande ABC, vem sendo uma importante porta aberta aos jovens ávidos em querer estudar.

Por fim, uma fala sobre as cotas, que, na sua essência, são medidas acertadas, mas que, na prática, não consegue seu objetivo, já que os quesitos paternalistas acabam desvirtuando e não premiando o público alvo original.

Muito da realidade do Ensino Superior no Brasil pode ser compreendido pelo fato do país estar perto de completar quinhentos e vinte e um anos e o tema não haver sido debatido e, muito menos, colocado em prática durante os seus primeiros trezentos e oito anos, no período colonial onde se privilegiou o ensino religioso e a educação que visava a domesticação dos nativos. Missão desempenhada pelos padres jesuítas em comum acordo com os governantes da época.

O período Pombolino, marcado pelo pensar de Marques de Pombal, também não trouxe avanços no âmbito educacional. Já que quem quisesse se aventurar na educação superior tinha que procurar os países europeus, em especial na cidade de Coimbra, em Portugal.

Pombal expulsou os jesuítas, proibiu o ensino de outras línguas que não fosse a portuguesa, ordenou que a educação passasse a ser conduzida pelo Estado, até realizou uma reforma no ensino, criando as escolas régias, e, para tanto, institui um imposto para a manutenção do ensino primário, denominado subsídio literário. Anos depois, ele sai no governo português, e o Brasil continuou a ser um país rural e não escolarizado.

Uma terceira fase tem como personagem central Dom João VI, que, ao vir com a Família Real, promoveu a abertura dos portos, criou o Banco do Brasil, e também mexeu no cená-

rio educacional, abrindo as Escolas de Primeiras Letras. Por Carta Régia, autorizou o Ensino Superior no Brasil, fazendo nascer o Colégio Médico Cirúrgico na Bahia e o Curso de Cirurgia e Anatomia no Rio de Janeiro.

Nas três fases, o que predominou foi o modelo elitista e excludente. Tanto que até mesmo com Dom João VI o critério definido para a participação era que o homem que soubesse falar francês e pudesse pagar diretamente ao mestre a quantia de seis mil e quatrocentos réis.

Os primogênitos também não podiam estudar. Vale citar que em contra partida exigia que o professor tivesse zelo, profundo conhecimento, fosse patriota e ministrasse um estudo luminoso. Não se tratava de uma universidade, mas, apenas cursos profissionais de nível superior que funcionavam de forma individualizada.

Uma novidade aconteceu em 1822, quando o ensino foi dividido em Primário, Secundário e Superior. O primeiro foi destinado ao ler e escrever. No segundo, as aulas régias, que eram divididas em disciplinas e no terceiro um modelo de escolas voltadas para a profissão.

Em 1827, foram criados os Cursos Jurídicos em Olinda e em São Paulo. Mas este quadro não muda muito. Até 1889, só existiam entre doze a quinze cursos e faculdades de nível superior.

A Primeira República universalizou as ideias de uma rede de ensino primária, que fosse pública, gratuita e laica. Criou as Escolas Normais e os Grupos Escolares. A realidade do início do século XIX apontava que só 0,5% da população de dezessete milhões de habitantes era escolarizada. Mesmo assim, das 25 escolas superiores de 1907, o país passa para 338 em 1933.

A primeira Universidade brasileira viu surgir no Rio de Janeiro, em 1920. Mas, o país passou a viver uma nova perspectiva no campo do ensino superior só no período de 1930 a 1945, no governo de Getúlio Vargas, que se tornou o responsável inclusive, pela Primeira Diretriz Geral para o Ensino Superior, no ano de 1931.

O país passa a ter articulações isoladas nas faculdades de Direito, Medicina, Engenharia, Educação, Ciências e Letras.

Criada no dia 25 de janeiro de 1934, a USP veio despertar na sociedade o debate sobre uma escola de nível superior com perfil estritamente elitista. É que ao menos no papel, esta nova escola se mostra aberta a possibilidade de a população vir a estudar sem ter que "pagar" por este estudo.

A USP nasceu propondo um novo modelo de ensino superior, obedecendo a regra do Estatuto das Universidades Brasileiras elaborado em 1931. Conseguiu reunir os vários cursos de nível superior existentes no estado, naquela época, tais como de Filosofia, Letras e Ciência e se tornou porta de entrada para qualquer curso profissionalizante. Teve por base de ação três importantes vertentes assim distinguidos: Ensino, Pesquisa e Extensão.

A instituição aumentou consideravelmente o canal de acesso ao ensino superior, incentivou a criação, em 1937, da UNE, a União Nacional dos Estudantes, que promoveu uma luta contra o Estado Novo e o Fascismo.

E viveu uma ambiguidade sem precedentes. Ao mesmo tempo em que tornou o ensino superior mais democrático e possível para outras classes sociais, a USP valorizou o surgimento do professor catedrático como uma figura com profundo poder centralizador em sua matéria.

A LDB de 1996 também estabeleceu que as universidades são instituições pluridisciplinares de formação de quadros profissionais de nível superior, de pesquisa investigação, extensão, domínio e cultivo do saber humano.

Assim, devem possuir: I. Produção intelectual institucionalizada, mediante o estudo sistemático dos temas e problemas relevantes, tanto do ponto de vista científico e cultural, quanto das necessidades de nível regional e nacional; II. Um terço do corpo docente, pelo menos, com titulação acadêmica de mestrado e doutorado; III. Um terço do corpo docente em regime de tempo integral. A universidade tem autonomia didática e cientifica, bem como autonomia administrativa e de gerenciamento de recursos financeiros e do patrimônio institucional.

Quanto à autonomia para a abertura de novos cursos, o marco legal determinou que as universidades estivessem dispensadas de solicitar ao poder público autorização para abrir novos cursos superiores.

De acordo com o Instituto Nacional de Pesquisa em Educação – INEPE –, que informa as Sinopses dos Censos do Ensino Superior, atualmente, no Brasil, são consideradas universidades um total de 2.013 instituições de ensino superior, em que 169 são universidades, distribuídas da seguinte forma: 60 são universidades comunitárias; confessionais ou filantrópicas; 32 estaduais; 46 federais; cinco municipais; 26 particulares, sendo deste total 83 públicas.

O que se pode concluir até aqui é que o Brasil ainda precisa avançar muito no que diz respeito às condições de oferecer uma educação em nível superior para um contingente maior de sua população, em especial, aos que estão em idade de ingresso no ensino superior.

Para isso, a expansão do número de instituições se torna uma necessidade imediata. No entanto, a expansão não pode seguir ocorrendo de forma desorganizada, e superada expressivamente pelo aumento de instituições de caráter privado, uma vez que a sociedade não tem condições de absorver os altos custos que representa concluir um curso em nível superior.

Da mesma forma, isso gera a necessidade de uma constante reflexão sobre a sistematização do sistema de Ensino Superior brasileiro, a fim de que a oferta esteja de acordo com as necessidades apresentadas pela população, que se movimenta também de sintonia com os novos cenários e com as novas demandas do mercado de trabalho.

O momento é bastante delicado não só devido as tensões existentes entre o sistema público e privado, como as questões de financiamento da educação superior, a autonomia universitária e a necessidade de constante avaliação para garantia da qualidade, que são questões recorrentes nas agendas do setor político e educacional do país. T

Humberto Domingos Pastore
Cadeira 19 - Patrono Dom Aquino Correa

SAUDADES DE MIM... E DELA...

Clóvis Roberto dos Santos

Por vezes, quando reflito sobre as tremendas consequências que resultam das pequenas coisas... fico tentado a pensar...que não há pequenas coisas.
Bruce Fairchild Burton: escritor norte-americano – (1886 – 1967)

Nada melhor, para começar um texto, que a utilização de um pensamento lindo e imorredouro do grande crítico literário, escritor e professor fluminense Alceu de Amoroso Lima, o Tristão de Ataíde (1893 – 1983): "O passado não é aquilo que passa, mas aquilo que fica do que passou" – citado por Flávio Tavares, jornalista e escritor no Estadão de S. Paulo de cinco de junho de 2020.

A história registra que um pintor grego Apeles (séc. IV a.C), após o término de suas obras, costumava se postar bem próximo da exposição para ouvir a opinião do público. Certo dia, tendo terminado um quadro de uma mulher bem vestida com os trajes da época, verificou que a maioria se encantou com a beleza e a perfeição do quadro, até que chegou um sapateiro e fez alguns reparos nos calçados.

O pintor concordou e, agradecendo, disse que faria os ajustes. O visitante, então, começou a fazer algumas outras observações sobre possíveis erros em outras partes da vestimenta. Aí o pintor intercedeu e disse:

– Pare senhor, não vá o sapateiro além das chinelas (*Ne sutor, ultra crepidam judicaret*).

Aí, pensamos, como um autor técnico de assuntos pedagógicos, como nós, se atreve a escrever sobre o amor? Então, tenhamos juízo em não ir muito além das chinelas, isto é, da pedagogia.

Mas, mesmo errando, vamos tentar fazer porque valerá a pena, pois se não tentarmos, poderemos errar sempre. De repente, não mais que de repente, temos saudades de mim... e dela..., da superposição dos nossos passados, já tão distantes.

Em tempos de pandemia de um vírus terrível e invisível, causando estragos violentos no mundo inteiro, com notícias alarmantes divulgadas pela imprensa. São informações que trazem palavras ou expressões repetidas o tempo todo, como novo corona vírus, *"lockdown*", isolamento total, social ou domiciliar, confinamento, afastamento social, tempos de agonia e de incertezas, agrupamento ou desagrupamento social, prisão domiciliar, crise econômica, segurança sanitária, distanciamento social, isolamento horizontal e vertical, epidemia, pandemia, Covid-19, cloroquina etc.

Então, nesses tempos tumultuados que, apesar do conforto do lar e na companhia de alguns familiares, sentimo-nos isolados da sociedade em geral: ruas desertas, comércio semiaberto, familiares longe, amigos distantes, enfim, algo totalmente diferente de nosso cotidiano.

Nos vagares da quarentena, não mais de quarenta dias, pela etimologia, pudemos nos aventurar pelo nosso passado. Saudade, palavra linda e de extensa significação. Lembramos do belo poema escrito em castelhano por Mário Palmério (1916-1996), brasileiro de Minas Gerais, escritor, poeta, compositor, quando morou no Paraguai, por muitos anos, como Embaixador do Brasil.

Saudade...

Se insistes em saber lo que es saudade,

Tendrás que antes de todo conocer,

Sentir lo que es querer, lo que es ternura,

Tener por bien un puro amor, vivir.

Después comprenderás lo que es saudade,

Después que los haya perdido aquel amor,

Saudade es soledad, melancolía,

Es lejanía, es recordar, sufrir.

Em uma rápida pesquisa, encontramos poetas, seresteiros, cronistas, psicólogos, psicanalistas abordando o tema

saudade, todos enfocando o assunto de acordo com sua visão, sentimento e momento, porque tudo na vida é uma questão de ponto de vista que sempre será, para cada um, a vista de um ponto.

Com certeza, todas as pessoas estão tendo ou já tiveram saudade de alguém ou de algo. Vamos a algumas citações sobre o termo, começando pelo Dicionário do Aurélio: "Lembrança nostálgica e, ao mesmo tempo, suave, de pessoas ou coisas distantes ou extintas, acompanhada do desejo de tornar a vê-las ou possuí-las". Em seguida, a mesma fonte cita de Da Costa e Silva (1885-1950) o poema Pandora:

Saudade!

És a ressonância

De uma cantiga sentida

Que, embalando a nossa infância

Nos segue por toda a vida.

Houaiss também explicita: "Sentimento mais ou menos melancólico de incompletude, legado pela memória à situações da presença de alguém ou de algo, de afastamento de um lugar ou de uma coisa, ou à ausência de certas experiências e determinados prazeres já vividos e considerados pela pessoa em causa como um bem desejável". A Grande Enciclopédia Larousse Cultural confirma as anteriores:
"Recordação suave e melancólica de pessoa ausente ou coisa distante que se deseja voltar a ver ou possuir. Nostalgia. Pesar pela ausência de alguém que nos é querido".

E, agora, nos vem a lembrança DELA quando sentávamos aos seus pés e ela sempre cantava e muito bem, quando nos acariciava e, nossa alma começava a vaguear pelos espaços infinitos onde o universo aparecia como um sonho e, com a cabeça em seu colo, adormecíamos, embalados pela linda e inesquecível composição de Joubert de Carvalho (1900-1977), maravilhosamente interpretada pela

"falsa baiana", portuguesa de nascimento, criada no Rio de Janeiro, a "Pequena Notável", Carmem Miranda (1909-1955), THAÍ, na escrita da época, década de 1930:

Taí… ou Pra você gostar de mim

Taí, eu fiz tudo pra você gostar de mim,
Oh! meu bem, não faz assim comigo, não.
Você tem, você tem que me dar teu coração.

Meu amor, não penso esquecer
Se dá alegria, faz também sofrer.
A minha vida foi sempre assim,
Chorando as mágoas que não têm fim.
Essa história de gostar de alguém,
Já é mania que as pessoas têm,
Se me ajudasse Nosso Senhor
Eu não pensaria mais no amor.

Agora, em plena pandemia causada pelo novo corona vírus, temos saudade e a sensação de estarmos solitários, apesar de tanta gente em volta, a tal de solidão urbana. Pensamos: vamos ler e escrever, inspirados nas palavras de Milton Hatoum – Estado de S. Paulo de 29 de maio de 2020:

"A solidão da leitura faz bem. Só na solidão a gente descobre que o diabo não existe. Se o demônio aparecer, escreva. O capeta tem medo de certas palavras".

Então, vamos escrever e lembrar de:

Luiz Ayrão (1942) – cantor e compositor:

Sozinho na multidão que passa e nem me vê. Sou apenas um vulto que em meio ao tumulto...

Gabriel – o Pensador (1974) – cantor e compositor:

Solidão interior é quando você sente que:

– não é o seu lugar;

– não é o seu tempo;

– não é o seu mundo;

– é sentir saudades de alguém que você não conhece;

– é quando, mesmo acompanhado, você se sente sozinho;

– solidão interior é sentir e sentir-se.

Vivemos na situação que, embora na comunidade mundial, nos sentimos sozinhos, mesmo rodeados de parte de nossa gente. Assim, na solidão do lar, lembramos de uma linda e expressiva composição de Paulo César Baptista de Faria, Paulinho da Viola (*1942), carioca da gema:

Dança da solidão

Solidão é lava que cobre tudo

Amargura em minha boca

Sons de seus dentes de chumbo

Solidão palavra cavada no coração

Resignado e mudo

No compasso da desilusão

Desilusão, desilusão

Danço eu, dança você

Na dança da solidão

Meu pai sempre me dizia

Meu filho tome cuidado

Quando eu penso no futuro

Não esqueço o meu passado

Desilusão.....

Quando vem a madrugada,
Meu pensamento vagueia
Com os dedos na viola,
Contemplando a lua cheia
Apesar de tudo,
Existe uma fonte de água pura
Quem beber daquela água,
Não terá mais amargura

Desilusão...

Carmela ficou viúva
Joana se apaixonou
Maria tentou a morte
Por causa do seu amor

Desilusão...

Em suma, pior que estar sozinho, mesmo estando acompanhado, é sentir-se sozinho.

Afinal, em tempos de cólera, o que realmente somos: anacoreta, eremita, ermitão, monge ou cenobita? Vamos aos conceitos, conforme dicionários e enciclopédias: anacoreta, eremita ou ermitão: religioso ou penitente que vive em solidão, em vida contemplativa; pessoa que vive afastada do convívio social.

Isto é, aquele que vive retirado do mundo; ou monge cristão que vive em retiro, solitariamente, especialmente nos primeiros tempos do cristianismo ou pessoa que escolhe viver recolhida, afastada do convívio social; cenobita: indivíduo que leva a vida retirada, mas em comum com outros

que têm os mesmos interesses, princípios ou prerrogativas,

Pensamos que, atualmente, somos mais do tipo cenobita, mas não por vontade própria, e sim obrigados pelas circunstâncias e condenados à prisão domiciliar' por um crime que não cometemos. Será que não? Os ambientalistas acham que somos sim 'criminosos' ao praticarmos um autêntico matricídio com nossa Terra.

Sobre o problema que estamos vivenciando, o melhor é citar bons escritores, como o livro que estamos lendo, *"O mundo como eu vejo",* de Leandro Karnal (*1963), que, num capítulo aborda solidão real e virtual, assim se expressa, num trecho que escolhemos mais apropriado para o hoje e agora:

"Nenhuma escrita sobre a solidão poderá ignorar o celular, a muleta suprema que criamos para ter o suficiente isolamento do mundo aliado ao contato com quem e quando desejarmos. Somos deuses com ele e decidimos o que não é bom que estejamos sós e que, da mesma forma, é ótimo voltar a nossa concha confortável. Somos lobos de alcateia e com prazer uivar solitários para a lua de quando em vez. Melhor, somos lobos com Instagram e WhatsApp".

Então, parece que a chave de tudo não é a solidão ou companhia, porém o controle. Idealizamos praias isoladas para poder enchê-las com pessoas do nosso círculo. A ideia de exclusividade é acompanhada da possibilidade de selecionar quem poderá povoar o espaço único.

Celular é nossa praia protegida por senha, que pode ser palmilhada por Robinson Crusoé isolado ou selecionar um Sexta-Feira disponível. A genialidade do aparelho e a base de seu sucesso é seu mecanismo: regulo quem me faz companhia, administro meu silêncio e posso reger quais imagens quero fazer para tornar real meu roteiro imagético para o público. Tudo está reunido em um único aparelho!
Ah, se o prisioneiro da máscara de ferro da imaginação de Dumas tivesse tido a chance de fazer selfies, sua solidão teria sido menos cruel.

Em entrevista ao jornal O Estadão de S. Paulo, de 30 de março de 2020, o psicanalista Luiz Tenório de Oliveira Lima comenta a importância de nunca ter o sentimento da falta de onipotência, quer dizer, a perda da autoestima, que

não se sente mais dono de si. Lembramos, então, do figurativo dos dois seres não humanos que sempre nos acompanham: o anjinho e diabinho, isto é, a razão e a emoção.

Nos momentos difíceis, a razão sempre deve prevalecer e o anjinho deve, na luta do dia a dia, sair vencedor. É o que nós estamos sentindo em casa, com poucos membros da família, mas com SAUDADES DE MIM, Clóvis bebê, garoto, adolescente... e DELA, Maria Borges (Da Filhinha), minha mãe, falecida há quase trinta anos.

Então, é o momento de deixarmos um pouco as tristezas e recordações e irmos para alguns momentos de poesia, bem próprios para nos alegrar um pouco em tempos de saudades e de pandemia:

Enlouquecer

Carlos Drummond de Andrade (1902-1987)

Enfeite-se com margaridas e ternuras e escove a alma com leves fricções de esperança.

De alma escovada e coração estouvado, saia do quintal de si mesmo e descubra o próprio jardim.

Acorde com o gosto de caqui e sorria lírios para quem passa debaixo de sua janela.

Ponha intenção de quermesse em seus olhos e beba licor de contos de fada.

Ande como se o chão estivesse repleto de sons de flauta e do céu descesse uma névoa de borboletas, cada qual trazendo uma pérola falante a dizer frases sutis e palavras de galanteria.

Se você não tem namorado é porque ainda não enlouqueceu aquele pouquinho necessário para fazer a vida parar e de repente parecer que faz sentido.

Vamos conferir nas coisas as dimensões que realmente têm, porque um simples pão com mortadela vendido em qualquer esquina, em alguns momentos, pode ter muito mais valor do que uma grande e riquíssima ceia.

Então, extraia o máximo das pequenas coisas. Assim fa-

zendo, elas se transformarão em grandes acontecimentos e sua vida será bem mais feliz. Não apenas tente, faça, porque nós podemos viver juntos, mesmo estando sozinhos e com saudades.

Discordamos de Jean Paul Sartre (1905-1980) quando diz que: "O inferno são os outros". Afirmamos que o céu somos nós e os outros, vivendo numa sociedade fraterna, respeitando os defeitos dos outros para que respeitem os nossos. O existencialismo não tem nenhuma valia para nossa vida atual e, não nos ajuda em nada, muito pelo contrário.

Finalizando, com um pensamento de Max Weber (1864-1920), intelectual, jurista e economista alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia:

"Uma sociedade que não tem sonhos, nem utopias, se chafurda no lodo dos interesses e se sucumbe".

Use só termos positivos e você verá que todos eles juntos formam a única e mais importante palavra, que deve ser usada sempre, em quaisquer circunstâncias, assumindo o Complexo de Midas, personagem da mitologia grega, rei da Frígia, que transformava em ouro tudo o que tocava, que na sociedade contemporânea adquiriu um caráter simbólico e metafórico: tocando as palavras positivas com as mãos e levando-as ao coração, formarão a palavra de quatro letras mais bonita da língua portuguesa: amor.

É isso aí, lendo você espanta o demônio, escrevendo você mata-o. T

Clóvis Roberto dos Santos
Cadeira 16 – Patrono Euclides da Cunha

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: EIXO CONDUTOR PARA O CONHECIMENTO

Alcidéa Miguel de Souza

O ato de contar e recontar histórias ou estórias ocupa a mente humana há muitos anos. Pessoas do mundo todo transmitem sua cultura, costumes, conhecimentos e crenças por meio dos contos. As histórias que foram contadas de geração em geração ainda hoje são lembradas através de livros, desenhos, pinturas, esculturas, filmes, músicas, novelas etc.

Mesmo com toda tecnologia, o conto oral ainda se mantém.

A contação de histórias antes da invenção da escrita (COELHO, 1984), era o jeito mais importante de passar uma informação adiante. A oralidade é um mecanismo antigo de propagação cultural. Por meio dela, expressamos sentimentos, conhecimentos e experiências, tornando-se uma das primeiras estratégias para estimular a imaginação, de modo a transmitir conhecimento ao indivíduo.

Para o ouvinte de primeiro contato, a história oral torna-se o seu primeiro livro.

"O ato de contar histórias deve impregnar todos os sentidos, tocando o coração e enriquecendo a leitura de mundo na trajetória de cada um" (BUSATTO, 2003, p. 87).

Como surgiu o termo: Contação de histórias?

Torres e Tettamanzy (2008) afirmam que: "O termo contação de histórias" é um termo livremente traduzido e adaptado de países de língua castelhana, "cuentacuentos", que pode significar tanto o ato de se contar histórias como o próprio contador. Na língua inglesa, temos o termo "storytelling", que significa o ato ou capacidade de narrar um

fato, de improviso, planejadamente, usando diversos tipos de recursos ou apenas um.

Benefícios da Contação de histórias:

Preserva a cultura: na cultura brasileira, há uma variedade expressiva de representações, como contos folclóricos, cantigas de ninar, contos de fadas, fábulas, quadrinhas, literatura de cordel, e outros. Alguns são parecidos com os mitos. Podem causar medo, contarem uma aventura e serem engraçados. Outros narram histórias sobre heróis, personagens enganosos, espertos ou contos que falam sobre ladrões, fantasmas e caipiras.

Quando o indivíduo ouve a história, identifica-a com a sua realidade. Esse processo faz com que ele desenvolva meios para lidar com seus sentimentos, dificuldades e emoções, estimulando cada vez mais sua memória no armazenamento da cultura que lhe foi exposta. Temos conhecimento sobre a cultura desde a Idade da Pedra, por meio do conto.

Incentiva a leitura: Para Abramovich (1997, p. 35), "a contação de história é fonte inesgotável de prazer, conhecimento e emoção, em que o lúdico e o prazer são eixos condutores no estímulo à leitura e à formação de alunos leitores".

A convivência com a oralidade desde muito cedo estimula o desejo pela leitura. E, nesse sentido, é expandido o universo de criatividade e curiosidade.

A prática da contação deve ser usada nas atividades educacionais e nos demais setores da vida, tanto das crianças como dos adultos. Além de conduzir à leitura, o professor pode incentivar a participação dos alunos, com a leitura interpretativa e com o desenvolvimento de expressões diversas.

O uso de recursos dramáticos e cenográficos podem dar ainda mais liberdade para que a história esteja por toda a sala de aula e para que os alunos embarquem na narrativa. Este ato dinamiza as aulas e incentiva a criatividade, desenvolve a comunicação, expressão, dramatização, estimula a imaginação e memorização, além de colaborar para o desenvolvimento da escrita e da oralidade, estende as relações sociais e amplia o vocabulário.

Desenvolve a expressividade: ouvir histórias vai além da receptividade. As reações que temos ao ouvi-la contribuem, para trocas de visões de mundo e compartilhamento de experiências de cada um. Nesse sentido, ela invoca as formas individuais de expressão e observação do mundo.

A própria temática da história pode abrir espaço para que o ouvinte fale sobre temas que envolvam sua vida, como o ***bullying***. Isso abre possibilidades para que o contador aplique dinâmicas para solucionar os conflitos. Estratégias criativas como cenários e sonorização, facilitarão ainda mais a interpretação do conto e a assimilação da linguagem.

Algumas dicas para uma boa contação de histórias

Leia o livro; escolha a história; memorize-a; escolha um espaço físico bem instalado e arejado; apresente-se ao grupo, mostre a capa do livro e fale do autor;

Utilize objetos para ilustrar e prender a atenção; use instrumentos musicais e o canto; você poderá usar livro, mostrar as figuras, usar cenário; diferenciar a entonação da voz; assistir vídeos de outros contadores, mas adote o seu próprio estilo.

Pratique a inclusão. Se necessário, use LIBRAS para alcançar o aluno surdo.

Histórias devem ser contadas em família, de pais para filhos, porque entre os diversos objetivos descritos neste artigo, a contação integra a família.

Lembre-se: ao contar uma história, você deve potencializar cada pessoa a contar a sua própria história.

Alcidéa Miguel de Souza
Cadeira 25 – Patrono Vinícius de Moraes

BIBLIOGRAFIA:
Exemplo de contação: https://www.youtube.com/watch?v=TV40DrKyCyU
file:///C:/Users/alcid/Downloads/1919-Texto%20do%20artigo-7614-1-10-20170804.pdf
TORRES, S. M.; TETTAMANZY, A. L. L. Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação. Revista Eletrônica de Crítica e Teoria de Literaturas, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p 25-32, jan./jun. 2008.BUSATTO, Cléo, Contar & encantar: Pequenos segredos da narrativa. Rio de Janeiro: Vozes, 2003ABRAMOVICH, F. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997. COELHO, N. N. A literatura infantil: história, teoria, análise. 3. ed. São Paulo: Quíron, 1984.

O BRASIL QUE EU QUERO

Milton Bigucci

Para ser um país de Primeiro Mundo, basta o Brasil ter garra, vontade de mudar e seriedade. Vivemos em uma terra que tem tudo. Modificar privilégios é fundamental, pois, normalmente, são financiados pelo erário público e a conta fica para o trabalhador comum. O corporativismo impede mudanças, o que é lamentável. A burocracia brasileira, além de encarecer, também aniquila os negócios, aumentando custos para o consumidor final, muitas vezes para manter privilégios.

Um absurdo. O Estado é gigantesco. É preciso privatizar mais, e com urgência.

A carga tributária também é alta, complexa e desestimulante. Nos EUA, os impostos para as empresas caíram de 35% para 21% — como estímulo para crescer. No Brasil, estamos entrando para o topo na lista de países que mais tributam suas empresas — com 34%. Em lugar de investir na eficiência do produto, o empreendedor gasta com ineficiência pelo excesso de burocracia.

O sucesso das empresas se baseia no bom atendimento, rápido e eficiente. Transmitir segurança é fundamental. Ninguém compra algo se tiver com qualquer dúvida. É preciso manter o foco. A crise causada pelo Corona vírus, neste ano de 2020 exige concentração em mudanças importantes.

O Brasil necessita com urgência implementar mudanças culturais, estimular os negócios e os investimentos. Os focos finais são o cliente, a manutenção dos empregos e o trabalho em equipe. Sozinho ninguém conseguirá esse objetivo. São importantes, amigos e parcerias. Não se deve esquecer que os empregados são parceiros e que o sucesso está nas mãos deles. A profissionalização é fundamental.

Não se deve dispender esforças com assuntos menores; desafios são diários. É preciso simplificar o Brasil; e rapidamente.

Em tempo nenhum se deve esquecer a responsabilidade so-

cial e a sustentabilidade do dia a dia. As redes sociais podem ser utilizadas para propagar as boas iniciativas.

Procurar, sempre, inovações culturais e tecnológicas. O uso das ferramentas digitais deve estar conectado no presente e no futuro. É imperativa a redução de consumo de energia tradicional — do petróleo e da água – e investir na geração de novas formas de energia, como a voltaica. São medidas que ajudarão o planeta. O custo para manter o meio ambiente deve ser reduzido.

Infelizmente, 6,8% da população brasileira é analfabeta. No Nordeste, 13,9% e no Sudeste, 3,5%. Precisamos combater o analfabetismo. Temos que aplicar mais em educação. Sou contra a erotização das crianças nas escolas.

O Brasil que quero é empregos que permitam alimentar 13 milhões de desempregados e suas famílias, número este cuja tendência, por conta da pandemia que assola a economia do nosso país e de muitas nações.

O desemprego, por longos períodos é cruel para as famílias. Crianças que crescem sem expectativa aumentando a insegurança. Nossa economia está praticamente estagnada. Uma crise que vem desde 2015, trazendo miséria, queda do PIB e aumento da violência.

A harmonia entre os poderes é necessária, mas, ao que parece a política e os partidos são o mais importante. As reformas, demoram, e seus conteúdos são sistematicamente mudados visando apenas interesses deixando de lado o que é necessário para propulsar o desenvolvimento — destravar o Brasil.

Precisamos diminuir os gastos públicos: reduzir o número de vereadores, deputados estaduais e federais, senadores e a máquina de assessores e verba de gabinete para suas despesas, auxílios de moradia, mudança, saúde etc. São bilhões de reais. Não errei não, são bilhões de reais.

Destravar a economia e criar um clima de desenvolvimento, com mais produção, mas empregos e menos política.

Eu estou ansioso para continuar produzindo e dando centenas de empregos, como sempre fiz. Não aceito marasmo. T

Milton Bigucci
Cadeira 05 – Patrono Lima Barreto

OS LIVROS DA MINHA ADOLESCÊNCIA

João Bosco dos Santos

Confesso, humildemente, que nunca fui um "devorador" de livros. Mas eles sempre me fizeram companhia, desde que aprendi a ler. Aliás, bem antes de sobraçá-los, na adolescência, já me deleitava com a leitura de gibis ou revistas em quadrinhos que me faziam flutuar nas nuvens da imaginação.

Incontáveis foram as vezes nas quais me deparei com os personagens fictícios, tais como: Tarzan, o herói das selvas; Fantasma, com seu inseparável Capeto, um lobo adestrado; Mandrake, o mágico; Bill Dinamite, o defensor mascarado e outros mais. Roy Rogers, também personagem de quadrinhos e seu valoroso corcel Trigger, foi inspirado no cantor e ator de mesmo nome, que fazia grande sucesso na época – décadas de 1940 e 1950.

Os livros, particularmente, começaram a despertar-me a atenção, a partir de 1956, pois, meu pai, a par dos seus afazeres cotidianos os trazia para casa, lia-os e deixava-os à mostra, sempre expostos, para que meus irmãos e eu pudéssemos manuseá-los. Todavia, meus irmãos não se deixavam seduzir pela leitura e buscavam outros passatempos.

O primeiro livro que me aguçou a curiosidade foi *As Fraudes Espíritas e os Fenômenos Metapsíquicos* (1949, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, RJ.), da autoria do padre jesuíta mexicano Carlos Maria de Heredia, S.J., que também era um mágico. Apesar do título chamativo, o autor, logo no prefácio, alerta que "nesta obra não tratamos do Espiritismo sob o ponto de vista religioso, mas unicamente sob o ponto de vista científico e do senso comum".

Demorei alguns dias, mas terminei a leitura daquele calhau de mais de trezentas e cinquenta páginas. Um texto denso, não muito apropriado para um garoto da minha idade. Na sequência, debrucei-me sobre *Angústia e Paz*, (1959, Livraria Agir Editora, Rio de Janeiro), de temática católica, escrita pelo Venerável Fulton J. Sheen, bispo nova-iorquino, "um dos principais expositores da doutrina católica da América de hoje", conforme citação na orelha do livro. Mais trezentas e vinte páginas de um texto profundamente filosófico. A propósito, uma frase constante nesse livro jamais me fugiu da memória:

"*O que torna a bomba perigosa não é a carga que ela contém mas o homem que a utiliza!*" Adaptei-a e a utilizei em diversas palestra que fiz ao longo dos anos.

Meus jovens amigos da adolescência estranhavam o porquê de eu ser atraído por tais livros. "É porque meu pai os compra, ué!", respondia-lhes, sem pestanejar. Num certo dia, recebi um presente de uma colega *A Volta ao Mundo por Dois Garotos* (10ª Edição, 1956, Editora Minerva Ltda., Rio de Janeiro), célebre obra do conde Henri de la Vaux e Arnald Galopin, de trezentas e oitenta páginas, que narra a aventura e suas travessuras de dois pequenos heróis, por diversos recantos do mundo. Considerado pela crítica como o melhor livro infanto-juvenil já publicado. Preservo um exemplar dessa preciosidade, desde então. *Os Doze Trabalhos de Hércules*, de Monteiro Lobato, publicado pela Editora Brasiliense, ocupam lugar privilegiado na estante da memória. Li e reli inúmeras vezes!

Quando, ocasionalmente, chegou-me às mãos uma edição de *Espumas Flutuantes*, coletânea de poemas de Castro Alves, concluído em 1870, senti-me inebriar e, mais do que nunca, senti o desejo de escrever versos, ainda que desconhecesse as regras para a realização de tal empreitada. Eu já havia lido alguns poemas do grande poeta baiano e até houvera sido instado a declamar "Navio Negreiro", em sala de aula. Guardo na lembrança, um poema daquele livro:

O "Adeus" de Teresa

A vez primeira que eu fitei Teresa,
Como as plantas que arrasta a correnteza,
A valsa nos levou nos giros seus...
E amamos juntos... E depois na sala
"Adeus" eu disse-lhe a tremer co'a fala...
E ela, corando, murmurou-me: "adeus."
Uma noite... entreabriu-se um reposteiro...
E da alcova saía um cavaleiro
Inda beijando uma mulher sem véus...
Era eu... Era a pálida Teresa!

"Adeus" lhe disse conservando-a presa...
E ela entre beijos murmurou-me: "adeus!"
Passaram tempos... sec'los de delírio
Prazeres divinais... gozos do Empíreo...
... Mas um dia volvi aos lares meus.
Partindo eu disse — "Voltarei!... descansa!...
Ela, chorando mais que uma criança,
Ela em soluços murmurou-me: "adeus!"
Quando voltei... era o palácio em festa!...
E a voz d'Ela e de um homem lá na orquestra
Preenchiam de amor o azul dos céus.
Entrei!... Ela me olhou branca... surpresa!
Foi a última vez que eu vi Teresa!...
E ela arquejando murmurou-me: "adeus!"

Augusto dos Anjos, o "poeta maldito", foi-me apresentado por um amigo. Amor à primeira vista, não sosseguei enquanto não consegui obter um exemplar de *Eu e Outras Poesias*, única obra publicada pelo grande poeta paraibano, considerado um dos mais importantes poetas do Pré-

-Modernismo. Com sua poesia antilírica e mórbida preparou o terreno para a grande renovação modernista. Dela, reproduzo:

Versos Íntimos

Vês! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera
Somente a Ingratidão – esta pantera –
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!

Quando me dispus, no ano 2006, a publicar um livro de crônicas, vali-me de uma estrofe desse soneto para dar nome ao mesmo: "*Mão que Afaga, Mão que Apedreja*".

Minha trajetória de leitor adolescente conduziu-me à procura de novos textos, para enriquecer-me literariamente e ampliar o meu vocabulário. Busquei obter livros emprestados e visitava com frequência a biblioteca da escola onde eu estudava. Papai comprava jornais, os quais traziam encartados os chamados suplementos literários

e, mensalmente, recebia em casa a edição de uma revista norte-americana traduzida para o Português, *Seleções do Reader/s Digest*, (no Brasil circula desde fevereiro de 1942). "A revista expressa a intenção de educar e estimular a leitura, produzindo matérias leves e informativas. Merece destaque a seção 'Enriqueça o seu vocabulário', que traz sempre curiosidades e testes interessantes sobre a língua vernácula." (Wikipedia)

Durante algum tempo, papai adquiriu os livros da Coleção Saraiva, para que nos deleitássemos com a sua leitura. Um dos que mais me cativaram foi *O Brigue Flibusteiro*, de Virgílio Várzea. Trata-se da história de um veleiro pirata operando no litoral brasileiro, nos tempos do Ciclo do Ouro, com o extrativismo e a exportação/contrabando do ouro para Portugal, Inglaterra, Holanda, França, Espanha. Originalmente, *"O Brigue Flibusteiro: Lenda sobre a Ilha de Trinidade"*, foi publicado em 1904, em Portugal, pela Editora Chardon.

Outro título que li, que integrava a Coleção Saraiva, foi o *Burrico Lúcio*, cujo autor, Léo Vaz, foi um escritor, professor e jornalista brasileiro, autor de romances e contos com toques satíricos. Defendeu em sua obra a *brasilidade de nosso povo* e pode ser enquadrado na linha dos escritores da chamada *literatura nacionalista*. Leonel Vaz de Barros, tomou posse na Academia Paulista de Letras, na cadeira 14, em 1929. O livro conta a história de Lúcio, um jovem que é transformado em um burrico (asno) e se vê, de uma hora pra outra, às voltas com ladrões, aproveitadores, servos e escravos, vivendo com eles uma série de aventuras.

Muitos outros livros preencheram os meus momentos de ociosidade, na minha adolescência. Como afirmei no início, jamais me considerei um leitor voraz, mas, sempre os tive por companhia, o que me fez adquirir o hábito de lê-los, desde que possível. Isso me estimulou, também, a escrevê-los, o que faço com muita satisfação. T

João Bosco dos Santos
Cadeira 28 – Patrono Catulo da Paixão Cearense

Poesias

Sebastião Geraldo Ferreira Gomes

TEMPOS QUE NÃO SORRIRAM

Se te encontras cansada,
desmotivada,
sem vontade até
de viver.
Pense no amanhã!
O dia nasce
ao aparecer o sol
e com ele
surge a alegria.
Um novo tempo
pronto para viver.
Se hoje a paz
não se faz sentida
é porque a alegria
se dissipou.
Então, procure
repensar o dia!
Não o de hoje,
mas o de ontem.
Certamente o ontem
não te foi propício.
Talvez a mágoa,
que tens na alma,
não é fruto
de discórdia.
Mas um sentimento
antigo!
O ódio recolhido,
guardado no peito,
incha o espírito
de pensamentos maus.
É por isso
que sofremos!
Se tu és boa
de coração,
expulse o ódio,
fique limpa.
Com certeza
te sentirás melhor,
pois a vida é bela
e o passado, passou.
Por que te afligires?
É bom ver o sol
a brilhar!
A gente não sabe,
mas a vida conta
que tristeza
não trás alegria!
Que rancores
distorce a visão!
Sabemos
que o belo da vida
é vive-la
intensamente.
E nada melhor
que a sorrir!
Se tu choras
por quase nada
é porque o espírito
não entendeu
que o tempo
nunca pode regredir.
Eu estou presente,
ao teu lado
e também sofro
se tu sofres!
Mas não há como
confortar-te.
Se Deus
nos quer unidos
para criar
um futuro glorioso,
esqueça os tempos
que não sorriram.

MUDAR NÃO ADIANTA

Mudar não adianta!
Esquecer também não dá!
Se vivemos desse jeito
de outro jamais será.

Se o amor encontra jeito
é porque um jeito há.
Se assim não for a vida,
que gosto terá?

Mudar,
pra que mudar,
se a vida nos quer assim?

Nos encontros e desencontros,
o amor
é quem brilha, enfim!

MEU SENTIMENTO...

Olhando as águas dos rios,
que sempre correm para o mar,
eu vejo seu rosto, nas ondas,
sorrindo para o meu olhar.
O vento açoita as palmeiras,
que balançam sem cessar,
então, eu vejo seu corpo moreno
entre as palmas a bailar.
No céu há milhões de estrelas
que cintilam sem parar!
Formam a sua imagem querida
para eu admirar.

E se a chuva, que molha meu rosto,
ao cair um som vai formar
esse ruído nas pedras
é sua voz a me sussurrar.
Palavras que voam ao vento
e aos meus ouvidos vão dar!
Entram em meu pensamento
e ali me fazem sonhar.

Eu sonho sonhos coloridos
que não consigo nem expressar.
Fecho meus olhos para o mundo
e distraído começo a cantar.
Nas frases do inconsciente
eu traduzo o meu pensamento.
Uma palavra é suficiente
para expressar esse sentimento.
Amor!...

RODA DOS DESESPERADOS

Lembro-me agora de um tempo no passado,
que existia além do espinho a linda flor.
Naquele tempo eu amava e era amado
e havia entre nós um grande amor.

Então o tempo ia passando de mansinho
e eu e ela sempre mais apaixonados.
Os nossos beijos eram cheios de carinho.
nós dois felizes como eternos namorados!

Passou um tempo e as brigas começaram.
Eu falava, ela xingava, ninguém mais se entendia.
Eu lhe mostrava os romances dos casais que se amaram
ela não fazia caso e não me compreendia.

Então o tempo foi passando mais depressa
e eu e ela quase sempre só calados.
Os nossos beijos já não eram mais promessa
e os abraços raramente eram trocados.
E veio o tempo em que as flores não são flores,
não mais existe a linda flor que mencionei.
Secou de vez a nossa fonte dos amores,
foi-se embora a mulher que tanto amei.

Então o tempo com o tempo se estancou
e eu e ela agora estamos separados.
Só peço a Deus para esquecer o que passou
e me livrar da roda dos desesperados.

BRIGAS DE NÓS DOIS

Brigas de nós dois
não são motivos de orgulho
e não são gestos de carinho.
Não fazem bem ao nosso amor,
estimulam incertezas
e só mancham nosso ninho.

Brigas de nós dois
não são provas de amor
e nem aumenta o prazer.
São apenas instrumentos
de estímulo ao fracasso
e receita para sofrer.

CORAÇÃO AVENTURA

Tu eras tão pequena
só sabias sorrir
e meu coração aventura
te fazias dormir.
Teu pai, meu amigo sincero,
tanto me queria.
Meu rosto queimado de sol
era só alegria.

Montei meu cavalo Estrela
e parti para longe,
para o amanhecer.
Vivi muitas felicidades,
amei tantas mulheres,
fi-lo por prazer!

Passei por milhões de braços,
muitas emoções.
Deixei caindo aos pedaços
tantos corações.
Cresci entre ratos e cobras,
não me preocupei.
Senti crescer a saudade
e então voltei.

Sonhei ver o meu desejo
te pedindo um beijo,
eu disse; agora vou!
Voltei para rever meu amigo
mas teu olhar, menina,
me cativou.
Voltei para rever meu amigo
mas, quem sabe um dia,
me casarei contigo.
Voltei para rever meu amigo
mas, quem sabe um dia,
serei feliz contigo. T

Sebastião Geraldo F.Gomes
Cadeira 01 — Gustavo Teixeira

Rinaldo Gissoni
(in memoriam)

O REI SONETO

Como rei, nasci cercado de esplendores
e quanta beleza, em luzes e emoções;
vim para insuflar ecléticos cantores
e reconfortar ansiosos corações...

Sou o confessor de poetas sofredores,
escrínio de ciúmes, dramas, ilusões;
fui abismo e céu de tantos sofredores,
um Petrarca, Dante, o gênio de um Camões...

Lá virão as tribos com estranhos numes,
contrárias à forma e à mística da rima
e a tudo que inspire amor, e suavidade...

Esqueci, poeta, as magoas e os queixumes,
sou o rei soneto, para quem se prima
de viver comigo, pompa e majestade!...

FUGA PARA O EGITO

A viagem foi lenta, ao longo do deserto,
mais que uma aventura fosse um destino,
rudes dimensões, e qual Egito incerto,
pela areia esquiva, e sob o sol a pino...

Estava Maria triste no deserto
enquanto levada para seu destino,
não pelo simum errante, mas de certo
por faltar abrigo para Deus-Menino.

Oasis, afinal, na extrema desventura:
sombra que alivia os cáusticos horrores,
água que mitiga a sede malsinada!...

Foi assim que um dia, a doce Criatura
espargiu consolo sobre os sofredores,
e água viva para toda a humanidade!...

O HOMEM DA MÃO SECA

Não foi surpresa...Para ser exato,
o que senti, decerto, foi piedade
de quantos sendo escravos da maldade
a mim me deram doloroso trato.

E suportei, em transe, a iniquidade...
Também, naquele derradeiro ato
reconheci na turba um ingrato
erguendo a mão com tal vivacidade!

Gesto a provar o mal da ingratidão,
e ele a gritar, de forma desmedida,
— "Bar-Abás, Bar-Abás! E não Jesus!"

Pois em Cafarnaum foi que essa mão
eu vi tão seca, orei e dei-lhe vida,
para que um dia me pregasse à Cruz!...

ASHVERO

Fico a pensar no drama palestino,
e na razão de estranha profecia...
Na hora nona, quase ao fim do dia,
marcou-se fundo um trágico destino.

Quando, naquela dolorosa via,
Ao pedir água à porta de um rabino,
Ouviu, com amargura um desatino:
— "Vai-te daqui! A jarra está vazia"!

Exangue, sob o peso do madeiro,
O Mestre ergueu-se e, com autoridade:
— "Tu Ashvero, de certo que andarás

Perambulando pelo mundo inteiro,
Sem lar algum na tua soledade,
Até que eu volte para dar-te paz"! T

Gioconda Labecca
(in memoriam)

OLHAI!

A vida não é feita só de dores,
nem é feita de lágrimas e penas...
- Olhai os campos onde nascem flores,
olhai as noites cálidas, serenas.

Olhai a Luz em místico fulgores,
iluminando ruas tão pequenas,
olhai o Sol brilhando entre esplendores,
olhai as tardes tépidas, amenas.

Se vires como é bela a Natureza
esquecereis a dor e a tristeza
e tereis momentos de prazer amenos

Encontrareis a paz que vos conforta
e a certeza que a Fé exorta,
que diante de Deus, somos pequenos.

SEM QUEIXAS

De ser só, nesta vida não me queixo...
Trago na mente os sonhos que sonhei,
e nos meus versos essas frases deixo
como rosas vermelhas que plantei.

O meu destino desviou o eixo
que me ligava ao que idealizei...
Por um descuido, por simples desleixo
de tudo que era bom me desliguei.

Recolhi-me à clausura do meu quarto,
que de Santos e Artes é tão farto,
também, tão cheio de melancolia.

Nesse ambiente austero e tão sombrio,
só a Saudade enche esse vazio,
só ela me dá Paz, faz companhia.

DUALIDADE

Esta Saudade, esta cruel Saudade
habita no escrínio do meu peito...
Já não sei distinguir o que é direito
e nem saber o que é realidade.

Eu vivo assim nessa dualidade,
num viver quase sempre insatisfeito
porque a vida não me deu direito
de escolher o que é minha vontade.

Não sou dona de mim! Dos meus desejos!
Fugiram-se de mim todos ensejos
de viver uma vida de ascensão

onde o amor fosse eterno e não findasse
e que nesse sentimento encontrasse
as amplas portas da libertação.

CONFORMISMO

Sinto que as forças me fugindo vão
Numa carreira forte, acelerada...
- Ninguém no mundo pode fazer nada
Para impedir esta destruição.

É a reta final de uma jornada
daqueles a que nesta vida estão
numa vigília triste, de plantão,
à espera da morte indesejada.

Meus passos são tão lentos, espaçados...
Os olhos lacrimosos, embaçados
E voz enfraquecida, quase rouca...

A memória falhando a todo instante,
Um cansaço, um desânimo constante,
E um sorriso forçado em minha boca.

Discursos de Posse

DISCURSO DE APRESENTAÇÃO

Posse de Sérgio Augusto Alonso Ballaminut e Gonçalo Silva Júnior, em 27 de novembro de 2019

É sempre uma grande alegria receber amantes das letras, defensores da liberdade de expressão da vilipendiada arte da comunicação, na era dos contatos virtuais instantâneos, modo que empodera, para o bem e para o mal, genialidades esconsas e imbecilidades incontidas explícitas.

Bem-vindos sejam artesãos de prosas e rimas, arautos que anunciam dramas cotidianos, capilarizando ideias e ideais, armas legítimas da democracia, hoje perdidas no cipoal das mentiras e das traições, ante a deturpação da literacia digital que desorienta nossa juventude.

De hoje em diante, caros Sérgio e Gonçalo, este sodalício lhes oferece um novo espaço, o qual, no desenvolvimento dos seus talentos, poderão decorar segundo seus gostos de ser e de estar, para combater à sua maneira a mediocridade cultural que assola o país.

Aqui é possível pincelar as cores das suas bandeiras em pensamentos e tendências que reflitam suas escolhas, moldados por escalas de valores intrínsecos, revelando marcas individuais autênticas e reafirmando indeléveis e inalienáveis truísmos que compõem seus patrimônios éticos.

Habitem-no com a grandeza inefável dos espíritos libertários, inspiradores dos nossos melhores momentos de lucidez e autorrealização, insights para a edificação de si próprios e para a preservação dos frágeis princípios do nosso jovem estado democrático.

Aqui, poderão expressar, com a autenticidade dos justos, suas aptidões, contando com o incentivo de um meio que comunga os mesmos pendores, os mesmos misteres, a mes-

ma inquietude que transborda em dores, alegrias e amores, o cultivo da palavra escrita. Revolvam esta terra fértil. Plantem. Os frutos serão sadios e as flores viçosas.

"Verba volante, scripta manent"

Ornamentem este silogeu com adereços das paixões vivenciadas e façam dele o endereço das suas mais convictas performances, seja suscitando indignações, suportando anátemas, ou mesmo revivendo sonhos pueris, mas usando sempre o que houver de mais persuasivo na sua dialética.

"Tudo vale a pena quando a alma não é pequena"(F. Pessoa).

E se a alma é grande, mantém-se vivo o entusiasmo para criar, mesmo quando um ilusionismo retrógrado se apresentar travestido de iluminismo; mesmo quando a frouxidão das leis - o laxismo conveniente e conivente - facilitar os meandros da corrupção e turvar os limites de poder das instituições, ameaçando seu equilíbrio e governabilidade.

É dos cérebros privilegiados que a nação espera o protagonismo na luta contra a ética medieval, a truculência, a estultice, o desrespeito às diversidades, o fundamentalismo religioso de um Estado teocrático e o obscurantismo das posições extremadas por retóricas populistas.

Assim seja em nome da secularidade, do Estado laico.

Não negligenciemos o combate ao vergonhoso débito humanitário que temos com os desvalidos desta injusta nação, última a extinguir a escravidão.

Abro aspas para Buda:

"O conflito não é entre o bem e o mal, mas entre o conhecimento e a ignorância".

No início dos anos oitenta até os primeiros anos deste século XXI surgiram as gerações millenium (Y) e geração centenium (Z), que vêm transformando a humanidade com novas concepções de relacionamentos, padrões de consumo, condições de trabalho, formas de emprego, habilidades

inusitadas e questionamentos da contracultura.

A evolução tecnológica, a avassaladora oferta de informações e a incrível velocidade da comunicação coloca estes jovens em um novo mundo, inconcebível na minha geração X, de após segunda guerra mundial. Estabelece-se outra grande responsabilidade para formadores de opinião nesta nova era, que é como enfrentar a ditadura digital com seu domínio de dados e doutrinação de mentes.

"Ó tempora, ó mores!"

Quais deverão ser os caminhos da Educação? Como harmonizar os diferentes costumes e construir uma convergência de interesses? Conseguiremos nos comunicar? Como devemos nos posicionar com relação às minorias? Haverá tempo ou sensibilidade para o "Pro Bono et Bello", lema desta Academia?

Enfim, está surgindo outro "Admirável Mundo Novo", livro de ficção de Aldous Huxley, escrito em 1932, sobre o como seria Londres no ano de 2050, tornando-o bastante atual no que diz respeito às potencialidades autoritárias de um governo de castas manipuladas (até geneticamente) e adestradas para servir ou cumprir destinos monitorados.

O avanço da Inteligência Artificial, descrita por Yuval Harari, escritor israelense, substituindo paulatinamente a inteligência humana, elucidando e ditando comportamentos, coloca os organismos como um conjunto de algoritmos bioquímicos a serem decifrados, e a vida apenas como um processamento de dados.

Seria o fim do romantismo? Onde ficam os sentimentos?

Estaria a inteligência se desacoplando da consciência?

Não acredito nisso, ainda. Por mais perfeita que seja uma máquina que "pensa", não consigo conceber uma que "sinta"!

Não podemos aceitar uma nova "Geração Perdida" como descreveram Gertrud Stein e Ernst Hemingway, escritores

americanos, sobre o comportamento da juventude no século passado, no período da primeira guerra mundial, e da grande depressão de 1929.

Entretanto, não nos esqueçamos da política pública mais fracassada do mundo ocidental, que é a da guerra contra as drogas, o que nos coloca atualmente em semelhante vulnerabilidade.

Condutas discricionárias nos governos levam a crises de autoridade, à perda de legitimidade das instituições e ao esquecimento de que o ser humano é a prioridade absoluta da criação divina e deve ser o objeto maior da nossa evolução física e espiritual.

Abro aspas para José Saramago, escritor português, Nobel de 1998:

"O egoísmo pessoal, o comodismo, a falta de generosidade, as pequenas covardias do cotidiano, tudo isso contribui para essa perniciosa forma de cegueira mental que consiste em estar no mundo e não ver o mundo, ou só ver dele o que for suscetível de servir aos nossos interesses".

Incivilidades que burlam regras de coexistência e convivência. Tivesse Saramago nascido no Brasil, com certeza estaria descrevendo o "jeitinho brasileiro".

Caros Sérgio e Gonçalo.

Exercer a arte de escrever carece de ebulição, de desassossego, de entusiasmo juvenil em qualquer idade; carece de destemor, de autenticidade, de voluntariedade; carece ver com olhos de enxergar, compreender com astúcia e sentir com o coração a realidade que nos envolve.
Os bons combates são travados à luz das virtudes.

No cotidiano, ao conjugarem verbos no passado, não o façam como lamentos, mas como uma louvação de aprendizado; ao declamá-los no presente, façam com a coragem dos que acreditam nos seus propósitos; ao decliná-los nos

tempos futuros, seja para referendar a sua resiliência e a confiança que o saber lhes confere.

Psicólogos chamam isso de autoestima; os teólogos, de livre arbítrio.

Estarão, assim, preparados para iniciativas que realmente transformam, que podem ser humildes na forma, mas devem ser profundas no conteúdo.

Venham.

Tragam suas experiências, suas verdades; mostrem a maneira como vocês entendem o mundo. Compreendemos o egoísmo racional, a ambição mensurada pela razão, o lado hedonista inerente a cada um de nós em busca da felicidade.

Eu lhes almejo muito sucesso e agradeço por valorizarem o capital humano desta Academia.

Nas suas trajetórias, se fustigados por ventos contrários, construam moinhos; com ventos favoráveis, inflem as velas e singrem o mar da vida rumo aos seus desejos, sonhos e fantasias.

Naveguem sem medo de abismos além do horizonte, pois a Terra não é plana, creio.

José Roberto E. Xavier
Cadeira 24 - Alberto de Oliveira

PRONUNCIAMENTO DE POSSE

de Sérgio Augusto Alonso Ballaminut à Academia de Letras da Grande São Paulo, em 27 de novembro de 2019, na Cadeira nº 20, Patrono Mário de Andrade, anteriormente ocupada pelo escritor Mario Del Rey.

Ilustríssima Acadêmica Senhora Maria Zulema Cebrian, digníssima Presidente da Academia de Letras da Grande São Paulo,

Ilustríssimo Acadêmico Senhor José Roberto Espíndola Xavier, digníssimo Vice-Presidente da Academia de Letras da Grande São Paulo, meu padrinho,

Digníssimos Acadêmicos e demais escritores presentes,

Digníssimas Autoridades presentes,

Queridos pais, esposa, parentes, amigos,

Senhoras e Senhores.

Minha poesia é leve
Não se atreve a heroísmo
Nem é pedra grande
Na iminência de abismo.

Minha poesia é doce
Não se permite amargura
Nem é pedra grande
Para pulo da criatura.

Fala do simples

Fala do belo

Belo, que é simples

Simplesmente um elo.

Elo que se deu em dado dia. Elo que forte se tornaria. Anos noventa. Eu, mero colegial; ela, minha professora, Laila Nicolau. E a influência se deu. E a poesia nasceu. E a poesia cresceu. E aqui estou eu.

E por todo apoio e incentivo com que sempre me aprouveram, outros memoráveis enlaces: meus queridos pais, Adair e Antonio, e minha saudosa tia, Rosa Crovace.

E, entre sóis, em mim, a poesia fez-se, faz-se. Dá-se. Está posta aos diversos olhares. A uns agrada, a outros desagrada em seu sagrado ofício. É que, para usar o dito de meu Patrono, que em alma minha tamborila...

Eu sou um escritor difícil

Que a muita gente enquizila,

Porém essa culpa é fácil

De se acabar duma vez:

É só tirar a cortina

Que entra luz nesta escurez.

Mário de Andrade: esse homem é paulista que nem eu...

Filho de Carlos Augusto de Moraes Andrade e Maria Luísa Leite Moraes Andrade, Mário Raul de Moraes Andrade nasceu no dia 9 de outubro de 1893, em São Paulo, onde residiu por quase toda a vida.

Foi autodidata em história, arte e sobretudo poesia, tendo lido Rimbaud e os principais poetas simbolistas franceses enquanto criança. Aos 11 anos escreveu seu primeiro poema. Durante a infância foi considerado um pianista prodígio.

Apesar de ter escrito poesia durante todo o período em que esteve no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, Mário não pensava em fazê-lo profissionalmente até que a carreira de pianista profissional deixou de ser uma opção viável. Começou, então, a estudar canto e teoria musical. Foi professor de História da Arte e, anos mais tarde, tornou-se professor catedrático de História da Música e Estética.

Aos 24 anos publicou "Há uma gota de sangue em cada poema", seu primeiro livro de poesia. Como a obra pareceu não ter tido um impacto significativo, Mário resolveu ampliar o âmbito de sua escrita, deixando São Paulo e iniciando o meticuloso trabalho de documentação sobre a história, o povo, a cultura e especialmente a música do interior do Brasil.

Ao tempo em que realizava seu trabalho de pesquisa do folclore brasileiro, Mário fez amizade com um grupo de jovens artistas e escritores de São Paulo, dos quais alguns mais tarde integrariam o chamado "Grupo dos Cinco", composto por ele próprio, os poetas Oswald de Andrade e Menotti del Picchia, além das pintoras Tarsila do Amaral e Anita Malfatti, em cuja exposição o poeta travou contato inicial com a modernidade e iniciou sua marginália.

Em 1921, passou a pertencer à Sociedade de Cultura Artística e esteve presente ao lançamento do Modernismo no banquete do Trianon. No ano seguinte, trabalhou com Anita Malfatti e Oswald de Andrade na organização da Semana de Arte Moderna, brado coletivo principal do movimento modernista.

Em 1924, realizou a "viagem da descoberta do Brasil", visitando as cidades históricas de Minas Gerais. Alguns anos depois, empreendeu as "viagens etnográficas", ao longo das quais atravessou o Amazonas e o Peru e explorou o Nordeste, experiência que aguçou o contato que sempre desejara com o Brasil "de dentro", na procura por suas verdadeiras origens.

Em 1935, organizou, com o escritor e arqueólogo Paulo Duarte, um Departamento de Cultura para a unificação da cidade de São Paulo, do qual se tornou diretor. Exerceu o cargo com a ambição que o caracterizava, ampliando seu trabalho sobre música e folclore popular e organizando exposições e conferências. Os registros da Missão de Pesquisas Folclóricas resultaram em vasto acervo, que pode ser considerado um dos primeiros projetos multimídia da cultura brasileira.

Mário de Andrade foi um dos mentores e fundadores do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que seria caracterizado por uma radical investida no inventário artístico e cultural de todo o Brasil, mas, por limitações de ordem política e financeira, acabou por ter uma atuação restrita.

Em 1939, criou a Sociedade de Etnologia e Folclore de São Paulo, sendo seu primeiro presidente. Mudou-se para o Rio de Janeiro, onde assumiu novo posto e dirigiu o 1° Congresso da Língua Nacional Cantada, um importante evento folclórico e musical.

Mário de Andrade também desempenhou relevante papel como crítico de arte e literatura. Além dos seus ensaios sobre música e poesia, opinou nos campos do folclore e cultura popular e até das artes plásticas, onde chegou a erguer e destruir reputações.

Na poesia, seus principais livros são: "Pauliceia desvairada", considerado a base do modernismo brasileiro, "Losango cáqui", "Clã do jabuti", "Remate de males", "Poe-

sia", "O Carro da miséria" e "Lira paulistana". Na prosa, foi autor de dois romances: "Amar, verbo intransitivo" e "Macunaíma".

Um capítulo à parte na produção literária de Mário de Andrade é representado pela ininterrupta correspondência do autor com colegas como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Oswald de Andrade e outros.

Mário de Andrade morreu em sua residência, em São Paulo, em 25 de fevereiro de 1945, sem qualquer reação oficial significativa. Somente dez anos mais tarde teve início sua consagração como um dos principais valores culturais do Brasil, tanto que, em 1960, foi dado o seu nome à Biblioteca Municipal de São Paulo.

Mário de Andrade já foi retratado como personagem no cinema e na televisão e é o patrono da cadeira de número 40 da Academia Brasileira de Música, tendo composto, com Heitor Villa-Lobos, a canção Viola quebrada.

Pela indiscutível relevância do legado desse grande poeta, escritor e músico à cultura brasileira, ora presto-lhe e à sua obra mais que merecida homenagem:

POEMA INTERESSANTÍSSIMO

No enleio de um prefácio
Interessantíssimo e inútil – qual dirias
Abancado à escrivaninha em São Paulo
Tu, escritor difícil que és
Enquizilas o burguês
Insultando-o de vez.

Mastigado na gostosura quente de amendoim…
Falado numa língua curumim
Pensando em tempos passados
Falas do amado teu Brasil
De noites pesadas de cheiros e calores amontoados...
Tu, Mário
Que és trezentos, trezentos-e-cinquenta
Será que contigo te encontraste
Nas voltas em que a vida reinventa?

Tu, Mário
E esse homem que vai sozinho
Pelas praças, pelas ruas de São Paulo
Que segredo tereis guardado?

Não importa.
És bom. E tudo é glória.

A forma do futuro
Define as alvoradas.

E assim, concluindo, agradeço a meu padrinho, José Roberto Espíndola Xavier, por seu apoio e confiança, e manifesto, na expectativa de poder somar esforços à missão desta Academia de Letras, minha honra, alegria e gratidão em tomar posse da Cadeira nº 20, Patrono Mário de Andrade.

Sérgio Ballaminut

PRONUNCIAMENTO DE POSSE

de Gonçalo Silva Junior à Academia de Letras da Grande São Paulo, em 27 de novembro de 2019, na Cadeira nº 21, Patrono José Lins do Rego, anteriormente ocupada pelo escritor Hildebrando Pafundi.

Excelentíssima Sra. Maria Zulema Cebrian, Presidente da Academia de Letras da Grande São Paulo;

Excelentíssimo Dr. José Roberto Xavier, meu padrinho neste momento tão especial;

Nobres colegas acadêmicos;

Senhoras autoridades presentes;

Minha família e meus amigos, que deixaram seus afazeres para vir nesta solenidade no meio da semana para me prestigiar:

Chegou o momento, finalmente, de expressar as minhas indescritíveis alegria, gratidão e honra porque, diante de todos vocês, passo a fazer parte desta ilustre Academia de Letras da Grande São Paulo, que tanto tem a ver com minha paixão maior, o mundo dos livros, ao qual dediquei toda a minha vida.

Torno-me, assim, parte de um lugar que é a casa das palavras e das ideias, o lar de quem ama a literatura e a escrita em suas múltiplas – principalmente a prosa e a poesia. Neste lugar tão nobre se celebra o dom – que não sei se tenho – para fazer a arte da escrita e, consequentemente, estimular o pensar, o refletir e levar as pessoas, por meio da criação e da informação, a transformarem o mundo em um lugar melhor.

Sinto-me à vontade para dividir com meus novos colegas essa ligação que temos pelo exercício da escrita criativa, imaginativa, poética. Encaro essa nova e desafiadora experiência como um presente da vida, uma compensação por ter me dedicado tanto ao ato de construir ou reconstruir vidas e abrir as portas da percepção por meio de minhas biografias.

É um prêmio que me foi ofertado por vocês, a partir da iniciativa do agora colega José Roberto Xavier, que me honrou com a indicação do meu nome para fazer parte desta distinta instituição de notáveis, em cumplicidade com sua esposa, nossa querida Sônia Xavier. Por seu intermédio e dos acadêmicos que julgaram meus livros, ocupo a cadeira 21, cujo patrono, pude escolher, é o meu escritor preferido, José Lins do Rego.

Para mim, aliás, *Fogo Morto* é o maior romance da língua portuguesa e tenho convicção que inspirou Gabriel Garcia Márquez a escrever sua obra-prima consagrada *Cem anos de solidão*. Quem não concordar, podemos discutir depois e creio que teremos bastante tempo para isso. Sobre Zé Lins, creio que poderia falar horas, pois, sem falsa modéstia, é grande minha intimidade com sua obra.

Mas vou contar apenas uma historinha que mostra meu interesse por tudo que ele escreveu e por sua biografia. Dos romances do ciclo da cana de açúcar às crônicas e memórias, li tudo. Em 2001, por ocasião de seu centenário, fui aos oito engenhos de sua família, na região de Pilar, na Paraíba, e entrevistei em Recife quatro irmãs dele, a mais velha com 94 anos. Foi ela quem me fez uma revelação. Contou-me que Zé Lins, quando criança, aos dez anos de idade, matou um rapaz, acidentalmente, com uma arma de fogo da tia.

Isso rendeu um momento profissional único para mim, pois essa informação teve bastante eco, após ser publicada na *Gazeta Mercantil* e até rendeu editorial em *O Estado de S. Paulo*. Desde então, permite que compreendamos melhor

porque alguém passou toda a vida tentando recriar a própria infância em tantos romances fabulosos. Em especial, *Menino de Engenho* e *Meus verdes anos*.

Tal honraria, quando me torno membro desta casa, remete-me, por gratidão, a alguns nomes que gostaria de lembrar. O primeiro deles, é de uma pessoa que não pôde estar presente, porque nos deixou há quase quatro anos. Meu pai, de quem herdei o nome e tenho enorme orgulho disso, era um homem ambicioso. Não se contentava com pouco.

Quando fiz a Primeira Comunhão, por exemplo, emocionado, chamou-me a um canto e disse, na sua simplicidade de homem do interior, devoto fervoroso de sua religião: "Eu queria que você fosse Papa". Não falou para que eu passasse antes pelos postos de padre, bispo, cardeal, arcebispo etc. Foi direto. Papa. Só Papa.

Com o tempo, viu que eu não levava jeito para a coisa. E mudou o foco. Como eu usava óculos de grau, minha avó paterna botou na cabeça dele que eu tinha cara de médico e, portanto, deveria ser doutor. Deixe-me levar por isso e tentei, juro que tentei, mas não era minha vocação. Nunca me imaginei médico. Meu negócio era ler e escrever. Desde os dez anos de idade, fazia jornais mimeografado – como eu gostava daquele cheirinho de álcool perfumado que saía da impressora. E virei jornalista.

Meu pai se chateou por um tempo. Até meu primeiro livro cair em suas mãos. Sua reação de orgulho foi, mais uma vez, seca, direta, com duas perguntas. "Foi você mesmo quem escreveu?" Respondi que sim. "Quantos livros precisa escrever para você fazer parte da Academia de Letras?" Não pude deixar de achar graça e dizer: "Menos, menos, isso nunca vai acontecer". Bom, aqui estou.

Seu sonho, portanto, está sendo realizado.

Mas, para que eu fugisse da medicina, uma outra mão

não menos importante sempre esteve estendida para mim, a da minha mãe, cúmplice de toda a vida, Dona Arminda, que está aqui, o que me enche de alegria e completa a minha noite, pois fez um enorme sacrifício para chegar aqui, por causa de problemas de saúde.

Quis o destino que ela não fosse longe nos estudos, por falta de oportunidade. Mas materializou nos quatro filhos todos os seus sonhos de estudos – uma prioridade única sua e do meu pai. "Os pais só podem deixar para os filhos duas coisas: honestidade e uma profissão", repetiam sempre.

Minha mãe é uma das pessoas mais inteligentes que conheci em toda a vida e imagino aonde ela poderia ter ido se tivesse estudado mais. Cito ainda, minha irmã, Rita, também aqui, como protetora de toda a vida, sempre na retaguarda. Tenho certeza que, neste momento, elas se sentem plenamente orgulhosas e realizadas.

Por último, um nome em especial, preciso destacar: Ana Luísa, que me acolheu com imenso carinho e amor aqui em São Caetano nesses últimos doze anos – juntamente com seus pais e seu irmão, Seu Alberto, Dona Mara e Luís Alberto – e suporta minhas manias por livros, filmes e escritas com uma bondade e ternura que jamais experimentei em toda a minha vida. Não só tolera, aliás, como alimenta, com mimos literários constantes. A ela, dedico este momento.

A todos vocês desta Academia, inclusive nossa dedicada secretária e faz-tudo Cidinha, prometo honrar o compromisso que me foi dado e que assumo com todos vocês. Prometo levar o nome desta entidade para todos os lugares e honrá-lo de todas as formas.

Muito obrigado. T

Gonçalo Junior

ACADEMIA DE LETRAS
11 AGO - 1981
S.C.SUL
PRO BONO ET BELLO
DA GRANDE SÃO PAULO